



LUCAS ALVES LIMA BARBOSA

**IDENTIDADES EM (DES)CONSTRUÇÃO:
PROBLEMATIZANDO REPRESENTAÇÕES FEMININAS
E MASCULINAS EM CHARGES, CARTUNS E TIRINHAS**

**LAVRAS – MG
2017**

LUCAS ALVES LIMA BARBOSA

**IDENTIDADES EM (DES)CONSTRUÇÃO: PROBLEMATIZANDO
REPRESENTAÇÕES FEMININAS E MASCULINAS EM CHARGES,
CARTUNS E TIRINHAS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Em Educação (Mestrado Profissional), área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Pinto Gonçalves dos Reis

**LAVRAS - MG
2017**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Barbosa, Lucas Alves Lima.

Identities em (des)construção: problematizando
representações femininas e masculinas em charges, cartuns e
tirinhas / Lucas Alves Lima Barbosa. - 2017.

112 p. : il.

Orientador(a): Fábio Pinto Gonçalves dos Reis.

.
Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Lavras, 2017.

Bibliografia.

1. Textos humorísticos. 2. Educação. 3. Subjetividades. I. Reis,
Fábio Pinto Gonçalves dos. . II. Título.

LUCAS ALVES LIMA BARBOSA

IDENTIDADES EM (DES)CONSTRUÇÃO:
PROBLEMATIZANDO REPRESENTAÇÕES FEMININAS E
MASCULINAS EM CHARGES, CARTUNS E TIRINHAS

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do programa de Pós-graduação em Educação, área de concentração Gênero e Diversidade Cultural, para obtenção do título de mestre.


APROVADA em 09 de Outubro de 2017.

Dra. Paula Regina Costa Ribeiro

FURG

Dra. Cláudia Maria Ribeiro

UFLA



Orientador

Dr. Fábio Pinto Gonçalves dos Reis

LAVRAS – MG

2017

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação e o título de mestre associado a ela à memória de minha mãe Maria de Lourdes, que sonhou este momento comigo, viu este trabalho germinar e crescer, mas não pôde vê-lo finalizado, por ter ido cultivar jovialidade e alegria em jardins inatingíveis. À você, querida mãezinha, ofereço a plenitude do que sou e do que serei, meu amor inabalável e minha gratidão perpétua. Levo comigo teu sorriso.

AGRADECIMENTOS

À Teteu e Moisés, por me ensinarem diariamente que o amor sempre prevalece;

Às amigas Tamy e Mari, que me conhecem de um modo especial e que sabem me fazer rir como ninguém;

À minha prima-irmã Nandinha, por encher meus dias de sorrisos e por compartilhar comigo momentos inesquecíveis;

Aos amigxs Isac, Tay, Lê, Guina, Maluma, Thaissa e Davi, que me mostraram que Coqueiral pode ser um lugar surpreendente;

Às minhas tias-mães, Dedete, Lola, Nana e Guiguinha, por me amarem e me aceitarem do modo que sou;

Ao clã Malandramente, Du, Renan, Sil, Tânia, Vivi e Neiva, que no dia a dia trouxeram a este período de pesquisa doçura e leveza;

Ao meu orientador, Prof. Fábio Reis, pela paciência, respaldo e direcionamento;

Ao corpo docente do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras, especialmente à Profa. Cláudia Ribeiro;

Ao grupo de pesquisa Fesex e às pessoas que nele (re)existem;

Ao vizinho, amigo de infância e cientista social Nathan Rúbio, gratidão à vida por ter nos feito parceiros de luta e resistência;

Aos amigxs Lays e Vinícius que além-mar viveram comigo uma das experiências mais incríveis da minha vida;

Pagu

Rita Lee e Zélia Duncan

*Mexo, remexo na inquisição
Só quem já morreu na fogueira
Sabe o que é ser carvão*

*Eu sou pau pra toda obra
Deus dá asas à minha cobra*

*Minha força não é bruta
Não sou freira, nem sou puta*

*Porque nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem*

*Sou rainha do meu tanque
Sou Pagu indignada no palanque*

*Fama de porra louca, tudo bem!
Minha mãe é Maria Ninguém*

*Não sou atriz, modelo, dançarina
Meu buraco é mais em cima*

*Porque nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem*

RESUMO

Esta pesquisa investigou como as identidades de gênero têm sido representadas e fixadas através de charges, cartuns e tirinhas, compreendendo estes artefatos no vasto campo da pluridiscursividade, das relações entre saber, poder e verdade e da produção de significados sobre mulheres e homens. Estes textos culturais, dotados de uma capacidade de produzir de fato aquilo que a princípio apenas nomeiam, podem ser compreendidos como instrumentos de poder que subjetivam e que agem sobre os corpos naturalizando e essencializando-os, na maioria das vezes. É interessante e necessário que busquemos, diante disto, entender os enunciados que nos circundam a partir das inspirações advindas das teorizações pós-críticas, isto é, como espaços de encontros e confrontos discursivos rizomaticamente atravessados por historicidades e significações temporais que são gestadas a partir de certos princípios reativados e potencializados cotidianamente por eles, princípios estes que não são necessariamente justos. São visíveis e ainda recorrentes ao nosso redor ideias alinhadas à secundarização e marginalização das mulheres em diversos campos da vida social, e isto é um gravíssimo problema. Na vertente pós-estruturalista, se as pessoas são formadas por signos e se as charges, cartuns e tirinhas, compreendidas como enunciações, nada mais são do que conjuntos de signos, porque não pensar no efeito destes artefatos sobre as vidas das mulheres e dos homens que se subjetivam nestas representações? Estariam estas pessoas sendo justamente o que se diz por aí sobre elas? Assumindo as características a elas reservadas? Espera-se que esta pesquisa possa contribuir não para fornecer respostas pontuais a perguntas deste tipo, mas para fazer soar problematizações, levantar poeira e até mesmo produzir ainda mais questões acerca de como nos formamos nestes processos e como lidamos com normatizações e cristalizações de verdades.

Palavras-chave: Textos humorísticos; Educação; Subjetividades.

ABSTRACT

This research investigated how gender identities have been represented and fixed through charges, cartoons and comic strips, comprising these artifacts in the vast field of pluridiscursivity, the relations between knowledge, power and truth, and the production of meanings about women and men. These cultural texts, endowed with an ability to produce in fact what they at first only name, can be understood as instruments of power that subjectivate and act upon bodies, naturalizing and essentially essentializing them. It is interesting and necessary that we seek, through this, to understand the statements that surround us from the inspirations coming from post-critical theorizations, that is, as spaces of encounters and discursive confrontations rhythmically crossed by historicities and temporal significations that are born from Certain principles reactivated and potentialized daily by them, principles that are not necessarily fair. There are visible and still recurrent around us ideas aligned with the secondary and marginalized women in various fields of social life, and this is a very serious problem. In the post-structuralist side, whether people are made up of signs and whether charges, cartoons and comic strips understood as enunciations are nothing more than sets of signs, why not think of the effect of these artifacts on the lives of women and men Which are subjective in these representations? Were these people being just what people say about them? Assuming the characteristics reserved to them? It is hoped that this research may contribute not to provide timely answers to questions of this type, but to sound problematizations, to raise dust, and even to raise even more questions about how we are formed in these processes and how we deal with normatizations and crystallizations of truths.

Keywords: Humorous Texts; Education; Subjectivities.

SUMÁRIO

RESUMO	08
ABSTRACT	09
INTRODUÇÃO	11
Capítulo 1 - A MASCULINIDADE COMO LÓCUS DA RACIONALIDADE	35
1.1 - Mulher no volante: perigo constante	41
1.2 - O homem como ser mais funcional	45
1.3 - Mulher e matemática: uma relação complicada	50
1.4 - A imagem da loira burra	53
Capítulo 2 - MULHERES, HOMENS E CORPOREIDADES	59
2.1 - Objetificação dos corpos	62
2.2 - Padrões estéticos e formatação dos corpos	68
Capítulo 3 - MULHERES, HOMENS E DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO ..	74
3.1 - A mulher e o trabalho doméstico	75
3.2 - Mulheres e homens no âmbito da atuação profissional remunerada	81
Capítulo 4 - A MULHER PROBLEMA	87
4.1 - A mulher materialista e interesseira	89
4.2 - A mulher falsa e fofqueira	94
4.3 - A mulher ambígua e incompreendida	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109

INTRODUÇÃO: OS (DES)CAMINHOS DA VIDA-PESQUISA

“Vem por aqui”: O interminável processo de devir

O devir... Campo de multiplicidades, dúvidas, entroncamentos, desdobramentos e tensões. Dizer que devir é caminho ou percurso, até certo ponto pode ser. Mas há de se considerar que devir tem ponto de partida, mas não sabe necessariamente aonde vai chegar - e muito menos se vai chegar em algum lugar: o barco deixa o porto confortável, seguro e estável, e vai encontrar o mar, oceano de forças. Se um caminho é seguro a ponto de não nos propiciar ensejos de transformação, questionamento ou reflexão, este não faz parte, portanto, de um processo de devir. No devir não existe linearidade ou previsibilidade, mas sim desordem e alterações constantes. Devir é rizoma, devir é processo interminável, devir é infinitude, devir é (des)caminho, devir é vida. Trindade (2016, sem página) nos inspira a pensar:

Há de se aprender a improvisar; uma arte dos encontros se faz a cada passo, criações contínuas serão exigidas em cada curva deste caminho. Mas não precisamos nos preocupar com a solidão, um devir acontece por expansão, contágio, ou seja, ele sempre encontra companhias em sua viagem. Os processos de devir encontram uma alegria enorme que retorna de sua própria efetuação. A potência desta expansão não quer capturar o outro! A liberdade começa a andar juntamente com a liberdade do outro! O caminho torna-se a casa do nômade, um caminho mais livre e com mais companhias!

Identidades, representações, catalogações, modelos, comportamentos, recomendações, rotas, percursos, riscos, atitudes e sujeições... É possível ponderar que vivemos assim, rodeadas e rodeados por possibilidades, incitadas e incitados por “propostas” de vida, por “convites” para percorrer caminhos - conhecidos ou não - e por uma intensa necessidade de irmos a assumir algumas posturas ditadas como apropriadas. Somos todas e todos socialmente encaixadas e encaixados dentro de determinadas expectativas que são historicamente constituídas e reativadas por nós dia após dia. As representações do êxito e as possibilidades de ser e viver estão por aí, sendo e vivendo, exercitando suas condutas enquanto são, algumas, negligenciadas, negativadas e subjugadas, ao passo que outras se veem elevadas ao estatuto de modelo. Comumente aquelas que ensaiam novas possibilidades de estar no mundo são as condutas marginalizadas pelo mencionado modelo que se distancia da pluralidade ao sabor de uma ânsia de unificação e normatização. Vivemos assim, muitas vezes presas e presos a pautas e perspectivas que ocasionalmente sobrepõem-se à nossa própria

vontade. Curiosamente, nos meandros de nossa existência e ao longo de nossas vidas identificamo-nos confortavelmente com algumas coisas, mas possivelmente também estranhemos outras e algumas vezes colocamos em xeque nestes estranhamentos muitas convicções que até então eram absolutas. Eis que começamos a desejar a fluidez e as austeras certezas começam a ceder espaço para certas dúvidas e questionamentos.

Transitamos, é claro, por inúmeros espaços, tempos, contextos e momentos e em todas estas instâncias subjetivamos as pessoas que nos rodeiam e somos também subjetivados e subjetivados por elas. Imersas e imersos nesta belíssima multiplicidade de relações humanas, (des)compomos ininterruptamente a amálgama de nossa identidade, possivelmente contrariando uma pretenciosa tendência que insiste em tentar fixa-la a todo custo de forma unívoca. Nada há de seguro ou estável, no entanto, na identidade e nas possibilidades de (des)identificação. Afinal, se (des)identificar com algo em determinado momento em hipótese alguma oferece uma garantia ou uma certeza de que o “conforto” desta (des)identificação durará eternamente. As artimanhas sociais de silenciamento e invisibilização incidem sobre aquelas e aqueles que assumem esta instabilidade e sentem-se livres no infindo processo de devir.

No poema “Cântico Negro” de José Régio, publicado pela primeira vez em 1926 no livro “Poemas de Deus e do Diabo” e encantadoramente interpretado pela menina dos olhos de Oyá no disco Carta de Amor em 2013, tenho encontrado inspiração para (re)pensar e (re)elaborar constantemente as questões que aqui levanto. Gostaria de trazê-lo neste momento, aproveitando a deixa, inclusive, para mostrar que ciência e poesia não são como água e óleo e que é possível, ao mesmo tempo, inserir cientificidade, afeto, amor e sensibilidade na ponta dos dedos. Com a palavra, José Régio:

Cântico Negro

*"Vem por aqui"
 Dizem-me alguns com os olhos doces
 Estendendo-me os braços, e seguros
 De que seria bom que eu os ouvisse
 Quando me dizem: "vem por aqui!"
 Eu olho-os com olhos lassos,
 (Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)
 E cruzo os braços,
 E nunca vou por ali...
 A minha glória é esta:
 Criar desumanidades!*

Não acompanhar ninguém.
 — Que eu vivo com o mesmo sem-vontade
 Com que rasguei o ventre à minha mãe
 Não, não vou por aí! Só vou por onde
 Me levam meus próprios passos...
 Se ao que busco saber nenhum de vós responde
 Por que me repetis: "vem por aqui!"?
 Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
 Redemoinhar aos ventos,
 Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
 A ir por aí...
 Se vim ao mundo, foi
 Só para desflorar florestas virgens,
 E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
 O mais que faço não vale nada.
 Como, pois, sereis vós
 Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem
 Para eu derrubar os meus obstáculos?...
 Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,
 E vós amais o que é fácil!
 Eu amo o Longe e a Miragem,
 Amo os abismos, as torrentes, os desertos...
 Ide! Tendes estradas,
 Tendes jardins, tendes canteiros,
 Tendes pátria, tendes tetos,
 E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...
 Eu tenho a minha Loucura !
 Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
 E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...
 Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém!
 Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
 Mas eu, que nunca principio nem acabo,
 Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.
 Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,
 Ninguém me peça definições!
 Ninguém me diga: "vem por aqui!"
 A minha vida é um vendaval que se soltou,
 É uma onda que se alevantou,
 É um átomo a mais que se animou...
 Não sei por onde vou,
 Não sei para onde vou
 Só sei que não vou por aí!

Curiosamente, as pessoas mais interessantes e apaixonantes que tenho conhecido ao longo da vida são aquelas que amam os abismos, as torrentes, os desertos, aquelas que abraçam a loucura e vangloriam o fato de suas existências serem vendavais que se soltaram. O presente trabalho se posiciona nestes (des)caminhos do devir, nestas

possibilidades múltiplas de desflorar florestas virgens e de ser-estar no mundo, possibilidades estas que, mesmo cerceadas pelas relações assimétricas de poder, resistem, mesmo que invisibilizadas ou rechaçadas dos centros de discussão e debate.

É possível vermos ao nosso redor identidades sendo gestadas, regras, tratados, filósofas/os e sábias/os. Muitas e muitos dizendo “vem por aqui” o tempo todo, proclamando jeitos “certos” de viver, modelos de condutas e de comportamentos generificados e arbitrários, que não são absolutos e nem intransponíveis, já que existem e sempre existirão aquelas e aqueles que se propõem e que se propõem a dizer “não, não vou por aí” e a questionar os inflexíveis e arbitrários padrões por meio dos quais as identidades têm sido fixadas. Nesse sentido, fabricam-se cotidianamente determinados “jeitos” unívocos de ser mulher e de ser homem através dos muitos artefatos culturais de comunicação e disseminação de informações, e é justamente sobre estes “jeitos” de se constituir enquanto mulher e/ou homem e sobre essas vozes marcadas pelo “vem por aqui”, midiaticamente difundidas, que esta pesquisa se debruça. Por meio de um olhar inundado pelos estudos de gênero percebemos o quanto é necessário problematizar as representações totalizantes do feminino e do masculino, haja vista que as pessoas, a partir da transitoriedade entre vivências e perspectivas, nem sempre se posicionam confortavelmente dentro dos limites das mencionadas representações e muitas vezes preferirão desenhar os seus próprios pés na areia inexplorada, guiadas e guiados por Deus e pelo Diabo, o que vem gerando dia após dia sofrimento, segregação e violências muitas vezes silenciosas, mas nem por isso menos dolorosas.

Entrelaçando vida-pesquisa

Tornar-me um pesquisador voltado para as questões de gênero é algo que passou a integrar meu imaginário pessoal de anseios profissionais e acadêmicos a pouco tempo, cerca de três anos. Costumo dizer que vislumbro nestes três anos um período de total efervescência epistemológica intensamente marcado por uma profunda realização, haja vista que cada dia que passa me apaixono mais por tudo aquilo que se constitui como múltiplo, vivo e dinâmico. Ao encontrar nestes estudos a marca da pluralidade sinto que estou no “lugar” certo. “Lugar” este que, no fundo, nada mais é do que um não-lugar, um espaço de trânsito e de fluxo contínuo, muitas vezes até desconfortável, afinal, egresso de uma formação notadamente cartesiana onde a segurança e a linearidade se

fizeram presentes em todos os caminhos do pensar, não foi fácil abster-me da “necessidade” da precisão e da ilusória busca por certezas definitivas e portos seguros.

Venho de uma formação extremamente racionalizada, principalmente a nível de segundo grau, onde sequer se cogitava misturar ciência e paixão em um mesmo plano. As marcas deste tipo de formação balizada pela demarcação de limites muito bem específicos algumas vezes podem ser visíveis em muitas e muitos de nós. Como aluno exemplar - porém muito inquieto - que sempre fui nos tempos de escola, lembro-me bem de, quando criança, sempre ter visto nas professoras e nos professores, pela sabedoria e cultura que nelas e neles eu enxergava e pela admiração que lhes devotava, recortes e vislumbres de um futuro que, no plano ideológico, acolhi com conforto como sendo a minha própria perspectiva de um devir ou de um futuro profissional. Além disso, venho de uma família de professoras, com destaque para minha mãe que sempre me inspirou a trilhar os caminhos dos saberes.

Desde muito jovem sempre gostei bastante de escrever e de me expressar, escrevia as melhores redações da classe, gastava a mesada com livros, compunha meus poemas, tocava violão, já era apaixonado bastante pela música popular brasileira e pelas artes, enfim, tinha uma ligação muito estreita com meu lado humano e sensível, e alimentava este lado diariamente. Curiosamente, do mesmo modo eu gostava também das ciências ditas frias, como Matemática e Física, e me dava muito bem com os números. Lembro-me de ouvir das pessoas que eu precisava focar em algo para ser alguém na vida, que eu não se podia ser bom em Português e Matemática ao mesmo tempo e que eu precisava rever meus objetivos. Que objetivos? Eu não tinha objetivos. Apenas gostava muito de estudar e de me apropriar do máximo de coisas que pudesse. Este processo me dava e ainda me dá muito prazer. Ao olhar para trás consigo enxergar com nitidez as estratégias de cerceamento que a mim foram direcionadas. Hoje penso, qual o problema de se ter aptidão pelas ciências humanas e exatas simultaneamente? Pois bem, a lógica ocidental que tem pautado o pensamento humano não tem lidado muito bem com aquelas e aqueles que borram as fronteiras entre os saberes. Ou você fica em uma caixinha, ou em outra. As mencionadas estratégias de cerceamento estão por aí para nos enquadrar. Sobre mim elas foram eficazes, até certo ponto.

Ao concluir a 8ª série fui cursar o Ensino Médio em uma Escola Técnica Federal, aos quinze anos. Concomitantemente aos estudos regulares cursava Eletrotécnica, pois me diziam que era um curso técnico que fornecia uma excelente base

conceitual para aquelas e aqueles que pretendiam fazer alguma Engenharia, que era o meu caso. No entanto, não sabia se esta escolha estava de acordo com minhas verdadeiras e íntimas pretensões. Continuei gastando o dinheiro da mesada com livros e escrevendo sobre meus sentimentos. Por isso digo que as estratégias sobre mim orquestradas foram bem-sucedidas sim, mas até certo ponto. Com a pouca idade que tinha, estava apenas percorrendo caminhos pré-estabelecidos no sentido profissional. Ouvia dizer o tempo todo que Engenharia era o curso do futuro, que as pessoas formavam e ficavam ricas. Este foi um período de uma imensa onda de jovens querendo cursar Engenharia. Diziam que só quem era louca ou louco não escolheria ser engenheira ou engenheiro. Entrei parcialmente nesta onda durante o Ensino Médio, já que gostava muito de Matemática e Física e acreditava que me daria bem na área. Nunca deixei, no entanto, de cultivar minha relação com as ciências humanas. Levei o curso, por pressões externas e internas, até o fim. Eletrotécnico formado em uma excelente instituição e com o diploma do Ensino Médio em mãos, tudo me direcionava para o curso de Engenharia Elétrica ou Engenharia de Produção.

Às vésperas de fazer a escolha do curso resolvi tomar uma decisão no sentido de evitar um afastamento brusco com relação ao meu gosto pelas humanidades. Licenciatura em Matemática foi a escolha. Deste modo seria possível preservar meu vínculo com meu lado humano. Acreditava e ainda acredito que ser professor é algo que fortalece diariamente este vínculo. Ao mesmo tempo, caso eu quisesse, seria possível também migrar para um curso de Engenharia se não me realizasse na escolha, e isso sem perder tempo, pois já estaria cursando no curso de Matemática as disciplinas da área básica de qualquer Engenharia. Nunca migrei. De fato, são nas idas e vindas que nós nos (des)encontramos e (des)construímos nossas identidades. A opção por ser professor foi muito consciente, ao contrário do que muitas vezes acontece.

Ao ingressar em um curso de Licenciatura, enquanto via grande parte de minhas/meus amigas e amigos começando a cursar Engenharia, percebo até com certo prazer o grande risco que corri de deixar de seguir meu próprio norte e me guiar totalmente por outras pautas, haja vista a “necessidade” que nós muitas vezes temos, principalmente quando somos mais jovens, de percebermo-nos imersas e imersos em uma relação de pertencimento com algumas coisas ou anseios.

Os anos de faculdade foram incríveis. Os melhores da minha vida em absolutamente todos os sentidos. Ainda no primeiro ano de faculdade, aos

dezessete/dezoito anos, pude obter a certeza de que em hipótese alguma migraria para um curso de Engenharia. O Pibid¹ - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - foi fundamental neste processo de tomada de decisão. Foi graças a este programa que tive a plena certeza de que o meu espaço era e é a sala de aula. Desde a primeira vez que pisei em uma sala de aula para ministrar uma intervenção pedagógica sobre polinômios e fatoração para uma turma de 9º ano na Escola Estadual Felipe dos Santos - Inconfidentes/MG, tive a certeza de que seria uma pessoa realizada na medida em que permanecesse naquele espaço. O prazer por ensinar que senti naquele momento uniu-se às minhas mais remotas lembranças de infância onde a intensa admiração pela imagem da/do professora/professor se fazia constantemente presente, fazendo com que eu me apaixonasse pelo ofício. Fui bolsista do Pibid durante boa parte da graduação e deixo aqui registrado minha profunda gratidão, admiração e respeito por este programa que lamentavelmente tem sido golpeado e fragilizado pelo descaso dos governistas. Tido contato direto com a Educação Básica, vivenciando a realidade escolar nos seus diversos aspectos, observando de perto os seus problemas e podendo agir sobre eles por meio das intervenções, e tudo sob a ótica de um professor em formação, em pleno contato com as inspirações teóricas que tanto nos impulsionam, foram vivências que me levam hoje a reafirmar com toda certeza a grande importância que o programa exerceu na constituição de minha identidade profissional.

Durante a graduação tive a oportunidade de, para além de mergulhar nos conhecimentos específicos da Matemática que tanto gosto, conhecer a Educação como fenômeno plural e como construção humana, sendo, deste modo, multifacetada, complexa e extremamente interessante. Passei a perceber que os constructos matemáticos - teoremas, fórmulas, axiomas, conjecturas, resultados, postulados - se constituem como estruturas científicas que, sem um sentido pedagógico que lhes sustente e que garanta sua sobrevivência no mundo escolar, possuem fins e objetivos que se esgotam em si mesmos. O que quero dizer é o seguinte: Do que adiantaria termos o Teorema de Pitágoras, por exemplo, se não houvessem pessoas dispostas à didatizá-lo e não deixa-lo morrer? Se não houvessem pessoas dispostas a ensiná-lo e assim leva-lo adiante? Certamente, muitas das mais belas edificações da mente humana não teriam

¹ <http://portal.mec.gov.br/pibid>

chegado até nós sem o respaldo das práticas pedagógicas que exercem uma função primordial no sentido de permitir que as descobertas sejam compartilhadas.

Ao longo da graduação tive também a oportunidade de participar de alguns congressos pelo Brasil que contribuíram bastante para minha inserção no contexto da linguagem acadêmica por meio dos trabalhos que fui apresentando e publicando. Em contato com professoras e professores passei a frequentar alguns grupos de pesquisa presentes na faculdade, dentre os quais destaco o Gaes - Grupo de Estudos sobre Gênero, Arte, Educação e Sexualidade - coordenado pela professora Paula Inácio Coelho, já no penúltimo período do curso. E é neste ponto que começo a estudar gênero e me apaixonar pela temática. Foi um momento de descobertas incríveis que me marcou intensamente. Lembro-me de ler os primeiros textos da área e me sentir ternamente abraçado pelo que lia. Penso não existir frenesi intelectual mais intenso do que sentir-se acolhido pelas/os autoras/es. Deixo aqui registrado minha imensa gratidão pela professora Paula que com tanta paciência e dedicação me (des)orientou durante meus primeiros passos nestes estudos.

Com o auxílio do grupo passei a me questionar se seria possível estabelecer relações entre o campo da Educação Matemática e os estudos de gênero que começara a realizar. No segundo semestre de 2014, último período do curso, fui contemplado com uma bolsa de iniciação científica pelo projeto “Educação Matemática e questões de gênero”, germinado nas discussões realizadas pelo Gaes onde passei a pensar em que medida seria possível estabelecer intersecções entre as questões concernentes à construção social do gênero e minha área mais específica de formação, a Educação Matemática. Tais indagações e conjecturas contribuíram para a estruturação do meu trabalho de conclusão de curso intitulado “Sujeitos masculinos e femininos na Educação Matemática: Uma análise de gênero sob a ótica discursiva de docentes matemáticos”, orientado pela professora Paula já mencionada acima. Neste trabalho busquei ouvir professoras e professores e problematizar as suas concepções e opiniões com relação à enunciação “meninos são naturalmente melhores em Matemática do que as meninas”.

Logo após minha formatura em fevereiro de 2015 ingressei como aluno especial no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Alfenas, onde cursei a disciplina “Leitura e Escrita: concepções e implicações pedagógicas”. Mesmo não existindo na estrutura do programa uma linha de pesquisa que abarcasse meus anseios pelas questões relacionadas à diversidade, algo relacionado diretamente a

gênero e sexualidade, resolvi levar a disciplina até o final, mas com a convicção que não permaneceria ali por muito tempo, pois o que eu queria era continuar pesquisando e estudando gênero em um programa de pós graduação que tivesse esta especificidade. E foi, de fato, uma excelente experiência permanecer até o final da disciplina. Neste momento pude me aproximar dos Novos Estudos do Letramento e compreender a leitura e a escrita como construções humanas que não devem se limitar a meras habilidades mecânicas de codificação e decodificação, mas sim serem dotadas de significações sociais, culturais e coletivas, pois é só a partir deste ponto que o letramento, de fato, pode se concretizar. É só a partir deste ponto que a leitura e a escrita podem fazer sentido na vida das pessoas que com elas se envolvem.

Ao ser aprovado no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Lavras na linha de pesquisa que mais me interessava, Gênero e Diversidades na Educação, me senti muito contente com a conquista. Já tinha ouvido falar bastante do Fesex² - Grupo de Pesquisa Relações entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente - e das ações e pesquisas desenvolvidas por seus integrantes. Estar imerso neste contexto de produção e criação que antes só ouvia falar era algo extremamente empolgante. Comecei também, juntamente com o mestrado, a lecionar na Escola Estadual Padre Anchieta - Coqueiral/MG, onde trabalho até hoje. As vivências no espaço de atuação profissional têm proporcionado muitas reflexões. A escola é um espaço interessantíssimo onde constantemente somos incitadas e incitados a repensar a serviço de quem estamos ali. Trabalhar apaixonadamente, de certa forma, tem facilitado estas percepções que tendem a nos (des)construir o tempo todo. Tais vivências, bem como outras tantas, auxiliaram também no desenvolvimento desta pesquisa.

Os (des)caminhos do viver-pesquisar: devir-dissertação

Chego ao mestrado, no segundo semestre de 2015, com a proposta de continuar me aprofundando nas relações entre o ensino da Matemática e gênero. Em meu trabalho de conclusão de curso deixei algumas portas abertas no intuito de poder, a partir delas, desenvolver outras investigações. Acredito que diante da força naturalizante ainda presente em afirmações do tipo “meninos tem mais facilidade com a Matemática do que

² <http://fesexufla.wixsite.com/fesex>

as meninas” faz-se necessário cada vez mais insistirmos no estranhamento e em processos de desnaturalização de enunciações como esta.

Pretendia, a princípio, seguir trabalhando com as questões de gênero buscando novas interações entre este campo e o da Educação Matemática, interações diferentes das já realizadas em meu trabalho de conclusão de curso onde ouvi professoras e professores de Matemática e problematizei suas concepções com relação à suposta evidência de que meninos seriam melhores em Matemática. Uma porta aberta seria, por exemplo, trabalhar indo mais além, agora com o importante respaldo da experiência profissional cotidiana, e ouvir não apenas professoras/es, mas também alunas, alunos e outras/os personagens que habitam os cenários escolares, identificando em seus discursos, memórias, histórias e relatos possíveis problematizações a serem realizadas com relação à suposta supremacia masculina nas ciências exatas e caminhos para exercitar a necessária desnaturalização.

As experiências que fui vivenciando no âmbito do mestrado, o devir - encontro com um oceano de forças - foram pouco a pouco me (des)encaminhando para questões cada vez mais amplas e instigadoras, o que causou, é claro, mudanças substanciais em meu projeto ainda em fase de construção, devir-dissertação. É muito interessante observar a forma como nossas vidas se mesclam com nossas pesquisas e de que modo estas últimas, quando realizadas de maneira apaixonada, acabam por se mostrar tão dinâmicas e instáveis quanto a própria existência de cada um de nós. Nestes (des)caminhos destaco as contribuições do grupo de pesquisa Fesex, já mencionado anteriormente. Os estudos realizados e as pessoas que tive a oportunidade de conhecer no grupo são parte fundamental deste trabalho. Uma experiência³ que em hipótese alguma poderia ficar de fora neste momento, até pela importância que teve para a efetivação deste trabalho propriamente dito, foi a viagem à Portugal que nós do Fesex, aos trancos e barrancos, conseguimos fazer em setembro de 2016. Vale enfatizar que vivenciamos inúmeras dificuldades e transpomos uma série barreiras ao longo desse processo, haja vista que tivemos pouquíssimo apoio ou fomento governamental para custear nossa ida. Com os trabalhos aprovados, buscamos com recursos próprios do grupo de pesquisa efetivar nossa participação nos eventos. Embarcamos no dia três de setembro de 2016 rumo a uma vivência coletiva que marcaria nossas vidas para sempre.

³ Para mais detalhes acerca desta experiência: <http://www.ufla.br/ascom/2016/09/22/grupo-de-pesquisa-do-departamento-de-educacao-da-ufla-participa-de-eventos-internacionais-e-encaminha-parcerias/>

Lá nós participamos de alguns eventos muito importantes e significativos. Reunião Científica com o grupo de pesquisa da professora Filomena Teixeira, em Coimbra, V Congresso Internacional em Estudos Culturais: Gênero, Direitos Humanos e Ativismos, em Aveiro, e por fim o II Seminário Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade: Formação de professores e professoras, em Braga. Foram riquíssimas também as vivências nos espaços não-institucionais, onde pude conhecer pessoas incríveis e inspiradores, ativistas, estudantes, enfim, pessoas que não passam por nós sem deixar marcas muito profundas. Foi durante a viagem, em conversas informais onde compartilhávamos discussões acerca de nossas pesquisas, que me surgiu a ideia de utilizar charges como material empírico para questionar a suposta supremacia masculina nas ciências exatas. As charges são elementos de nossa cultura que podem nos oferecer inúmeras possibilidades de pensar nas/as relações que socialmente são estabelecidas e nos processos de significação que nos atravessam e nos constituem. A expressão portuguesa “charge” tem origem no francês “charger”, que significa carga⁴. A partir desta simples tradução já é possível ter uma noção de como estes elementos - cargas - são carregados de possibilidades. Uma carga pode ser compreendida como algo que possui peso e substancialidade. Estamos falando, pois, de coisas com profundidade e densidade, coisas que podem despertar inúmeras reações.

Devir-dissertação... Como os caminhos do pesquisar tendem muitas vezes a nos colocar em situações nas quais somos convidadas e convidados a rever e repensar constantemente o caminho que estamos tomando, este trabalho continuou mudando, imerso neste processo que possui uma beleza ímpar justamente por se entrelaçar com as vivências que nos (des)constituem e nos (des)estabilizam. Algo muito interessante aconteceu. Quando fui buscar charges no intuito de nelas encontrar elementos para refletir acerca do binarismo feminino/masculino no interior da Matemática, passei a pensar neste binarismo de uma maneira mais ampla, passando pela questão da razão, da lógica, dos comportamentos, dos corpos, das relações de trabalho, enfim, percorrendo inúmeras categorias de análise e marcadores sociais que historicamente possuem uma relação com o gênero. Muitas vezes esta relação não é tão evidente, mas mesmo assim ela existe, atravessada pelas estruturas de poder que nós mesmos constituímos e que, não ocasionalmente, exercem sobre nós significativa influência. O que estou querendo

⁴ <https://www.significados.com.br/charge/>

dizer é que passei a pensar na possibilidade de encontrar um fio condutor que não fosse necessariamente a aprendizagem matemática, mas que passasse por ela. O corpus documental que encontrei acabou por me (des)orientar para outro caminho no sentido de pensar mais amplamente a produção e a reprodução das identidades de gênero em charges, não apenas no que tange à aprendizagem matemática, mas efetuando outros recortes. O material empírico que busquei me possibilitou pensar de outro modo, ampliando, de certa forma, os limites desta pesquisa. É muito interessante salientar a importância deste processo e a forma como as informações que obtemos ao pesquisar nos surpreendem e nos desafiam muitas vezes a repensar toda a proposta que inicialmente parecia tão estável e coerente. Foi exatamente isso que aconteceu com esta pesquisa, ao buscar elementos, no caso charges, para problematizar uma questão específica - a polarização feminino/masculino na Matemática - me deparei com uma série de outras possibilidades de pensar nesta polarização que passam sim pela questão da aprendizagem matemática, mas não se limitam a ela. Pesquisar apaixonadamente é abraçar o risco de, a todo momento, encontrar algo que nos instigue a alçar outros e novos voos.

Gostaria de destacar que toda esta trajetória me fez aprender intensamente e constantemente. Ao pesquisar de maneira apaixonada dificilmente conseguimos detectar os limites entre o viver e o pesquisar, haja vista que vivemos pesquisando e pesquisamos vivendo. O trabalho, a experiência formativa o crescimento pessoal que decorrem deste processo são incomensuráveis. Resolvi, então, me desafiar a pesquisar e problematizar as representações identitárias de mulheres e homens em charges, cartuns e tirinhas não apenas no tocante à Matemática, mas levando em conta outras nuances do “ser mulher” e do “ser homem” que fui encontrando na vida-pesquisa.

É importante ressaltar que resolvi agregar também à pesquisa, juntamente com as charges, textos humorísticos do tipo cartuns e tirinhas, pois descobri serem coisas diferentes⁵. A charge reúne elementos linguísticos e visuais críticos para satirizar acontecimentos atuais e temporais e possui um contexto bem definido, sendo este muitas vezes a vida política. Na maioria das vezes envolve personagens conhecidos. O cartum, por sua vez, se difere da charge por não necessariamente retratar pessoas conhecidas, utilizando-se de situações do cotidiano para fazer humor. A tirinha, por fim,

⁵ <https://umvestibulando.wordpress.com/2013/01/06/a-diferenca-entre-charge-cartum-tirinha-e-caricatura/>

é definida como sendo uma sequência de quadrinhos onde existe uma linearidade e um roteiro com o objetivo de tecer críticas a uma série de valores sociais. Em todas as definições encontramos, em geral, a ideia de que são textos críticos. Diante das noções estereotipadas e dos estigmas que muitas vezes reproduzem é possível e necessário pensarmos em que medida são tão críticos assim.

Problema de pesquisa e objetivos

Adentraremos a partir deste ponto em alguns aspectos específicos da pesquisa propriamente dita. Como questão central disparadora das discussões aqui realizadas, destaco: Como tem acontecido o processo de representação e demarcação identitária de mulheres e homens em alguns textos culturais - charges, cartuns e tirinhas - amplamente difundidos nos espaços midiáticos e quais as problematizações que podem ser feitas a partir dos elementos e significados trazidos por estes gêneros textuais? Faz-se necessário investigar como estas identidades de gênero têm sido representadas e fixadas compreendendo estes artefatos culturais no vasto campo da pluridiscursividade e das relações entre saber, poder e verdade.

Os objetivos deste trabalho giraram em torno das seguintes ações: Questionar a arbitrariedade e a fixidez de determinadas representações genéricas do feminino e do masculino, compreendendo o papel construtivo que as múltiplas linguagens assumem a partir da inspiração pós-estruturalista; Cartografar as representações femininas e masculinas em charges, cartuns e tirinhas, buscando a separação sujeito-objeto e a quebra de outras formas dicotômicas de raciocinar, delineando e visualizando as linhas de força e as relações múltiplas que afetam a subjetividade; Problematizar através das charges, cartuns e tirinhas, a partir da inspiração feminista, algumas ideias ainda recorrentes e audíveis ao nosso redor principalmente no que tange à secundarização e marginalização das mulheres em diversos campos da vida social, como por exemplo, nos campos político-administrativos e científicos; Perceber, a partir das contribuições teóricas dos Estudos Culturais, que tudo ao nosso redor educa, tudo informa, tudo ensina, tudo constrói sentidos e que os aparatos discursivos analisados devem ser compreendidos a partir do viés das pedagogias culturais que se constituem como campos de luta em torno de amplos processos de significação social; Estabelecer unidades temáticas diante dos múltiplos discursos e enunciados analisados, isto é, diante da heterogeneidade discursiva, para a partir deste princípio de organização multiplicar

as possibilidades de pensar sobre o “ser mulher” e sobre o “ser homem” diante da inspiração foucaultiana; Pensar, também a partir dos estudos foucaultianos, nas estratégias que são socialmente acionadas para delimitar a produção de determinados modos de pensar, estratégias estas que controlam o tempo todo a produção de tudo que dizemos e de tudo que fazemos; Buscar compreender os textos culturais analisados a partir das inspirações advindas das teorizações pós-críticas, isto é, como espaços de encontros e confrontos discursivos rizomaticamente atravessados por historicidades e significações temporais que são gestadas a partir de certos princípios reativados e potencializados cotidianamente por elas; Estabelecer e colocar em funcionamento a partir da inspiração dos estudos de gênero um olhar que esteja constantemente atento à desnaturalização das diferenças sociais, posicionando o material empírico dentro de um amplo contexto de produção e manutenção destas próprias diferenças que não são naturais, mas sim historicamente produzidas e coletivamente mantidas, com destaque para a noção de performatividade.

Inspirações metodológicas

Faz-se necessário deixar claro de antemão que compreendo as charges, cartuns e tirinhas que apresento neste trabalho como enunciações no sentido foucaultiano. Neste momento, no entanto, não vou me alongar acerca do que se trata um enunciado, uma enunciação, um discurso, um ato de fala ou uma formação discursiva, pois será possível perceber a diferença entre estes conceitos nas páginas subsequentes. Aqui me preocupo em delinear com maior clareza os princípios organizacionais e metodológicos que me (des)nortearam no rico e potente processo de devir-dissertação. Peço licença à cara leitora ou ao caro leitor, no entanto, para desde já chamar as charges, cartuns e tirinhas de enunciações. Será possível perceber no decorrer deste trabalho por que podemos compreender estes artefatos como tal.

Metodologicamente muito tem sido discutido com relação às pesquisas que se aventuram pelos (des)caminhos das teorizações pós-críticas, principalmente no que diz respeito aos riscos e dificuldades de se pesquisar a partir destas inspirações. Marlucy Alves Paraíso, no intuito de auxiliar e encorajar aquelas e aqueles que têm assumido esta proposta, nos traz algumas estratégias que podem ser úteis para nossos campos de pesquisa, estratégias estas que têm sido muito refletidas e foram utilizadas ao longo das problematizações feitas nesta dissertação. É importante mencionar que estes

mecanismos não podem ser lidos como princípios rígidos que devem ser seguidos rigorosamente, mas sim como possibilidades de caminhar.

A primeira estratégia proposta por Paraíso (2014, p. 35) e que foi incorporada a este trabalho é *articular e bricolar*. Saber executar articulações entre textos culturais, saberes, imagens, falas, discursos e teorias é algo muito importante, bem como lançar mão de movimentos voltados para bricolagens metodológicas, o que quer dizer que devemos sim arriscar no sentido de reinventar, misturar, reinterpretar e ressignificar metodologias, criando maneiras sempre autênticas de conduzir nossos trabalhos, tentando minimizar barreiras disciplinares historicamente impostas. No desenvolvimento deste trabalho existiu um esforço e uma vigilância constante no sentido de se abrir para experiências de diálogo entre estratégias de investigação e de (re)invenção e (re)interpretação das coisas lidas e vividas.

Nas palavras de Paraíso (2014, p. 26), “*deslocamos as linhas que separam ciência e literatura, conhecimento e ficção, arte e ciência, filosofia e comunicação. Explodimos as separações entre teoria e prática, discurso e realidade, conhecimento e saberes do senso comum, representação e realidade*”. É possível ponderar que estas discontinuidades no modo de pensar a produção de conhecimento científico se encontram em consonância com o que comumente chamamos de abordagem metodológica pós-moderna, enfatizada por Boaventura de Sousa Santos que apregoa que a ciência pós-moderna, germinada em tempos de “crise da racionalidade”, vem nos colocar diante da compreensão de que nenhum conhecimento, seja ele científico ou popular, é racional em si mesmo. A arbitrariedade reina nas definições racionais ditas modernas e criteriosas. A princípio, no interior desta lógica, não existiria nenhuma garantia certa de que o conhecimento acadêmico seja necessariamente mais racional do que os saberes populares, por exemplo. Para este autor a racionalidade, em contrapartida, só se estabeleceria a partir da configuração de arranjos e relações entre conhecimentos vindos de diferentes lugares - senso comum, saber científico, saber acadêmico, saber de experiência feito, dentre tantos outros. Nesse sentido, Santos (1995, p. 37) estabelece que o conhecimento emergente da nova ordem científica pós-moderna é pautado em um “*paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente*”. Na perspectiva do autor atribuir prudência e decência aos processos de produção de conhecimento significa assumir que os saberes - frutos desses processos - devem, de alguma forma, conectar-se ao mundo cultural e simbólico das e dos agentes que se

engendram na busca pelo novo. Em síntese, é necessário - mais do que nunca - que a produção de conhecimento científico faça sentido na vida das pessoas, e as abordagens metodológicas pós-críticas têm esta preocupação a partir do momento em que questionam as barreiras entre saberes a princípio incomunicáveis, como os saberes científicos e populares. Nesta pesquisa é possível encontrar marcas destas concepções. Isto por que o que ela objetivou foi justamente incorporar a alguns conhecimentos particulares do senso comum - as representações identitárias femininas e masculinas generificadas e estereotipadas - outras dimensões, estabelecendo assim diálogos nos quais confluem saberes e discursos vindos de diferentes lugares. Conforme aponta Santos (1995, p. 56), *“deixado a si mesmo, o senso comum é conservador e pode legitimar prepotências, mas interpenetrado pelo conhecimento científico pode estar na origem de uma nova racionalidade. Uma racionalidade feita de racionalidades”*.

Não estamos falando de uma racionalidade segmentada onde critérios de cientificidade definem o que deve ser lido como real, nem tampouco de um conhecimento que busca se impor generalizadamente e simplificadamente como uma certeza em torno de uma previsibilidade, de uma produtividade ou de um controle. A ciência moderna se pautou nestes princípios lógicos e hoje se torna clara a sua fragilidade no enfrentamento de questões complexas, como a física quântica, por exemplo. O avanço científico moderno nos ensinou a analisar as coisas através do estabelecimento de fronteiras entre os saberes, da simplificação e da limitação, haja vista que isolamos ao máximo os nossos objetos de análises, separamos eles de todas as contingências possíveis, até mesmo de nós próprias/os, pesquisadoras e pesquisadores, para assim executarmos uma investigação que seja de fato científica. Nos é permitido apenas transitar em um espaço determinado e muito limitado de certezas inteligíveis. A extrema complexidade da vida e das relações que nos permeiam não encontram espaço neste sistema moderno de racionalização e objetivação do conhecimento científico. Aquelas ou aqueles que buscaram ou buscam pensar para além dos limites impostos e construir saberes de uma maneira mais livre e/ou autêntica foram e ainda são, é possível dizer, direcionadas e direcionados ao descrédito.

O pensamento pós-moderno tem como preocupação primordial uma tentativa de compreender as coisas reais a partir da complexidade que lhes são características, complexidade esta que a modernidade, de certa forma, deixou de lado. Não se trata mais de isolar ao máximo nossos objetos para compreender como eles funcionam de maneira

legítima, sem interferências de quem quer que seja, e nem de simplificar uma realidade complexa para descobrir uma verdade sobre algo. Se abraçamos a complexidade e convivemos com ela, por que ignorá-la em nossos afazeres acadêmicos? Faz-se necessário que passemos a pensar fora das caixinhas disciplinares com as quais estamos acostumadas e acostumados a lidar. Esta pesquisa encontrou forte inspiração nestas ideias, haja vista que pretendeu analisar as representações de mulheres e homens em charges, cartuns e tirinhas não através de uma simplificação ou de uma busca de certezas, nem tampouco por meio de um isolamento hermético dos objetos de análise, haja vista que eles fazem parte de todos nós, mulheres e homens que tem acesso a este tipo de material. Não faz mais sentido insistir na separação sujeito-objeto.

Pensando em todas estas questões acabei encontrando na cartografia uma estratégia metodológica muito pertinente com a proposta. A cartografia é um método de pesquisa fundamentado nas ideias de Gilles Deleuze e Félix Guattari muito utilizado nos estudos relacionados à subjetividade. Nela a complexidade das relações e dos processos de subjetivação encontram um desejável e necessário amparo metodológico. Não é fácil ou comum sermos apresentados durante nossa formação a metodologias como esta que notadamente não se dirigem ao encontro da ordem científica por tanto tempo hegemônica. De acordo com Romagnoli (2009, p. 169) a cartografia de Deleuze e Guattari se constitui em uma *“ferramenta de investigação exatamente para abarcar a complexidade, zona de indeterminação que a acompanha, colocando problemas, investigando o coletivo de forças em cada situação, esforçando-se para não se curvar aos dogmas reducionistas”*. Nada há de seguro ou previsível no processo de cartografar uma dada situação, haja vista a vigilância constante que a cartógrafa ou o cartógrafo exercita no sentido de sempre evitar caminhos prontos, verdades pré-estabelecidas ou conceitos estáticos. Cartografar requer coragem e desejo de transformação. Para além de um conjunto de procedimentos metodológicos ela é um modo de viver, de conceber, de encarar e de construir a pesquisa. O método - não no sentido rígido e moderno da palavra com o qual estamos acostumadas e acostumados a lidar - coloca em funcionamento um novo modo de produção de conhecimento científico no qual não existem limites para a atividade criativa e nem para a junção arte-pesquisa. Rompe-se com a separação sujeito-objeto e com todas as formas dicotômicas de raciocinar, o que nos possibilita pensar em novas e inéditas conexões para delinear e visualizarmos as linhas de força e as relações múltiplas que afetam a subjetividade.

As análises que faço neste trabalho podem ser compreendidas como uma cartografia das representações de mulheres e homens em charges, cartuns e tirinhas, haja vista que busquei justamente dar conta de uma complexidade marcante, de linhas de força que nos atravessam e nos constituem enquanto mulheres e homens. Vale a pena retornarmos aos escritos de Romagnoli (2009, p. 170):

A subjetividade é constituída por múltiplas linhas e planos de forças que atuam ao mesmo tempo: linhas duras, que detêm a divisão binária de sexo, profissão, camada social, e que sempre classificam, sobrecodificam os sujeitos; e linhas flexíveis, que possibilitam o afetamento da subjetividade e criam zonas de indeterminação, permitindo-lhe agenciar. Esse afetamento da subjetividade pelo que não é ela, pelas relações efetuadas, pela intersecção com o “fora”, forma um agenciamento. Quando isso ocorre, linhas de fuga são construídas, convergindo em processos que trazem o novo. [...] Cartografar é mergulharmos nos afetos que permeiam os contextos e as relações que pretendemos conhecer, permitindo ao pesquisador também se inserir na pesquisa e comprometer-se com o objeto pesquisado, para fazer um traçado singular do que se propõe a estudar. Nesse sentido, a cartografia tem como eixo de sustentação do trabalho metodológico a invenção e a implicação do pesquisador, uma vez que ela baseia-se no pressuposto de que o conhecimento é processual e inseparável do próprio movimento da vida e dos afetos que a acompanham.

Ao cartografarmos uma dada realidade e explorarmos os modos de subjetivação que ali se processam, muitas vezes conseguimos tornar mais clara a arbitrariedade e a não naturalidade destes modos. Neste ponto existe uma possibilidade de linha de fuga e de reinvenção do presente. Nesta pesquisa busquei o tempo todo dar vazão para estas linhas inquietas e rebeldes, que não sabem bem para onde vão, mas que não se acomodam de maneira alguma dentro do que está instituído. Existem outras possibilidades de ser mulher e/ou homem - linhas de fuga - para além das identidades representadas nos textos culturais que exploro adiante, possibilidades estas que são legítimas e autênticas, devendo ser reconhecidas e respeitadas.

Pode o conhecimento científico, por si, almejar-se como uma linha de fuga? O que Deleuze e Guatarri pretenderam ao presentear-nos com estas inspirações metodológicas foi justamente isto. Não existe conhecimento fora de uma realidade, é claro. Ora ele pode estar agindo em prol das coisas que já estão fundadas, ora pode nos auxiliar a buscar o novo através de agenciamentos autênticos, inéditos e produtivos. A cartografia como método de construção de conhecimento científico nos auxilia a desarticular as engrenagens de um sistema que não nos permite pensar fora de uma série de binarismos e dualidades. Nesta pesquisa ela foi extremamente valiosa neste sentido,

isto é, para ressignificar, através dos estereótipos de gênero que se evidenciam no material empírico que apresento nas páginas seguintes, o modo como nós temos nos constituído enquanto mulheres e homens. Nós nos constituímos permeadas e permeados por muitas instâncias de poder, como a religião, justiça, família, sociedade civil, dentre outras. Estas instâncias produzem em nós efeitos que pensamos ser naturais, mas, longe disso, são construídos e muito bem solidificados. Mas as coisas não precisam ser assim tão enquadradas. Como nos ensinou Michel Foucault, nós podemos ser muito mais livres do que possamos imaginar. Como nos diz de Romagnoli (2009, p. 172) abraçando intensamente as riquíssimas ideias de Deleuze e Guatarri:

A vida é rizoma, e pode ser percorrida em diversas direções, sendo reinventada em cada viagem e por cada um que a percorre. É feita de direções flutuantes, que transbordam, sem remeterem a uma unidade. Isso não seria o próprio ato de conhecer/pesquisar? Observamos que a produção de conhecimento calcada na cartografia implica um exercício de desapego às formas acadêmicas dominantes e instituídas, ainda que elas estejam immanentemente presentes.

A segunda estratégia sugerida por Paraíso (2014, p. 36) é *buscar ler demoradamente*. Foi necessário este exercício para que eu pudesse compreender a potência dos conceitos e representações com as quais estava trabalhando. Li demoradamente, não apenas os conceitos e teorias, mas também o próprio material empírico no intuito de captar os sentidos que nele se expressavam e os pontos que me ofereciam possibilidades de problematização. A terceira estratégia sinalizada por Paraíso (2014, p. 37) é *montar, desmontar e remontar o já dito*, questões que se incorporaram à abordagem metodológica aqui descrita na medida em que convidam-nos a suspender verdades, desconfiar delas e problematiza-las, elaborando assim novos caminhos e novas possibilidades de interpretação. Como quarta estratégia Paraíso (2014, p. 38) sugere *compor, decompor e recompor*, o que me inspirou a ter, diante dos contextos analisados, uma postura inquieta, constantemente interrogativa, (des)construtiva e atenta às contingências sociais, históricas e culturais dos fenômenos estudados. Assim foi possível multiplicar os sentidos sobre questões que estão postas muitas vezes como fatos naturais ou como verdades plenas.

Para descrever, analisar e problematizar os textos culturais que aqui apresento, compreendidos como enunciações com base em uma mesma formação discursiva, para montar, desmontar, remontar, compor, decompor e recompor coisas já ditas/escritas não

há como deixar de lado a enorme pertinência dos “métodos” foucaultianos de análise do discurso que foram extremamente úteis para respaldar metodologicamente esta investigação. Por que usar “métodos” entre aspas? Michel Foucault nos deixou não um método de análise discursiva universal ou hermeticamente blindado a ser criteriosamente seguido, mas sim inúmeras possibilidades e inspirações metodológicas para, a partir delas, analisarmos o que tem sido discursivamente produzido no intuito de desterritorializar e pensar em formas diferentes de dizer/escrever as coisas que estão sendo ou que já foram ditas/escritas.

Na análise do discurso com inspiração foucaultiana não interessa, e isto foi muito importante para a condução deste trabalho, buscar por detrás de um enunciado uma verdade oculta, um fato que repousa aguardando que alguém o descubra ou uma verificação fundante e transcendente. Nesse sentido, não pretendi analisar as charges, cartuns e tirinhas procurando nestes materiais verdades sobre mulheres e homens, constatações definitivas ou comprovações irrefutáveis. A busca por um sentido último das coisas pode ser compreendida como uma ânsia de nossa formação moderna absolutamente cartesiana e racionalizada. Nada de definitivo ou permanente há por “detrás das cortinas” de um discurso, a não ser complexas e infinitas redes de saberes e relações que se complexificam na medida em que mergulhamos nelas. Conforme aponta Júnior (2009, p. 98), *“pode-se dizer que para Foucault, abaixo da superfície de uma rede complexa formada por signos, existe uma trama infinitamente mais complexa formada por interpretações, sendo elas as responsáveis pelo surgimento dos signos”*. Não há como, diante disso, permanecer na perseguição de um fato oculto no discurso, de uma segurança, de uma estabilidade ou de uma linearidade objetiva.

Ao analisar discursos nós devemos, enquanto pesquisadoras e pesquisadores que se (des)alinham e que se (des)encontram nestas perspectivas, dar conta justamente desta complexidade, não essencializando explicações, mas resgatando as relações históricas que permeiam determinadas formações discursivas, mostrando suas condições de existência, os saberes e poderes que acionam, as práticas sociais que chancelam como aceitáveis ou não, as exclusões e processos de marginalização que geram e, é claro, desconfiando sempre de suas supostas verdades.

O percurso metodológico desta pesquisa se respaldou nestas questões, buscando nas charges, cartuns e tirinhas, possibilidades múltiplas de pensar e problematizar os discursos sobre “ser mulher” e sobre “ser homem”. Em um processo de análise

discursiva que leve em conta a complexidade inerente ao próprio discurso, conforme aponta Fischer (2001, p. 206), *“o trabalho do pesquisador será constituir unidades a partir dessa dispersão, mostrar como determinados enunciados aparecem e como se distribuem no interior de um certo conjunto [...]”* Faz-se necessário deixar claro que construir estas tais unidades a partir da dispersão não significa uma estratégia de simplificação ou redução, mas sim um princípio de organização que nos permite multiplicar as possibilidades de questionamentos.

O elemento unificador ou princípio de organização dos enunciados que aqui apresento - que giram em torno do “ser mulher” e do “ser homem” - residiu no fato de todos pertencerem a uma mesma formação discursiva dentro da qual jeitos aceitáveis de “ser mulher” e de “ser homem” são diariamente produzidos. Todas as charges, cartuns e tirinhas que compõe o material empírico desta investigação foram selecionados a partir deste princípio, isto é, todos se posicionam dentro de uma mesma base discursiva. Ainda de acordo com Fischer (2001, p. 202), *“o que permitirá situar um emaranhado de enunciados numa certa organização é justamente o fato de eles pertencerem a uma certa formação discursiva”*.

No processo de coleta do material empírico fui armazenando quase que espontaneamente todas as charges, cartuns e tirinhas que pude encontrar na internet - relacionadas às identidades femininas e masculinas - que me incomodavam de certa forma, ou que exerciam sobre mim uma reação de dúvida, inquietude ou questionamento. Desta forma, o recorte utilizado foi o grau de incômodo que certas representações me causaram e ainda me causam. Estão presentes neste texto, portanto, aquelas que me despertaram e ainda despertam maior necessidade de desconstrução. Utilizei particularmente a ferramenta de busca de imagens do *google*, que nos permite uma abrangência de informações significativa. Palavras-chave e descritores do tipo “charges mulheres”, “charges homens”, “charges gênero” foram utilizadas nas buscas.

Apresento a fonte, isto é, o lugar virtual onde encontrei cada charge, cartum ou tirinha, mas não trago a autoria, e gostaria de explicar o motivo. Na maioria das vezes é muito difícil detectar a autoria exata de algo publicado na internet, principalmente quando estamos tratando de imagens. A princípio eu pretendia trazer o nome da autora ou do autor de cada imagem, mas as plataformas de dados online muitas vezes se mesclam umas com as outras de modo bastante complexo, dificultando por demasiado o trabalho daquela/e que busca no espaço virtual uma referência segura acerca das

autorias. Algumas autoras e autores de imagens humorísticas cunham na própria montagem artística do texto suas assinaturas para tentar resguardar seus direitos autorais, como será possível perceber em vários momentos. Mas nem sempre isto acontece, o que tornou inviável a definição autoral exata dos materiais, como pretendia no início. E mesmo quando esta cunhagem acontece não há como ter uma garantia segura de que ninguém possa ter, por exemplo, apagado ou alterado através de softwares de manipulação de imagens a marca pessoal da/o autora ou do autor. É um risco assumido por aquelas e aqueles que se aventuram em problematizações de materiais disponibilizados na incomensurável rede da internet. Veremos neste trabalho muitas charges machistas, agressivas e sexistas. Penso, pois, quantas delas não teriam sido produzidas pelas próprias mulheres? É uma resposta que não tenho condições de fornecer, mesmo que imagine a resposta.

Ao “fim” destes processos de buscas e inquietações me vi diante de cerca de trinta e cinco textos humorísticos majoritariamente abarcados dentro de uma mesma formação discursiva: nossa cultura ocidental, patriarcal misógina e historicamente excludente. O que me permitiu reunir este corpus documental em um mesmo espaço textual foi o fato de pertencerem a uma mesma formação discursiva. Assim, reunidos os elementos problematizáveis a partir deste princípio, percebi que era preciso, para compor organizadamente esta dissertação, situá-los em eixos temáticos para analisá-los de modo mais eficaz, e também diminuir o número de representações a serem problematizadas, haja vista que trinta e cinco é um número expressivo em termos de trabalho e tempo a ser empreendido.

Como construir estes eixos temáticos? Ao ler e reler demoradamente as charges, cartuns e tirinhas, fui visualizando coisas em comum entre as enunciações, uma certa coerência e uma tentativa de fixação com relação à alguns aspectos que seriam mais femininos ou masculinos. Conforme fui percebendo os mecanismos de fixação identitária nos materiais analisados, fui construindo os eixos temáticos que deram origem aos capítulos e seções. Neste processo o número de textos humorísticos caiu para vinte e seis, isto porque alguns traziam entre si sentidos muito parecidos ou ideias muito próximas, de modo que determinadas enunciações acabaram ficando de lado, pois achei mais importante pluralizar as representações do que repetir algumas.

Em algumas representações percebi como recorrente o estereótipo da loira burra, por exemplo. Reuni então estes textos humorísticos para problematiza-los em um

momento específico do texto. Foi recorrente também a associação direta da mulher com o trabalho doméstico, o que deu origem a uma outra seção. Deste modo foi possível tecer este trabalho, relacionando as enunciações entre si, identificando possíveis ligações entre elas e organizando-as a partir desta lógica. Assumo, portanto, uma provisoriamente nestes eixos temáticos. Eles foram feitas em um momento específico e a partir de um olhar particular, não sendo, portanto, universais e nem imutáveis neste processo de devir-dissertação. Elas estão, neste sentido, completamente sujeitas a abalos e (re)significações vindas de outras problematizações ou de outros modos de pensar.

Procurei estar atento durante as análises à identificação dos quatro elementos básicos que constituem um enunciado - acerca do “ser mulher” e do “ser homem” - que, a partir do “método” de abordagem elaborado por Michel Foucault e descrito por Fischer (2001) e Severiano (2016), são: O referente, isto é, a referência a alguma coisa que compreendemos; O sujeito, no sentido de posição a ser ocupada, no caso, quem seriam os sujeitos idealizados pelos enunciados; O campo associado, ou seja, o enunciado não existe sozinho, mas, pelo contrário, convive com uma série de outras forças que precisam também ser descritas. Por fim, a materialidade específica, que é a forma como o enunciado se manifesta, seja pela mídia, internet, jornais ou atos de fala que são passíveis de repetição. É sempre importante lembrarmos destes quatro elementos básicos que nos instigam a esmiuçar os enunciados e melhor entendê-los na conjuntura em que se inserem.

A quinta estratégia mencionada por Paraíso (2014, p. 39) é *perguntar e interrogar*. Diante dos materiais analisados procurei pensar: O que é isso? Como isso funciona? O que posso fazer com isso? O que as pessoas fazem com isso? Mais uma vez a postura interrogativa da pesquisadora ou do pesquisador diante da realidade se mostra extremamente necessária. A sexta estratégia metodológica proposta por Paraíso (2014, p. 39 - 40) é *descrever*, e descrever muito, minuciosamente, considerando todos os pormenores possíveis e os poderes microfísicos presentes na situação analisada. Foram nestes detalhamentos que muitas vezes consegui impulsos para múltiplas ramificações. Em sétimo lugar Paraíso (2014, p. 40 - 41) nos chama atenção para a questão das *relações de poder*, mas de que poder estamos falando? De um poder “não verticalizado” que se insere capilarmente em todas as tramas sociais e que norteia nossas ações. Paraíso (2014, p. 41) coloca como oitava estratégia, *multiplicar*, e isto nos incita a

pensar na importância de atribuímos não um sentido único aos fatos, mas sentidos diversos e dinâmicos que se confrontam por diversas vezes.

A nona estratégia de Paraíso (2014, p. 42) é *poetizar*, pesquisar-poetizando, isto é, apaixonar-se pela proposta e não ter medo de rompimentos e rupturas, e nem de manifestar na escrita a paixão, a inquietude, o desejo e a sede por criar interpretações novas. De minha parte, existe sim paixão e muito desejo por esta pesquisa e pela proposta desafiadora que acolhi desde os estágios mais embrionários deste trabalho. A décima e última estratégia deixada por Paraíso (2014, p. 42 - 43) e abraçada por esta pesquisa é *estar à espreita*, pois, de fato, lidamos com coisas muito complexas, humanas, subjetivas e, por isso, devemos estar sempre abertas/os e receptivas/os, observando sempre o que há de interessante ao nosso redor que possa ter valia para nós em nossas vidas-pesquisas.

Expostos os amparos metodológicos que me auxiliaram e que ainda me auxiliam no processo infindo de devir-dissertação, adentraremos a partir de agora no propósito central deste trabalho: problematizar. Ao longo dos capítulos subsequentes serão problematizadas uma série de representações femininas e masculinas que têm instaurado ao longo do tempo regimes de verdade em torno do “ser mulher” e do “ser homem: a constituição da mulher como ser menos racional, ao passo em que o homem naturalmente seria muito mais funcional e mais ativo; a objetificação da mulher e do homem, as diferenças entre esses dois processos completamente diferentes; a existência de padrões estéticos que recaem sobre todos nós, mas que sobre as mulheres parecem incidir com muito mais força, isto é, a vaidade feminina indispensável e a vaidade masculina opcional; a mulher dona de casa e o homem provedor dos meios de sobrevivência, dentre outras questões que virão em seguida. Vamos mergulhar em um mar de representações, charges, cartuns e tirinhas que nos permitirão pensar de modo muito mais amplo a constituição histórica, social e cultural dos modos e dos enquadramentos que temos implementado e mantido coletivamente.

CAPÍTULO 1 - A MASCULINIDADE COMO LÓCUS DA RACIONALIDADE

Muito tem sido discutido sobre diferenças entre o modo de pensar feminino e o modo de pensar masculino. Neste espaço confluem discursos vindos de diferentes lugares, da ciência, da religião, da mitologia, da história, das instituições civis, enfim, de todas os lugares sociais que de certa forma se constituem como disparadores de processos de significação. A ciência em particular tem empreendido um esforço notável no sentido de descobrir as diferenças cognitivas e cerebrais entre mulheres e homens, o que tem gerado muitos estudos nas mais diversas áreas, com destaque para a Biologia, Medicina e Psicologia. As pessoas estão cada vez mais interessadas em saber de onde vêm as diferenças percebidas entre os sexos. Comumente as origens destas diferenças têm sido associadas à natureza ou a uma instância transcendente: somos diferentes porque cognitivamente distinguíveis ou, por exemplo, somos diferentes porque Deus nos fez assim, mulheres e homens, para cada um desempenhar suas funções específicas.

Quando falo de sexo pode-se pensar que estou me reportando ao “dado biológico” e “natural” a partir do qual os sentidos culturais e sociais agem, formando o que se entende por gênero. No entanto, a partir das contribuições de Butler (2003) que vêm positivamente tensionar este conceito, é interessante considerar que mesmo o sexo - muitas vezes naturalizado - não se constitui fora da cultura. Os “marcadores biológicos” não são definidos da forma como os conhecemos por acaso. Estão imersos em um processo de significação científica que define, inventa e cria. Quanto mais nos envolvemos com os estudos pós-estruturalistas, mas percebemos que nenhuma diferença é natural, nem mesmo a diferença sexual anatômica.

Nos cenários discursivos humorísticos estas diferenças também têm sido constantemente sinalizadas. Subjacentes aos artefatos de humor existem objetivos tais como divertir as pessoas, entreter, gerar risadas e comentários. Charges, cartuns e tirinhas são gêneros textuais que se enquadram nesta categoria, pois, de alguma forma, buscam gerar o efeito de humor. Muitas vezes apelam para as diferenças percebidas entre condutas femininas e masculinas para causar este efeito. Só que esta questão não é tratada neste trabalho como apenas humor, de maneira despreziosa ou ingênua. Produções culturais tidas como piadas muitas vezes tendem a fugir da nossa análise crítica, haja vista que aparentemente não faria muito sentido levar o universo humorístico a sério. “*É só uma piadinha*”, “*O que tem demais nisso?*”, “*A geração*

mimimi não aceita nem piada mais”, são enunciações que geralmente ouvimos quando tentamos encarar com mais profundidade e seriedade questões que as pessoas insistem em compreender como meramente rasas e incapazes de acometer e arrebatam pessoas. É como se o humor existisse em um nível diferenciado no qual não seria possível a existência de violências e de desrespeito. “*É só uma piada e pronto, nada mais do que isso*”. Será? Será que as coisas são tão simples assim? Será que é só uma piadinha mesmo? Despretensiosa e inocente? O que será que essa piada tem feito ou legitimado ao longo da história? Será que no humor pode tudo mesmo?

Não é de hoje que o homem tem sido considerado o ser mais racional, dotado de características que o permitem fazer coisas que as mulheres não fazem, pelo menos não com a mesma destreza ou facilidade. Chassot (2004) em seu brilhante e profundo estudo acerca da nossa cultura machista, analisa minuciosamente as razões pelas quais as mulheres ao longo da história têm sido consideradas racionalmente inferiores e conseqüentemente afastadas das ciências e dos espaços acadêmicos. Ele associa este afastamento à nossa tríplice ancestralidade: grega, judaica e cristã. Em todas estas tradições a mulher já surge com uma carga de negatividade muito forte. Basta citar apenas uma para termos uma breve noção, a tradição grega - que nos constitui, mesmo que não tenhamos consciência disto. Nela a mulher sempre foi considerada problemática, desde a origem de todas as coisas que existem. Através da mitologia clássica sabemos - pelos relatos históricos - que Prometeu usurpou o fogo do Olimpo, trazendo-o para os humanos como presente, o que deixou Zeus furioso. Em estado de ira, Zeus criou a mulher como castigo e deu-lhe o nome de Pandora. Ela veio a Terra, trazendo consigo uma caixa contendo todas as desgraças que corroem a humanidade, que afligem todas e todos nós. Pandora não pensou racionalmente nas conseqüências de seus atos e então abriu a caixa, e a aflição iniciou-se.

Não é muito difícil ouvirmos ao nosso redor que este raciocínio feminino não seria capaz de se igualar ao raciocínio do homem, já que o homem é uma espécie superior e mais avançada, em constante evolução e aperfeiçoamento. Com relação especificamente ao modo de pensar feminino, ao raciocínio da mulher, os textos humorísticos - não ocasionalmente - têm apresentado marcas desta historicidade toda, associando este raciocínio a um descrédito, se comparado ao raciocínio do homem. Este, por sua vez, é e sempre foi mais sagaz, perspicaz e esperto, responsável por ir à caça e com bravura lutar para manter o lar abastecido e protegido. Muitas e muitos

ainda mantêm este modo de pensar. É de certa forma comum ouvirmos piadas ou anedotas que centralizam as restrições geradas pelo simples fato de ser mulher. Residiria nas pessoas do sexo feminino uma incapacidade ou uma limitação com relação à execução de algumas tarefas, principalmente aquelas mais lógicas e/ou técnicas. Seria assim o cérebro de uma mulher:

O CÉREBRO DA MULHER



PS: As glândulas que capacitam para trocar o óleo do carro e ficar quieta durante os jogos de futebol, só são activadas pelo brilho de diamantes ou por anúncios de saldos.

Fonte: <https://chuvasdeverao.wordpress.com/category/charge/>

É interessante observar o modo como as aptidões ou as incapacidades femininas são essencializadas neste texto humorístico. As características que constituem o modo de funcionamento do cérebro feminino são colocadas de maneira muito natural, como se a verdade eternamente fosse esta e como se estas definições contemplassem todas as pessoas do sexo feminino. A subjetividade de cada mulher é violada em prol de uma generalização muito problemática. O que não podemos deixar de lado é o fato de esta representação não estar necessariamente refletindo uma “verdade”, mas sim criando o que é real e o que as pessoas percebem como sendo parte integrante da realidade. Nesta realidade mulheres têm pouco ou nenhum espaço em seus cérebros para abarcar habilidades técnicas, aptidão para dirigir, iniciativa sexual, dentre outras coisas. Em contrapartida existe muito espaço para roupas, compras e muita memória para dizer mal

das outras mulheres. Assim vai sendo delineado um perfil feminino que, diferentemente do masculino, se afasta progressivamente da razão e caminha para uma zona obscura onde reina a vaidade, a emoção e a intensificação dos instintos e desejos humanos. É preciso compreender que este perfil é criado e alimentado por nós através de processos complexos de estereotipação.

Ao mesmo tempo em que textos humorísticos como este vêm construir “verdades” acerca de um jeito mais propício, comum ou aceitável de ser mulher, vem criar também um jeito mais aceitável de ser homem, pois o gênero é sempre uma categoria relacional, como Scott (1995) nos inspira a considerar. Se hoje temos condições teóricas de pensar deste modo mais amplo, é graças à pluralidade inerente ao próprio conceito de gênero, conceito este que abarca consigo uma história notadamente marcada por processos dinâmicos de (re)construção e (re)elaboração constantes. O conceito de gênero inclusive permanece aberto às novas demandas históricas, sociais, teóricas e empíricas que o desafiam o tempo todo. Gênero é conceito vivo no mundo. A categoria relacional que nos convida a refletir não apenas acerca do gênero, mas também nas - e a partir das - relações de gênero, se dá a partir de uma “viragem” teórica e epistemológica sobre a qual Louro (2000, p. 14) disserta:

Ao utilizar gênero, deixava de fazer-se uma história, uma psicologia ou uma literatura das mulheres, sobre as mulheres, e passava a analisar-se a construção social e cultural do feminino e do masculino, atentando para as formas pelas quais os sujeitos se constituíam e eram constituídos, por meio de relações sociais de poder.

A partir desta “viragem” do conceito, portanto, o que passa a nos interessar mais profundamente é a análise do gênero a partir de uma perspectiva relacional: mulheres e homens, seres sociais, culturais e históricos que estabelecem entre si relações - nem sempre justas - e negociam significados, identidades e pautas a serem seguidas. Sempre que falamos das mulheres, portanto, estamos a falar também dos homens, e vice-versa.

Podemos pensar que os homens vão sendo, a partir da caracterização do “oposto feminino”, circundados de características que os aproximam de um patamar mais ativo e operacional, mas é claro que existem discontinuidades. De modo geral, são eles que detêm com primazia noções e habilidades técnicas e aptidão para dirigir, dentre outras. É permitido a eles ter iniciativa sexual, ao passo que para elas este espaço ainda é renegado, haja vista que nos cérebros delas pouco existiria espaço para esta questão.

Também há um mínimo espaço no cérebro feminino para a diferença entre querer e precisar, elas não pensam antes de agir e acumulam coisas sem precisão. Vale a pena prestar atenção também na nota que vem logo embaixo do cérebro, o que evidencia a representação da mulher como interesseira e materialista, estas características serão discutidas mais adiante. Observemos agora uma representação do cérebro masculino:

O CÉREBRO DO HOMEM



PS: Não foi possível desenhar a glândula responsável para ouvir o choro dos bebês durante a noite, devido à mesma ser demasiadamente pequena e só possível ser vista por um microscópio eletrônico.

Fonte: <http://deboooanalagoa.blogspot.com.br/2014/05/entenda-como-funciona-o-cerebro-do.html>

O que chama atenção em primeiro lugar é o espaço ocupado pelo sexo. Ao homem é permitido pensar em prazeres carnavais, desde muito tempo. A memória para filmes pornô também é notável. Estamos diante de muitas características em uma mesma representação, sendo que esta apresenta perceptíveis discontinuidades: se o masculino historicamente tem sido considerado o lócus da racionalidade, porque o nível de atenção no cérebro deles está tão pequeno? Poderia ser maior, é claro. Por outro lado há de se considerar a inteligência para assuntos complexos, inexistente no cérebro feminino. Todas estas nuances do “ser mulher” e do “ser homem” são passíveis, pois, de problematização. É necessário cada vez mais que nos inquietemos e que nos

posicionemos de maneira crítica diante de representações estereotipadas, haja vista que estas representações incidem sobre vidas que de algum modo podem acabar se pautando nelas em alguns momentos. Como pretendo ao longo de todo este trabalho problematizar identidades femininas e masculinas, multiplicando as possibilidades de ser e estar no mundo, considero pertinente trazer o que entendo por problematização, haja vista a centralidade que esta palavra adquire neste trabalho. Para isto me reporto à Diello (2009, p. 65 - 66) que, inspirada pelo modo foucaultiano de pensar nos diz:

É sob o signo da problematização que Foucault reorientará o seu trabalho a partir do segundo volume de História da Sexualidade e ao tecer sua noção de problematização [...]. A noção de problematização parte da ideia de que nada está dado, e assim pode se constituir em objeto de reflexão e de efetivo exercício do pensamento, sendo que, para analisar o sujeito, a subjetivação, o fazer-se sujeito, Foucault não parte “do entendimento de que (...) seja uma entidade natural e, assim, pré-existente ao mundo social, político, cultural e econômico” (DELEUZE, 2006, p. 108). Para ele não há o sujeito soberano, portador de uma verdade profunda que o faça ontologicamente absoluto; para ele há a subjetivação e seus condicionantes históricos. É a compreensão sobre a problematização disso que permitirá entender o porquê de sermos como nos apresentamos, assim como, o que somos hoje.

Problematizar, neste sentido, diz respeito a uma atividade e um esforço do pensamento voltado para a inquietude, para a desnaturalização e para a não aceitação de explicações universais que tentam nos justificar ou nos explicar genericamente. Não somos o que somos por mero acaso ou pelo sopro de alguma instância superior, somos subjetivadas e subjetivados, e todas as coisas com as quais nos relacionamos - inclusive com nós mesmas/os - podem se tornar objetos de reflexão. A problematização parte da ideia de que as relações que estabelecemos não são tão naturais como comumente costumamos pensar. Diante disto é sempre possível questionar e estranhar, e este trabalho é fruto justamente desta inquietude do pensamento.

Problematizar ajuda a entender como nós nos tornamos aquilo que somos permeadas e permeados por inúmeras relações assimétricas de poder e saber. Ao me propor a problematizar representações femininas e masculinas em charges, cartuns e tirinhas, busco, movido pelo conceito de problematização que mencionei, desnaturalizar diferenças que muitas vezes estão postas como naturais, multiplicar os sujeitos e as possibilidades de ser, complexificar as relações que nos constituem enquanto mulheres e homens e mostrar como tem se configurado a luta pela imposição de sentidos sobre o “ser mulher” e sobre o “ser homem” em determinadas representações humorísticas. Nesta

seção em particular vou me deter à problematização do modo como o raciocínio das mulheres e a cadência lenta do pensamento atribuído a elas se constituem também como objetos naturalizados, como aspectos naturais da identidade feminina.

Mulher no volante: perigo constante

Em um esforço para encontrar em textos humorísticos representações femininas e masculinas passíveis de problematização, a questão da mulher como sendo pouco dotada de habilidades racionais para dirigir foi algo que adquiriu destaque. São muitos os espaços onde esta ideia se faz presente e as mulheres sentem na pele este preconceito dia após dia. Precisamos pensar sobre isto e desconstruir esta noção machista que reserva unicamente aos sujeitos do sexo masculino o direito de ser um bom condutor. Souza (2010, p. 09) nos convida a pensar nas raízes deste problema:

A discriminação da mulher no trânsito reporta à distinção historicamente construída que submete a mulher ao espaço da casa, do lar, cumprindo seu papel reprodutor e destina o homem ao mundo público, a rua, cumprindo o papel de provedor. Embora a forma de apropriação do espaço pela mulher venha se modificando através dos tempos, o discurso social que rege as condutas de gênero continua propagando relações hegemônicas de poder, dizendo que “lugar de mulher é na cozinha, pilotando fogão”.

Precisamos pensar nas implicações que enunciações e atitudes preconceituosas têm exercido sobre a subjetividade das pessoas. No caso, estariam as mulheres saindo indiferentes de situações onde se veem menosprezadas quanto às suas habilidades para dirigir? Possivelmente, como tudo que nos rodeia nos compõe e constrói “verdades” sobre as/os outras/os e sobre nós mesmas/os, é possível que as mulheres estejam vendo a si próprias como menos capazes e cristalizando esta “verdade” nas amálgamas que compõe suas subjetividades. Vejamos esta tirinha:



Fonte: <http://www.piadas.com.br/blogs/brunabianca/piada-desejo-ser-boa-motorista>

Aqui a mulher deseja inteligência, lógica e ser uma ótima motorista. Para conquistar estes desejáveis predicados a única solução é transformar-se em um homem. E é isto que a fonte dos desejos faz. Entende-se que as características mencionadas simplesmente não podem existir em uma mulher, e a transformação acontece. Este texto humorístico é carregado de valores e ao mesmo tempo atua cancelando modos de conduta femininos e masculinos. Em conjunto com ele existem outras e inúmeras representações do “ser mulher” e do “ser homem” que, em conjunto, exercem um engenhoso e complexo trabalho no sentido de inserir em nossos corpos significados e “verdades” sobre nós mesmas/os e sobre as pessoas com as quais nós nos relacionamos, de maneira direta ou não.

O trânsito é apenas um dentre os muitos espaços onde violências e preconceitos de gênero acontecem. As mulheres sofrem preconceito no trânsito e são vítimas de um histórico processo de discriminação e desrespeito. Supostamente elas não teriam as mesmas habilidades racionais e técnicas que os homens possuem para conduzir, haja vista que seu espaço é o doméstico. Acumulam-se as anedotas que reforçam este estigma, sempre tem alguém com uma piada pronta para satirizar uma mulher que, por alguma razão, cometeu algum erro no volante. Quando um homem por acaso comete algum erro as coisas se processam de maneira completamente diferente. Possivelmente o motorista deve ter feito de tudo para evitar. Quando se trata de uma mulher

comumente surge alguém dizendo em alto e bom tom: “Tinha que ser mulher mesmo”. Voltemos aos escritos de Souza (2010, p. 4 - 5) que nos ajudam a entender os efeitos de tudo isso sobre as mulheres, especificamente:

Na pergunta seguinte foi solicitado que as mulheres relatassem como se sentem quando sofrem preconceito no trânsito. As respostas foram diversificadas, expressando diferentes sentimentos e emoções: “Acho desagradável”; “Fico chateada”; “Sinto-me inferiorizada”; “Fico irritada”; “Fico com raiva”; “Sinto-me péssima”; “Sinto-me impotente”; “Sinto-me totalmente exposta”; “Sinto-me diminuída”; “Não gosto”; “Fico indignada”; “Sinto-me acuada”; “Sinto-me agredida e humilhada”; “Fico constrangida”; “Sinto-me injustiçada”; “Revoltada”; “Triste”; “Nervosa”; “Reprimida”. Algumas mulheres, inclusive, manifestaram que sentem medo de dirigir por conta deste comportamento preconceituoso que vivenciam no trânsito.

Isto é violência. E como tal deve ser combatida por todas e todos nós. A incidência de piadas que recaem sobre nós e que focalizam a “mulher ruim de volante” é imensa e acaba por criar fatos que performativamente entendemos como naturalmente verdadeiros. Em Judith Butler, com destaque para o conceito de performatividade, é possível encontrarmos contribuições substanciais para esta discussão. A performatividade é compreendida como sendo um fenômeno enunciativo no qual os discursos passam a possuir competência suficiente para produzir de fato as coisas que aparentemente apenas citam. Enunciados meramente descritivos passam a ser performativos a partir do momento em que possuem citacionalidade, isto é, quando passam a ser reiteradamente repetidos. De acordo com Butler (2003, p. 167), “*a performatividade não é, assim, um ato singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas [...]. Na teoria do ato da fala um ato performativo é aquela prática discursiva que efetua ou produz aquilo que ela nomeia*”. Em outras palavras, a partir da propagação de sentidos é possível que o fato enunciado se torne real, algo de concreto se cria a partir deste processo. E quem seria mais ideal do que a mídia, em todas as suas instâncias, para agir diretamente nesta propagação e repetição de sentidos e enunciados? É possível compreender os artefatos culturais que estamos problematizando a partir da noção de enunciado performativo, haja vista que eles são amplamente difundidos e midiaticamente repetíveis. Deste modo eles têm o potencial de, para além de apenas descrever jeitos de “ser mulher” e jeitos de “ser homem”, fabricar verdades sobre as pessoas e chancelar pautas identitárias.

Não vemos por aí mulheres motoristas de ônibus, caminhoneiras ou taxistas na mesma proporção em que vemos homens atuando nestes seguimentos. Existe em nossa cultura machista um descrédito generalizado com relação às habilidades da mulher para dirigir. Parece que as pessoas não se sentem completamente confortáveis ao serem conduzidas por mulheres. Esta questão está conectada com todas as práticas que nós executamos ou reproduzimos, como o humor. Vamos observar o seguinte cartum:



Fonte: <http://humortadela.bol.uol.com.br/charges/32365>

Seria fruto do destino ou do acaso o fato de vermos tão poucas mulheres trabalhando no ramo do transporte? Neste cartum o carro já está todo comprometido e o homem solicita à mulher cuidado, pois ele ainda não teria feito o seguro. Uma pergunta fica no ar: Quem detonou o carro? Ela? Ele? Ambos? A partir de uma leitura machista da realidade somos condicionadas/os a pensar que foi ela. Mas, se foi ela, por qual motivo ele estaria pedindo cuidado somente agora, quando o carro já se encontra quase que completamente danificado? Será que toda vez que ela sai no carro ele solicita cuidado? Seria a primeira vez que ela estaria saindo? Será que eles já compraram o carro nesta situação? São muitas as possibilidades. O mais importante, no entanto, é não nos limitarmos à simples constatação de que foi ela a autora do estrago.

Se foi ele, ocorrência que não podemos descartar, será que ela solicitava cuidado ao vê-lo sair? Caso tenha sido ele, possivelmente ele não se enxerga como um motorista despreparado, haja vista que pede cuidado a ela sendo que quem precisaria de mais atenção, nestas condições, seria ele próprio. O problema curiosamente estaria nela,

mesmo sendo ele o mau motorista da história. Mas ele se desobriga de pensar desta forma ao julgá-la como uma má condutora, mesmo já tendo acabado com o carro. Não se trata aqui de dizer que seriam os homens menos preparados para dirigir do que as mulheres. Deste modo estaríamos apenas invertendo uma polarização e criando possivelmente novas formas de segregação. O que estamos fazendo é pensar a partir de outros vieses algumas questões que estão postas como naturais, fugindo de dicotomias.

Eliza Tebaldi e Vinícius Ferreira realizaram um estudo muito interessante que objetivou discutir a questão da agressividade e da violência no trânsito. Em alguns momentos a questão do gênero apareceu no trabalho e vale a pena visitar as ponderações feitas por ela e ele. Os homens se revelaram mais agressivos e imprudentes no volante do que as mulheres. São eles, de acordo com os estudos aqui mencionados, que dirigem alcoolizados com mais frequência e que desrespeitam mais vezes os limites de velocidade. Não objetivando inverter uma dicotomia, devemos pensar melhor nos critérios que estamos utilizando para julgar as pessoas com relação às práticas no volante. A questão do preconceito sofrido pelas mulheres também foi discutida por Tebaldi e Ferreira (2004, p. 21):

O homem sempre foi visto como o responsável pela proteção da sua espécie e chefe de família, porém a mulher vem ocupando mais espaço na sociedade. Isto não deixa de ser diferente no trânsito, mas o homem continua discriminando-a muito. No questionário aplicado, verificou-se que a maioria dos homens respondentes considerou a mulher uma péssima motorista, que faz “tudo errado”, que atrapalha, e observo que colocam muitos defeitos no que ela faz, na execução de ultrapassagens, na hora de estacionar, na noção de espaço. No entanto, o homem impondo altas velocidades ou ingerindo bebidas alcoólicas diminui a capacidade de reação frente aos obstáculos, representando um risco real de se envolver em acidentes ou de provocá-los. Essas atitudes representam um péssimo motorista.

O que faz de alguém uma ou um péssima/o motorista é a imprudência e o desrespeito, não o gênero. É importante que nos esforcemos no sentido de colocar em questão este estereótipo que dia após dia segrega mulheres no trânsito, reinventando, assim, novos modos de ser para além das pautas que já estão dadas.

O homem como ser mais funcional

Elas aparentemente não seriam capazes de desenvolver tarefas com a mesma eficiência empenhada pelos homens. Eles, em contrapartida, seriam dotados de uma funcionalidade bem maior, sendo capazes de otimizar o tempo - mas não somente ele -

usando um tipo específico de raciocínio lógico que seria naturalmente mais refinado. Parece que as mulheres, por serem mais temperamentais e menos racionais, se enrolam com mais frequência no desempenho de algumas atividades básicas, como se arrumar para sair. Comumente ouvimos reclamações de maridos que não aguentam mais a demora de suas esposas quando vão sair de casa. O seguinte quadrinho comparativo nos ajuda pensar e problematizar esta questão:



Fonte: <http://paulgettynascimento.blogspot.com.br/2013/1/diferencas-homem-x-mulher-humor-charges.html>

Nas representações femininas que encontramos no universo do humor muitas vezes as mulheres aparecem como menos proativas ou pouco eficazes. As mesmas ações desenvolvidas pela mulher são igualmente desenvolvidas pelo homem em um tempo três vezes menor, como o quadrinho exposto parece sugerir. A eficiência reside no homem e a lentidão na mulher. Falta a elas foco para centralizar melhor seus objetivos a curto prazo. Parece que elas são mais avoadas e se distraem durante as ações, se perdem em pensamentos e acabam por serem bem menos práticas e funcionais. Todas estas características são naturalizadas e a “verdade” dos fatos parece se perpetuar. Precisamos passar a compreender, no entanto, que nada há de natural no processo de diferenciação empreendido pelo quadrinho anterior. Ele não está refletindo modos de ser mulher ou homem, mas sim criando e/ou mantendo discursivamente estes modos e subjetivando as pessoas. Nossas rotas e nossos modos de comportamento e de conduta enquanto mulheres e homens são criados e mantidos por meio dos significados culturais que recebemos e propagamos. O quadrinho anterior pode ser compreendido como um dos muitos elementos que atuam na subjetivação e na propagação de modos

de “ser mulher” e de “ser homem”. Estes modos de ser nos antecedem e são revalidados por discursos que nós mesmas/os criamos. De fato, se lembrarmos dos complexos processos socialmente acionados para que assumamos com conforto as identidades de gênero cujas diretrizes nos são ditadas, é possível pensar que nascemos sim com rotas traçadas. Uma matriz de condutas delimita os padrões a serem seguidos. Muitas vezes as piadas que contamos ou compartilhamos atuam reativando estes padrões no intuito de gerar riso. Existe, no entanto, muita coisa por trás deste riso descompromissado, aparentemente sem importância, sem intencionalidade e sem profundidade. Precisamos pensar com seriedade sobre esta questão, pois junto com o riso processos de segregação e estigmatização têm acontecido sem que percebamos com clareza.

É fato que muitas vezes escapamos das rotas e das pautas que nos são ditadas. Mas mesmo assim somos sempre preenchidas e preenchidos por expectativas que a sociedade forçosamente nos atribui. Espera-se naturalmente que uma mulher seja menos funcional que um homem, nós não nos surpreendemos com este fato. Pelo contrário, ficamos surpreendidos ao ver uma mulher se arrumar mais rápido do que um homem. Aí sim algo não estaria certo, ficamos com a pulga atrás da orelha.

Conforme o pós-estruturalismo nos inspira a pensar, nenhum significado social escapa da criação linguística. No interior da lógica na qual este trabalho se insere faz-se necessário buscar uma ideia de linguagem que seja condizente com as propostas da pesquisa, e esta ideia está voltada para a questão do potencial produtivo das falas, dos discursos, das linguagens e dos enunciados. Nesta perspectiva a linguagem não se presta somente a descrever o mundo e suas características, mas também - e principalmente - para criar este próprio mundo, para construir sentidos sobre como deve ser o seu funcionamento. Sendo assim, as noções sobre o “ser mulher” e sobre o “ser homem” seriam então resultados de atos de criação linguística. E isto perpassa a produção da identidade e da diferença, como brilhantemente aponta Silva (2000a, p. 76):

Dizer, por sua vez, que identidade e diferença são o resultado de atos de criação linguística significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem. Isto parece uma obviedade. Mas como tentemos a toma-las como dadas, como fatos da vida, com frequência esquecemos que a identidade e a diferença têm que ser nomeadas. É apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais. A definição da identidade brasileira, por exemplo, é o resultado da criação de variados e complexos atos linguísticos que a definem como sendo diferente de outras identidades nacionais.

As identidades femininas e masculinas e as características inerentes a cada gênero, bem como os modos de conduta desejáveis, nesse sentido, também podem ser compreendidas como resultados de atos de produção e criação linguística, concepção que possui importância central nesta pesquisa a partir do momento em que justamente nos permite pensar na desnaturalização de perfis femininos e masculinos tidos como normais ou naturais. Vamos observar mais uma representação humorística:

Painel de controle do homem



Painel de controle da mulher



Fonte: <http://bolichodogremio.blogspot.com.br/2010/02/diferencas-entre-homens-e-mulheres.html>

A discrepância entre a quantidade de botões dos dois painéis tem coisas importantes a nos dizer. Aqui também podemos observar uma explícita diferença entre mulheres e homens. Entende-se que esta e outras diferenças têm sido ativamente produzidas em inúmeros contextos, com destaque neste trabalho para o universo humorístico que reverbera muitas delas, essencializando-as. O painel de controle feminino estaria refletindo a “essência” da mulher: confusa, bagunçada, e pouco coerente. O do homem, ao contrário, demonstra racionalidade, simplificação e desburocratização da vida. Socialmente, a identidade feminina está longe de ser associada à praticidade e funcionalidade. Estas são características unicamente masculinas. Parece que para ir de um ponto a outro a mulher daria voltas, na medida em que o homem simplesmente seguiria racionalmente uma linha reta. Estas diferenças aparecem como se fossem naturais, seriam parte da natureza. Nenhuma das representações que estamos analisando, no entanto, dão conta de nossa complexidade

enquanto seres humanos. Estão sempre ligadas a noções limitadas e separatistas que têm segregado historicamente as mulheres.

As identidades femininas e masculinas são gestadas e historicamente fermentadas em todos os lugares onde se ouve algo sobre elas e eles, e não fornecidas pela natureza ou por alguma instância transcendente superior. Produzimos linguisticamente - também pelo viés do humor, como estamos vendo - jeitos de ser mulher e jeitos de ser homem, e as pessoas vão se (des)encontrando nestas produções, muitas vezes sujeitando-se ao enquadramento proposto, mas outras vezes também resistindo, (re)negociando condutas e (re)inventando a própria existência. Ao difundir certas noções arbitrárias nós estamos alimentando uma cultura machista que está profundamente ligada à cultura do estupro e ao feminicídio que lamentavelmente tem ostentado taxas assustadoras. É preciso que nos inquietemos diante da secundarização da mulher e da cristalização de verdades, pois todos esses processos de estereotipação, por mais microfísicos ou invisíveis que sejam, assumem um papel importante na manutenção e na sustentação de uma civilização misógina que exclui, violenta e mata. Os dizeres de Carvalho (2004, p. 10) são úteis para que possamos perceber o quanto é imperativa a necessidade de intensificarmos cada vez mais as pesquisas e as lutas sociais com vistas à igualdade de gênero:

Se é inegável que as conquistas sociais e políticas obtidas pelo movimento feminista no século XX são imensas (incluindo direitos civis para as mulheres - à educação, ao voto, ao trabalho, à reprodução voluntária - e maior liberdade nos costumes, da vestimenta ao prazer sexual), é igualmente evidente que a dominação masculina não desapareceu, persistindo em todos os campos da vida social

Dentre estes campos da vida social onde a dominação masculina tem exercido o seu controle, faz-se necessário mencionar a questão da produção de conhecimento científico que tem sido ao longo da história notadamente masculina. É imprescindível que pensemos no afastamento entre as mulheres e as ciências, principalmente as exatas que se pautam na racionalidade cartesiana, racionalidade esta que não seria uma característica muito marcante nas mulheres diante da emotividade e da afetividade inerente a elas, que caminham na contramão da razão.

Mulher e matemática: uma relação complicada

Como educador matemático sempre pensei na relação que as alunas, meninas e mulheres, estabelecem com o ensino da Matemática. Esta relação muitas vezes é problemática por ser transpassada por discursos do tipo “meninos aprendem Matemática com mais facilidade do que as meninas”. Esta noção cristalizada de algo que é na verdade histórico e contextual se faz presente em muitos espaços sociais. Em textos humorísticos esta “diferença” também encontra espaço:

OS CIENTISTAS



Fonte: http://www.klickeducacao.com.br/simulados/simulados_mostra/0,7562,POR-13076-54-188-2006,00.html

A enunciação da professora “Bem... Desta vez não foi um garoto” nos indica que corriqueiramente são eles que acertam todas as questões de Cálculo. São eles que se destacam mais no raciocínio lógico, base da Matemática. Mas, para a surpresa de todas/os, desta vez uma situação atípica aconteceu: Uma menina ganhou destaque. O espanto dos colegas é notável, eles ficam incrédulos e parecem não acreditar no acontecido. Como uma menina pode se destacar mais do que todos os meninos? Este fato é visto com desconfiança ao passo que, se fosse o contrário, estaria tudo certo, naturalmente. Podemos pensar, no entanto, não ser tão natural assim o fato de meninos acabarem saindo melhor em Matemática do que as meninas. Esta e outras tantas diferenças são produzidas por nós nas práticas que nos envolvemos, inclusive nas salas de aula. Se as concepções que minimizam as mulheres no âmbito da aprendizagem matemática persistem, certamente existem alguns esforços sociais que buscam mantê-

las. Estes esforços giram em torno dos discursos e contextos que nos formam enquanto mulheres e homens dentro da própria matemática.

Conforme apontam Almeida e Moura (2013, p. 04) *“a constituição das subjetividades se dá através dos diferentes lugares por onde o sujeito transita, pelas diversas práticas sociais das quais participa”*. Constituímo-nos, em relação a tudo que nos cerca, através das experiências e discursos que interferem diretamente no modo como avaliamos e interpretamos os fenômenos ao nosso redor. Certamente, também cultivamos nossa relação com a Matemática permeadas e permeados por tais estruturas discursivas que, de fato, determinam, com maior ou menor intensidade, nossa visão com relação a esta ciência. Ressoando e repercutindo ao longo dos tempos, chegam até nós produções discursivas que reafirmam, dia após dia, que os meninos são, naturalmente, melhores em Matemática do que as meninas. E são estes mesmos discursos que muitas vezes são utilizados, ainda que de forma inconsciente e sem más intenções, em nossas salas de aula: “Bem... Desta vez não foi um garoto”. Discursos que delimitam espaços a serem ocupados por meninas e meninos no âmbito do desenvolvimento matemático, sendo próprio dos garotos desenvolverem-se com muito mais facilidade e destreza do que a mulher. E o texto cultural acima também atua, como parte de uma complexa engrenagem, na perpetuação desta diferença. Conforme sugere Sevilla (2015, p. 03), *“é possível pensar que os artefatos culturais nos ensinam formas de ser homem e de ser mulher, de construir as identidades sociais, de gênero e sexualidade, e são constitutivas das subjetividades”*.

Nossas ações, inclusive enquanto professoras e professores, muitas vezes também compõe a mencionada engrenagem ao produzirem identidades de gênero, identidades que atribuem forçosamente a um corpo sexuado uma série de determinações socialmente “próprias” ao seu sexo. Deste modo, é atribuído ao homem o papel de ser bom em Matemática, e à mulher o papel de estar sempre um passo atrás no estudo desta ciência, por faltar-lhe a racionalidade que neles transborda. Neste processo de fixação de modos existenciais, inúmeras instâncias sociais como a religião, a escola e moral, exercem importantes funções. Segundo Souza e Fonseca (2009, p. 41 - 42):

Adotar o Gênero como categoria de análise na Educação Matemática requer e aguça, ainda, nossa atenção para o fato de que o gênero é produzido em práticas sociais, que se convertem em práticas masculinizantes e feminilizantes. Assim, em nossas salas de aula e naquilo que as compõe (gestos, palavras, silêncios, ritos, olhares, materiais, modos de organizar,

modos de se ensinar matemática, concepções de aprendizagem, etc.) e em nossas pesquisas (mesmo quando se ocultam as relações de gênero), identidades masculinas e femininas são produzidas.

De acordo com estas autoras, cabe reconhecer que em nossas salas de aula e naquilo que as compõem são produzidas identidades femininas e masculinas. Nesse sentido, muitas vezes reproduzimos a concepção de que os meninos naturalmente são melhores em Matemática sem notar que estamos contribuindo para legitimar uma persistente diferenciação histórica que gera acentuadas segregações sociais.

Diante da evidência estatística de que meninos tem um rendimento superior em Matemática, como mostram Corrêa, Sipraki e Soares (2012), surgem diante de nossos olhos dois caminhos, um fácil e um difícil. O difícil nos convida a problematizar, e o fácil nos convida a naturalizar. Percorrendo o caminho fácil, o caminho da naturalização, afirmamos sem medo de errar: “meninos são, naturalmente, melhores em Matemática do que as meninas”. Associamos com tranquilidade as diferenças apontadas pelas avaliações estatísticas nas quais os meninos saem na frente a uma natureza racional do masculino que, justamente por ser mais racional, encaixa-se melhor com a Matemática e com tudo aquilo que ela exige. É importante, no entanto, que não nos contentemos em simplesmente aceitar que existe uma natureza masculina mais preparada para acolher com conforto os elaborados raciocínios matemáticos que permeiam a vida escolar de todas e todos nós. Seguindo na contramão da naturalização somos convidadas e convidados a problematizar e duvidar, questionar tudo que diz respeito a essências inatas, sejam elas femininas ou masculinas. É importante que realizemos em nossas salas de aula, bem como em outros espaços coletivos, movimentos voltados para a desnaturalização de estruturas discursivas impostas pelas relações de poder que nos permeiam, tendo em vista que perspectivas “naturalizadoras” de diferenças intensificam e legitimam desigualdades que marginalizam pessoas em diferentes contextos.

Somos convidadas e convidados, no percurso da não naturalização, a estranhar. Somos convidadas/os a olhar as estatísticas que mostram os meninos saindo na frente com olhares mais críticos. Devemos questionar quais seriam os contextos e discursos que perpassam as vidas dessas meninas traduzidas em números pelas estatísticas, e em que medida estariam elas sendo atingidas e subjetivadas por noções preconceituosas. É fundamental dizer: Meninos não são naturalmente

melhores em Matemática do que as meninas, eles vestem-se compulsoriamente de um gênero, o gênero masculino, que abarca uma infinidade de significados que atribuem a eles uma supremacia, historicamente e coletivamente construída, nos espaços de desenvolvimento matemático. Analogamente, meninas não são naturalmente piores em matemática do que os meninos, elas vestem-se compulsoriamente de um gênero, o gênero feminino, que abarca uma infinidade de significados que atribuem a elas uma posição de inferioridade, historicamente e coletivamente construída, nos espaços de desenvolvimento matemático. Desmitificar a “verdade” de que meninos são naturalmente melhores é um desafio que se coloca à nossa frente.

A imagem da loira burra

Por que a loira toma banho de porta aberta? Para ninguém espíá-la pelo buraco da fechadura. Por que a loira toma banho sem ligar o chuveiro? Porque seu shampoo é para cabelos secos. Por que a loira fala ao telefone deitada? Para não cair a ligação. Por que as loiras não gostam de piadas de loiras? Porque elas não entendem. E por aí vai. Se a mulher por si só já é taxada muitas vezes como menos racional do que homem, como estamos vendo, parece que esta aparente irracionalidade se intensifica ainda mais quando ela é loira. O universo humorístico oferece um espaço frutífero para a disseminação de piadas de loira burra. Ser mulher e ser loira é um marcador social que merece um olhar atencioso. Comumente quando abrimos sites de piadas na internet já encontramos uma categoria pronta e um espaço propício - piadas de loira - para abarcar este tipo de material. Existe um processo de estigmatização em torno deste grupo de mulheres que, por opção própria ou não, tem os cabelos loiros. Nossa cultura associa a elas uma falta de inteligência e perspicácia absolutamente arbitrária. É interessante notar que sobre os homens loiros não incidem as mesmas expectativas acerca de suas habilidades cognitivas. A falta de inteligência reside na mulher, e mais intensamente na mulher loira. Não faria sentido estender este estigma para os homens loiros haja vista que são homens e, portanto, muito mais racionais, inteligentes e habilidosos. Vamos pensar a partir da seguinte tirinha:



onte: https://racismoepreconceito.files.wordpress.com/2010/06/loira_burra33.jpg

Aqui o propósito da representação da mulher loira é fazer com que a falta de inteligência tangencie a imbecilidade total. A confusão mental da loira a impede de ter consciência da diferença entre torcer a tampa e torcer para a tampa. Ao ser informada que para abrir o refrigerante ela teria que torcer, ao invés de torcer - de fato - ela inicia uma calorosa torcida para a tampa aguardando que ela abra sozinha. Ela aparece como uma imbecil total, incapaz de agir racionalmente. Importante notar que este tipo de representação da mulher loira não surgiu do acaso. Será que todas as mulheres loiras são burras? É claro que não. Existiram e existem esforços sociais e discursivos que sustentam e fortificam esta identidade que se encontra aprisionada em sua própria irracionalidade. É necessário que lancemos sobre esta questão um olhar atento à pluralidade das pessoas, haja vista que interpretações nesse sentido são sempre parciais e não dão conta de abarcar nossa complexidade enquanto seres humanos.

Acionando o conceito de pedagogia cultural através de Sabat (2001, p. 20), é possível visualizarmos nesta tirinha esforços que tencionam reproduzir tipos característicos de comportamento e de identidades:

Em qualquer desses aspectos o que percebemos é que há uma pedagogia, um determinado tipo de currículo que opera através de uma lista de procedimentos e técnicas voltados para produzir e reproduzir tipos

específicos de comportamentos, valores, hábitos, atitudes pessoais diretamente conectados com o tipo de sociedade na qual estão inseridos. É, sem dúvida, uma forma de regulação social.

Observando mais uma vez a tirinha anterior existe mais uma questão interessante que merece ser analisada com calma. Podemos perceber que a/o vendedora/o do refrigerante aparentemente não possui, diante dos sinais corporais e expressões visíveis, um gênero bem definido. Este fato possivelmente tem algo a nos dizer. Acontece que, diante do objetivo primordial de satirizar a imbecilidade da loira, pouco importaria saber características da/do vendedora/o. A atenção fica centrada unicamente em sua incapacidade mental, nada pode tirar o foco dela. Não interessa saber mais nada da cena, nada mais importa, a não ser que ela é mulher, loira e asna, como fica visível.

Gostaria, ainda neste primeiro capítulo, de trazer com um pouco mais de centralidade alguns conceitos foucaultianos que já tem nos acompanhado desde o início e que continuarão nos subsidiando ao longo de todo o trabalho. Fischer (2001) desenvolve uma rica discussão acerca dos conceitos de discurso, enunciado e formação discursiva que são extremamente úteis para esta pesquisa. De acordo com esta autora os discursos são compostos por enunciados que se sustentam sobre uma mesma formação discursiva. Os discursos seriam, nesse sentido, caracterizados por um determinado número de enunciados para os quais seria possível delimitar um mesmo conjunto de condições de existência. As formações discursivas estariam ligadas aos regimes de verdade e às regras vigentes, instituindo deste modo o que pode e o que não pode ser dito em determinado momento histórico. Os enunciados se erguem dentro dessas formações discursivas e dos limites de suas matrizes de sentido e significação. Nenhum enunciado se forma fora de um “background” cultural.

Os textos humorísticos que estamos problematizando nada mais são do que enunciações que, por se estabelecerem dentro de uma mesma base discursiva e cultural, formam enunciados e discursos mais amplos sobre mulheres e homens que nos subjetivam ao longo da vida. As enunciações podem ser narrativas ou imagens, podem ser qualquer coisa que informe algo, que traga algum sentido. As enunciações esquematizadas constituem um enunciado, ou seja, as enunciações são tudo aquilo que, amparadas por princípios de constituição, permitem que determinado enunciado torne-se concreto, que ele apareça e que seja real. A enunciação é a materialidade discursiva, como Dreyfus e Rabinow (1995) nos incitam a pensar.

As noções sobre o “ser mulher” e sobre o “ser homem” se cruzam nestes artefatos culturais que repousam sobre um mesmo sistema de significação, sobre uma mesma formação discursiva, sobre alguns princípios culturais específicos que versam sobre as “especificidades” do feminino e do masculino. As piadas de loira são, nesse sentido, enunciações que compartilham certas condições de existência. Elas se formam dentro de um mesmo sistema de significação, a nossa cultura alimenta intensamente estas produções. A produção de enunciados se dá dentro de determinados limites impostos pelos significados que coletivamente nós compartilhamos através da cultura. Os enunciados não nascem do acaso. Existem condições que os fazem germinar e se propagar em múltiplas enunciações. Vamos observar o seguinte cartum:



Fonte: <http://bardeferreirinha.blogspot.com.br/2013/07/loira-e-gorda.html>

Novamente a loira aparece não apenas como pouco inteligente, mas como totalmente imbecil, incapaz de saber que apenas usar roupa preta não fará diferença nenhuma na balança. Percebe-se uma banalização e um exagero em torno da suposta burrice. A amiga ao lado, também loira, parece compartilhar da incredulidade da

personagem principal, aparentando também estar confusa por não ver resultado nenhum na balança. Estamos diante de uma enunciação sobre o “ser mulher” e sobre o “ser loira” que, em conjunto com tantas outras, repousam sobre uma base cultural sólida, ocidental e machista, que segrega determinados grupos sociais através da produção de sentidos em nós. Podemos nos questionar acerca do porquê de serem as loiras as burras da história. Longe de objetivar uma inversão do estereótipo, por que não as morenas ou as ruivas? Que arbitrariedade é esta? Logicamente, como já disse, não é por acaso que este processo de estigmatização se iniciou. Os conceitos e noções coletivas que, de certa forma, agridem as loiras, compõem discursos que, por serem de uma mesma formação discursivo-cultural, compartilham entre si certas condições de existência. Franchi (2007, p. 160) procurou explorar estas condições investigando as razões históricas e sociais que deram origem à situação que estamos problematizando:

No caso das piadas de loira, o imaginário que as pessoas geralmente têm a respeito de suas condições de produção é o de que essas piadas teriam sido feitas pelas morenas, numa espécie de “vingança” (porque, tanto no imaginário masculino quanto no feminino, ser loira seria uma vantagem, pois elas seriam mais bonitas, mais atraentes do que as outras mulheres). Entretanto, o que vimos é que o discurso das piadas de loira não é feminino: é machista. E é resultado de condições históricas de disputa.

De acordo com os estudos desta autora residiria na origem do processo de “emburrecimento” das mulheres loiras uma disputa entre elas e as morenas. Fica claro: não há mais como naturalizar a questão. Loiras não são naturalmente mais burras. O fato é produzido em práticas muito concretas e a partir de condições históricas muito específicas e revalidado, é possível dizer, nas representações humorísticas que estamos problematizando. Neste caso teria surgido de dentro do próprio grupo das mulheres a estigmatização delas mesmas, o que é algo também a ser pensado mais criticamente. As morenas ao verem os homens desejando e admirando mais as loiras passaram a alimentar e divulgar uma imagem deturpada delas, associada à burrice. Estamos diante de uma ruptura que não acrescenta nada à luta pela liberdade contra o sexismo. Estamos diante de uma batalha pela significação, isto é, pelo alargamento de significados estreitos ou particulares. Estamos diante de uma estratégia de definição, produção e fixação da identidade da mulher loira. Silva (2000a, p. 96), neste sentido, indica que “*a identidade não é uma essência, [...] a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo*”.

Sabemos que infelizmente o machismo e o sexismo encontram grande força nas próprias mulheres, o que fica claro nesta questão que estamos pontualmente analisando: uma divisão entre elas - loiras versus morenas - estaria na origem do estereótipo das loiras burras que se alinha no meio humorístico ao machismo e ao preconceito contra determinados grupos. Não cabe aqui julgá-las pois sabemos que os contextos de vida muitas vezes são sufocantes e não abrem possibilidades para questionamentos. No entanto, é importante buscarmos a união entre todas e todos para fortalecer os movimentos de luta e resistência.

CAPÍTULO 2 - MULHERES, HOMENS E CORPOREIDADES

Prosseguindo na aventura de cartografar as identidades femininas e masculinas em charges, cartuns e tirinhas, é possível encontrar fortemente a questão do corpo em determinadas representações. Muitos textos humorísticos centralizam a corporeidade para gerar o humor. Nesta secção interessa-nos conhecer um pouco mais sobre os modos de representação dos corpos femininos e masculinos em alguns textos humorísticos. No entanto, estamos aqui considerando o corpo em um sentido bem mais amplo do que usualmente é a ele atribuído, como será possível perceber a seguir.

Antes, no entanto, gostaria de fazer uma necessária ressalva. Tenho dito o tempo todo que estou explorando as identidades de mulheres e homens em representações humorísticas. Observa-se, no entanto, que a grande maioria das representações que estou trazendo por meio do material empírico são de mulheres. Cadê os homens? Podem surgir questionamentos e dúvidas nesse sentido, até mesmo respaldadas pelo que Davis (1976, p. 89) nos diz:

Penso que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres, e que não deveríamos tratar somente do sexo sujeito, assim como um historiador de classe não pode fixar seu olhar apenas sobre os camponeses. Nosso objetivo é compreender a importância dos sexos, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, é encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la.

Cabe compreendermos que o gênero é uma categoria de análise absolutamente relacional, nada pode ser analisado separadamente. A identidade feminina vai se constituindo em uma relação direta com a identidade masculina, e vice-versa. Scott (1995) nos convida a pensar desta maneira, quando estamos problematizando representações femininas de uma forma ou de outra estamos acionando certas representações masculinas. Uma identidade não se firma sem a outra, são faces de uma mesma moeda, muitas vezes com características opostas: razão/emoção, atividade/passividade, desafetação/vaidade, introversão/extroversão, etc. O que estou querendo dizer é que sempre onde se diz algo sobre as mulheres também se diz algo sobre os homens, pois o “ser mulher” e o “ser homem” constroem-se mutuamente unidos. Na maioria das vezes unidos pelas diferenças, mas unidos de qualquer forma. Baseado no alerta de Davis (1976), penso não estar abandonando nesta empreitada a

história dos homens, haja vista que o gênero é sempre relacional e deste modo é inviável falar delas sem falar deles. É importante termos neste momento esta visão da relação entre os gêneros, de que mulheres e homens - falando de identidades - são definidas e definidos em termos recíprocos.

Feito este adendo vamos retornar à questão central desta seção: o corpo. Hooks (2003, p. 115) chama a atenção para o dualismo metafísico ocidental que insiste na separação entre corpo e mente/alma. O mundo das ideias não deveria se mesclar, a partir deste dualismo, com as percepções corporais e nem com a sensibilidade das experiências concretas. Esta autora descreve as implicações desta separação para a prática docente, “*o mundo público da aprendizagem institucional é um lugar onde o corpo tem de ser anulado, tem que passar despercebido*”. Pouco ou nada se fala ou se considera sobre o corpo nas situações de ensino e aprendizagem, pois estamos neste caso no patamar das ideias. Este legado dual e separatista foi sendo construído e alimentado ao longo de toda a história da humanidade, desde a antiguidade. Na Sociologia convencional e nas análises educacionais críticas discussões relacionadas ao corpo são incomuns. Nas análises culturais mais contemporâneas é possível perceber um crescente interesse na questão do corpo, como nos diz Silva (2000b, p. 30 - 31):

Contrastando com a relativa falta de atenção que tem recebido da Sociologia convencional, o corpo tem sido objeto de grande interesse na análise cultural contemporânea. Esse interesse decorre, entre outras coisas, da centralidade do corpo na própria cultura contemporânea. Manter um corpo “elegante” através da dieta, do exercício físico, de drogas medicinais e de intervenções cirúrgicas parece ter se tornado uma das principais obsessões da sociedade atual [...]. Esse renovado interesse pelo corpo coloca em xeque o postulado dualista da separação entre corpo e alma - com a conseqüente valorização dessa última - que tem caracterizado a teorização social em geral.

A partir de análises sociais mais recentes passamos a questionar o mencionado postulado. Pensava-se no corpo apenas como uma base biológica universal naturalmente dada a partir da qual poderíamos construir sistemas culturais e coletivos de significação e interpretação da realidade. Estas duas instâncias - corporal e mental - eram vistas como envoltas em uma relação unilateral de encadeamento: a partir da base biológica se formariam as culturas. Hoje, com as contribuições de vários movimentos sociais e correntes teóricas vanguardistas, temos condições de pensar no corpo como sendo ele próprio uma construção cultural, histórica e social, e não somente um dado biológico ou um mero respiro da natureza. Mesmo antes de serem biologicamente definidos,

podemos assim conjecturar, incidem sobre nossos corpos expectativas sociais baseadas em modos específicos de significação. Diluem-se as fronteiras entre o corporal e o cultural, pois, como o corpo tende a trazer as marcas e significados de determinado espaço ou tempo, estas instâncias não podem ser compreendidas ou interpretadas separadamente. Nos corpos têm biologia, cultura, história, política e poder, tudo isto funcionando ao mesmo tempo. Para além de ser um sustentáculo biológico de nossos modos de significar a realidade, o corpo por si só já traz marcas desta significação que é sempre contextual e temporal. Como nossa corporeidade não se limita a uma base biológica a partir da qual erguemos socialmente modos de viver e interpretar coletivamente os fenômenos da realidade, os corpos e as marcas trazidas por eles podem ser lidos como sendo inteiramente investidos de sentido e significação. Nesse sentido, estamos nesta seção lidando com representações de corpos complexos, tentando considerar todas as suas dimensões - históricas, políticas, culturais e sociais.

Butler (2015, p. 15 - 16) partilha desta ideia ao mesclar ontologia corporal e ontologia social, e nos instiga a pensar mais amplamente naquilo que somos:

Não é possível definir primeiro a ontologia do corpo e depois as significações sociais que o corpo assume. Antes, ser um corpo é estar exposto a uma modelagem e a uma forma social, e isso é o que faz da ontologia do corpo uma ontologia social. Em outras palavras, o corpo está exposto a forças articuladas social e politicamente, bem como a exigências de sociabilidade - incluindo a linguagem, o trabalho e o desejo - que tornam a subsistência e a prosperidade do corpo possíveis.

Não existe, portanto, o limiar do corpo físico a partir do qual nos tornamos corpos sociais, compartilhadores e negociadores de significações. Estas instâncias são articuladas de modo bastante complexo. Somos investidos de conceitos e saberes muito antes de existirmos. E como onde há saber existe também poder em jogo, somos investidos inevitavelmente de poder desde sempre. Ao dizer que nos corpos também têm poder, estou inspirado pelo modo como Michel Foucault (2016) desenvolveu alguns de seus estudos, tentando levar em conta que muitas são as instâncias que atuam sobre o corpo no intuito de formatar, vigiar, programar, controlar e punir quando necessário. Interessou para Michel Foucault mais profundamente descrever minuciosamente como nós nos tornamos aquilo que somos permeadas e permeados por inúmeras composições sociais de saber, poder e verdade que nos subjetivam ao longo da

vida, perpassando pela questão do corpo que também é construído e traz marcas visíveis deste processo.

Trabalhar com o corpo a partir deste viés requer de nós uma compreensão bem mais ampla. De certa forma é possível dizer que na cartografia - enquanto metodologia de análise - bem como no estudo aqui empreendido, este tipo de compreensão do corpo encontra forte potencial. Como sabemos nossas metodologias de pesquisa devem ser pensadas de maneira harmônica com relação às nossas compreensões e posturas teóricas. A cartografia nesse sentido abraça posturas que caminham rumo à pluralização dos sujeitos, questão central na análise de corpo que estamos fazendo: nossos corpos são tão plurais que neles coexistem inúmeras dimensões, para além da biológica, que precisam ser levadas em consideração. Cartografar é levar em conta as linhas de força que nos subjetivam e que atuam em determinada representação. No caso do corpo estas linhas são as muitas dimensões - históricas, políticas, culturais e sociais - que o acompanham e o determinam, constroem sobre ele marcas, atitudes e comportamentos. Oliveira e Mossi (2014, p. 197) nos dizem que *“a cartografia (como estratégia metodológica) parece criar inflexões de acordo com os terrenos múltiplos que o pesquisador encontra, desdobrando-se por esferas e caminhos que oferecem material para a produção de sentidos e composições diversas”*. Penso estarmos em um terreno bastante frutífero, pois justamente o que não faltam nos corpos e em seus significados são materiais para a produção de sentidos e composições diversas.

Objetificação dos corpos

Em nossa cultura ocidental machista e excludente as mulheres são vistas e representadas em inúmeros espaços como meros objetos de prazer sexual. A existência delas teria um único sentido e propósito: servir sexualmente e eroticamente os homens, como se nada mais nelas fosse necessário, como se nada mais interessasse. Muitas delas, que por muito tempo foram proibidas de sentir desejo, se veem desrespeitadas e agredidas por este processo de objetificação que é histórico e que tem raízes bem profundas. Criamos e alimentamos constantemente espaços para que este processo se naturalizasse: televisão, campanhas publicitárias, propagandas, programas, anúncios e textos humorísticos, inclusive.

Sobre os corpos femininos e masculinos incidem significados e expectativas em torno da erotização, isto é inegável. Espera-se que sejamos todas e todos sexualmente

atraentes. Nossos corpos são históricos e culturais, sobre eles repousam sentidos que interferem no modo como são lidos pela sociedade de um modo geral. As mulheres particularmente são lidas como sexualmente disponíveis - dependendo do modo como se vestem ou se comportam - e proliferam-se ao nosso redor enunciações que reforçam esta representação que é arbitrária e absolutamente questionável. As “curvas femininas”, como assim são chamadas em muitos espaços, funcionam como um verdadeiro despertador para a libido masculina. É claro que sobre os homens também recaem perspectivas e visões nesse sentido, mas é preciso fazer uma distinção fundamental entre o que tem acontecido no processo de objetificação feminina e masculina, se é que existe de fato um processo estrutural, cultural e generalizado de objetificação masculina.

Muitas pessoas tentam rebater as críticas com relação à objetificação feminina dizendo que a sociedade, mais particularmente as mulheres, também têm objetificado os homens, questão que tem se mostrado bastante polêmica. Observemos, pois:



Fonte: <http://www.bp.blogspot.com/preconceito%2Bsocial.jpg>

Nesta representação somos colocadas/os diante de uma situação muito clara e por muito tempo invisibilizada: uma mulher que sente atração física por um homem, sente desejo por ele. E ela faz questão de demonstrar e deixar claro para ele esta atração, que por sua vez corresponde piscando o olho para ela, em um gesto aparentemente de reciprocidade. É preciso lembrar que por muito tempo mulheres não podiam sentir atração. Se estamos ou não diante de uma objetificação do homem, é inegável que esta

se constituiu como um fenômeno social completamente diferente da objetificação feminina, com origens e consequências absolutamente díspares.

No incitamento deste debate é interessante compreendermos a relação intrínseca existente entre a objetificação das mulheres e a cultura do estupro. Por que uma mulher é estuprada? Sem querer ser reducionista ou simplista por demais, é possível conjecturar que uma mulher é estuprada quando um homem a enxerga como um convite para o sexo, como um objeto descartável com função única de servi-lo sexualmente. Não interessa neste momento quem ela é, de onde vem, o que faz, tampouco seus atributos intelectivos. Ela é um acessório, somente. Podemos pensar que o agressor se sente no direito de violentar sua vítima por considerá-la um objeto, acima de tudo. E o mais assustador é que ele tem o respaldo social para se sentir no direito de usar o corpo feminino para seu bel-prazer, haja vista que socialmente os significados associados a este corpo constroem-no, muitas vezes, como um objeto prazeroso e convidativo, tão somente. Em outras palavras, o estupro é onde a objetificação feminina tem culminado, e é onde ela se torna mais intensa. Nesse sentido, se é que existe uma objetificação masculina generalizada, ela com certeza não tem matado ou violentado como a objetificação feminina tem feito. Se é que ela existe, não dá para contra argumentar utilizando a ideia do homem como objeto para justificar a manutenção da imagem da mulher como objeto. São coisas completamente diferentes.

Não vemos - pelo menos não tão frequentemente como o contrário - mulheres atacando homens nas ruas por vislumbrarem em seus corpos convites para o sexo. Caso exista, o processo de objetificação masculina não gera as mesmas violências, na atual conjuntura, do que o processo de objetificação feminina. Pelo menos até o presente momento, não se constituiu como um artefato estrutural de violência, enraizado em valores e significados chancelados pela coletividade social. São fenômenos sociais que devem ser analisados com extrema cautela, considerando as diferenças históricas e temporais. É preciso lembrar sempre que não faz muito tempo que passamos a aceitar que as mulheres também sintam desejo. Mesmo assim é possível dizer que muitas pessoas ainda não se acostumaram com esta ideia. Nesse sentido, é preciso pensar ainda em que medida o simples fato de uma mulher estar desejando um homem pode estar sendo lido como uma objetificação. Vamos observar o seguinte cartum:



Fonte: <http://bolichodogremio.blogspot.com.br/2010/02/diferencas-entre-homens-e-mulheres.html>

Para ser perfeita, bastaria a uma mulher ter seios, bunda e vagina. É o que realmente interessa na hora do sexo. Não existiria a necessidade de absolutamente mais nada. Isto nos diz muito sobre o “para que” serve a mulher: para ser um acessório masculino colocado em jogo nos momentos em que surge a excitação. A mensagem deste cartum é bem pesada, mas nos ajuda a ter uma noção de onde conseguimos chegar com tanta segregação. Cada vez crescem mais as taxas de estupro e feminicídio, violências e agressões que se relacionam diretamente com a questão da objetificação feminina que estamos discutindo. É possível encontrarmos na internet e em outras mídias - e sem muita dificuldade - uma infinidade de piadas que centralizam as mulheres como acessórios de prazer sexual pertencente aos homens.

Valerie Walkerdine faz brilhantes análises sobre a cultura popular e sobre a erotização das garotinhas que nos permitem refletir acerca dos modos através dos quais a imagem da mulher vista como objeto tem influenciado inclusive a infância. Ela discute temas extremamente complexos e delicados, como a violência sexual e a questão da sexualidade infantil. A partir do referencial foucaultiano ela defende que os

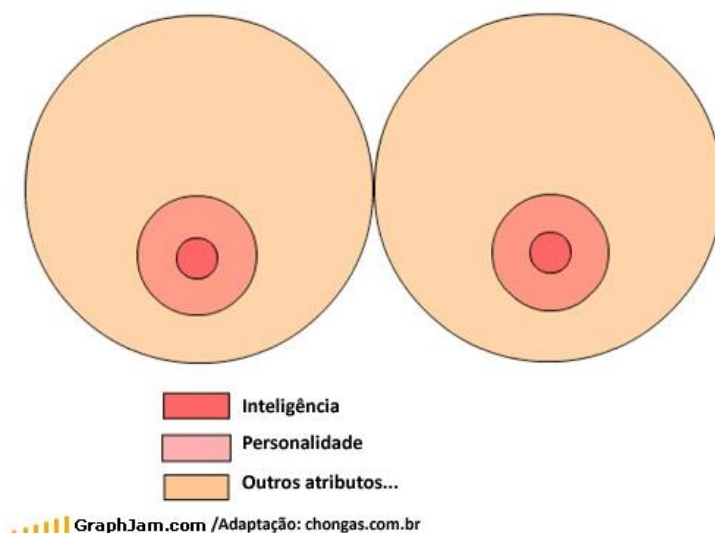
modos de ser criança são produzidos - e não refletidos - em discursos sobre as garotas e os garotos. Ao problematizar a pedofilia, por exemplo, Walkerdine (1999, p. 79) diz:

O fenômeno de que falamos, portanto, deve ser muito mais penetrante do que uma abordagem do tipo maçã podre associada a homens maus, abusadores, patologizados. Refere-se não a alguns pervertidos, mas a um complexo processo de construção de um olhar contraditório dirigido às meninas.

Este olhar contraditório estaria ligado com o “desejo proibido” pelas garotinhas, desejo este que de certa forma - e assustadoramente - tem sido incentivado pela nossa cultura. Em seguida ela passa a comentar algumas séries e programas de TV norte-americanos que notadamente sexualizam as meninas, criando e alimentando a imagem da criança sedutora. Não se trata nas análises de Valerie de defender ou de desculpar agressores, mas sim de pensar mais amplamente nesta questão, transcendendo abordagens do tipo “maçã podre” que para ela são excessivamente simplificadas. Estaria sendo produzido, nesse sentido, um modo de viver a infância midiaticamente e precocemente sexualizado. Aqui no Brasil sem muita dificuldade podemos encontrar indícios deste processo através de inúmeras vias, como na música. Um exemplo amplamente conhecido é o da Mc Melody, cantora mirim de funk e pop. Em seus vídeos na internet é possível notar uma tentativa de sensualização extremamente precoce em suas vestimentas, no jeito de falar e de se portar. Muitas são as polêmicas envolvendo o nome desta criança nas redes sociais. A mais recente foi envolvendo uma suposta - e falsa - gravidez, para termos uma noção do modo como sua infância tem sido violada e usurpada por uma sexualização forçada.

A objetificação das mulheres, nesse sentido, vai contaminando espaços inimagináveis, como a própria infância. As mulheres têm sido sexualizadas desde muito antes de serem mulheres adultas. E este fenômeno é bem recente. Das meninas tem sido retirado o direito de serem crianças, de fato. Já existem, por exemplo, linhas de maquiagem específicas para as garotinhas, espera-se que elas tenham uma preocupação exacerbada com a aparência e com o modo de se vestir, espelhando-se nas mulheres para chamar a atenção. Caso não tenham esta preocupação, algo de errado pode estar acontecendo. Isto tudo vai desembocar de alguma forma na objetificação:

O que um homem procura em uma mulher



Fonte: <http://www.chongas.com.br/2011/05/tudo-em-graficos-19>

Não interessa inteligência e nem personalidade, e sim “outros atributos”. Diante do belo par de seios com o qual este texto humorístico faz uma clara analogia, fica fácil induzir que estes “outros atributos” tem a ver com o corpo. Para que a mulher vai se preocupar em ter inteligência? Do que adianta ter uma personalidade? Deve a mulher manter sua beleza em dia para atrair os homens, cultivar seus atributos com muito empenho, para serem objetos cada vez mais desejados. O que um homem procura em uma mulher: prazer, somente. Esta “verdade” sobre mulheres e homens parece ser cada vez mais evidente, pois deixamos de perceber que ela é construída e mantida através dos significados que textos humorísticos como estes propagam de maneira irrefletida. Resignificar os modos de ser, pois, é algo motivador e empolgante, no sentido de uma busca constante pela liberdade que, a partir da leitura que Veiga-Neto (2016, p. 27) fez de Michel Foucault, gira em torno do seguinte:

Na perspectiva foucaultiana, a liberdade passa a ser a possibilidade de exercitar a atitude-limite como caminho para a crítica e para a mudança, ou seja, a liberdade passa a ser entendida como a nossa real capacidade de mudar as práticas em que somos constituídos ou nos constituímos.

Mudar as práticas em que somos constituídas e constituídos passa pela reflexão e vigilância constante com relação aos discursos que propagamos e compartilhamos. A liberdade de sermos o que quisermos ser, por sua vez, passa pela mudança dessas práticas que delimitam identidades e lugares a serem ocupados.

Ao finalizar este tópico pensando na questão da liberdade, me surge mais uma reflexão: Existe uma linha muito tênue, e é preciso que se diga isto, entre a liberdade da mulher ser e se portar do jeito que ela quiser e a objetificação da mesma. Mulheres que são, mesmo no dia a dia, mais sensuais, por exemplo, mulheres que usualmente e cotidianamente preferem usar roupas curtas, não são - necessariamente - objetos, e não devem ser desrespeitadas. E quanto às mulheres que querem ser objetos? Que gostam e se identificam com esta representação? Seja por escolha profissional - aquelas que trabalham objetificando seus corpos na intimidade - ou por outra motivação qualquer, elas têm o direito de serem assim, caso sintam-se bem assim. Afinal, o prazer é livre.

Padrões estéticos e formatação dos corpos

Como as mulheres têm se relacionado com seus corpos é uma questão que também apareceu nos textos humorísticos pesquisados, principalmente no que se refere à imposição de padrões corporais tidos como referências de beleza. Nosso corpo é histórico e cultural, sobre ele repousam sentidos construídos que interferem no modo como será lido, tanto pelas pessoas que o circundam quanto pela própria pessoa que o possui. Instituem-se normas estéticas para formatar as corporeidades a partir de determinados critérios, e neste processo disputam espaço discursos das mais diversas áreas, como a medicina e a biologia.

O processo de instituição destes padrões é extremamente complexo e abrange inúmeros espaços. Exemplos disso são as/os “sex symbols”, pessoas que pela notoriedade física que apresentam, simbolizam o ideal a ser alcançado - feminino ou masculino - no plano da sensualidade, oferecendo a pauta para que mulheres e homens se espelhem neles, construindo as identidades de gênero. De fato, as identidades de gênero acabam por ser - na maioria das vezes - espelhadas. Centralizo aqui a atenção mais especificamente nas mulheres, pois são elas que mais intensamente, é possível dizer, se veem pressionadas a construir em seus corpos características que os levem a ser lidos como atraentes. Este processo de construção de um “padrão corporal”

desejável e alcançável a partir de algum esforço atinge inúmeros espaços sociais, inclusive o humor, que têm trazido marcas desta concepção:



Vais curtir ainda mais em WWW.CENASMARADAS.COM

Fonte: <http://www.porquinhodoido.com.br/2012/05/do-que-as-mulheres-gostam-poco-dos.html>

O “corpo perfeito”, deste modo, seria o desejo de toda mulher. Um corpo formatado, padronizado e lido como saudável e desejável. Um corpo que requer cuidados constantes e prolongados, a fim de que atinja o nível normativamente imposto. A fonte dos desejos realiza a transformação solicitada pelo homem e nos revela que o anseio maior das mulheres, para além de qualquer outra coisa, é o corpo modelado: pernas torneadas, cintura fina, seios fartos, bumbum durinho e abdômen chapado. É possível pensar a partir disto que as mulheres desejam investir mais tempo e cuidado em seus próprios do que na busca por um homem igualmente apetecível. Certamente o personagem imaginou que teria - a partir do desejo feito à fonte - seu próprio corpo transformado, no sentido de tornar-se um homem mais bonito a partir da estética masculina também imposta. Para ele - o personagem - o que as mulheres desejariam para si seria um corpo masculino perfeito para poderem dele desfrutar. Mas o que resultado deste processo nos indica não é bem isso, este não seria o desejo feminino mais proeminente. O que elas desejariam de verdade e acima de tudo, seria um corpo feminino invejável que despertasse atenção por onde passasse.

Sobre o corpo masculino também incidem expectativas com relação a uma “boa forma física”, é claro. No entanto, é possível dizer que existe uma aceitação social bem

maior com relação ao “homem fora de forma” do que com a “mulher fora de forma”. Dizem por aí que chamar uma mulher de gorda é a maior afronta que pode existir, o maior pesadelo delas seria um enquadramento nesta categoria tão rechaçada. Parece que nos homens este verdadeiro pânico por estar desenquadrado de um padrão não tem sido tão evidente, a boa e velha “barriguinha de chopp” é até mesmo aceitável. Novaes e Vilhena (2003, p. 28) nos levam a pensar a respeito disto:

Contrariamente ao que acontece com o grupo dos homens, no universo feminino a rigidez é de tal ordem que não há justificativa possível para o não atendimento dos imperativos da beleza. Enquanto no universo masculino o desvio com relação ao padrão de beleza está vinculado à falta de tempo, em função do ritmo atribulado da vida profissional, para as mulheres, não cultivar a beleza é falta de vaidade - um qualitativo depreciativo da moral.

Estas autoras nos incitam a ponderar que dos homens é até aceitável um certo desvio da norma corporal, afinal a vida profissional - dominada por eles - é muito desgastante e ocupa um tempo imenso, não deixando margens para momentos pautados no cuidado estético de si próprio. Agora, se uma mulher tentar agir do mesmo modo muito provavelmente será vista como desleixada e desqualificada. A vaidade é tida como uma característica absolutamente indissociável da identidade feminina. Mulher tem que ser vaidosa e tem que cuidar do seu corpo vigilantemente, não existe muita escolha nesse sentido, mas é claro que existem transgressões. São assimetrias de gênero como esta que nos constituem e que delimitam condutas e espaços a serem ocupados por todas e todos nós na vida social e coletiva.

Estamos, pois, tratando de representações, e neste momento acho importante acionarmos o conceito de representação no bojo das teorizações culturais mais contemporâneas e pós-críticas. De acordo com Silva (2000b, p. 97) este é um:

Conceito central em campos como a Filosofia e a Psicologia Social, nos quais tem conotações bastante diferentes. Na análise cultural mais recente, refere-se as formas textuais e visuais através das quais se descrevem os diferentes grupos culturais e suas características. No contexto dos Estudos Culturais, a análise da representação concentra-se em sua expressão material como “significante”: um texto, uma pintura, um filme, uma fotografia. Pesquisam-se aqui, sobretudo, as conexões entre identidade cultural e representação, como base no pressuposto de que não existe identidade fora da representação.

Se não existem identidades fora das representações, isto quer dizer que elas são criadas e mantidas através destes artefatos que instituem, em conexão uns com os

outros, verdades sobre todas e todos nós. Algumas representações associam a imagem da pessoa gorda com um estado de falta de saúde: “Você tem que emagrecer, sabe... Por saúde”. Esta é uma verdade construída por uma representação. No entanto, gordura não é necessariamente sinônimo de doença. Pessoas acima do peso podem ser saudáveis, mas na maioria das vezes são tidas como doentes. Também existe a associação entre a/o gorda/o e o descontrole alimentar: “Só é gorda/o quem quer” ou “só é gorda/o quem não sabe se alimentar”. Sabemos que não é bem assim, pois existe uma série de outros fatores que podem influenciar no aumento do peso. Vejamos:



Fonte: <https://humordemulher.wordpress.com/category/charges/>

É importante percebermos que modelos corporais são produzidos e mantidos em inúmeras instâncias, inclusive a partir de textos humorísticos como estes que estamos analisando, que vem reforçar esta ideia do padrão de beleza. Este padrão representa uma busca sem fim: por mais “em forma” que a mulher esteja, cria-se a noção de que ainda não é o suficiente. É preciso ainda mais esforço e investimento para atingir o nível desejado ou socialmente aceitável. Mulheres visivelmente magras passam inclusive a se auto visualizarem como gordas, sempre restam aqueles famosos e insuportáveis quilinhos a mais que é necessário perder. Transtornos alimentares muito sérios como a bulimia podem ter relação direta com esta questão, isto é, com a recusa pelas condições físicas em que o corpo se encontra. O caminho é sem fim, o corpo perfeito, pode-se dizer, é um padrão inatingível, haja vista que sempre haverá uma coisa ou outra no

corpo feminino passível de modificação para que a mulher sinta-se mais satisfeita consigo mesma. “Defeitos” podem até não existir nelas, mas elas são incitadas o tempo todo a criá-los por risco e conta própria. É claro que existem aquelas que são livres demais para se prenderem a estas amarras estéticas⁶, mas elas pagam o preço por esta postura diariamente: “Ela é bonita, mas é gordinha”, “Ah, seu rosto é tão lindo”, “Tudo bem, homem gosta de ter onde pegar”, “Se emagrecesse ficaria ainda mais linda”. O preconceito velado presente em enunciações deste tipo acompanha a vida de todas aquelas que por opção ou não se mantêm acima do peso. A gordofobia e a segregação social incidem com intensidade violenta sobre aquelas pessoas que não conseguem - ou não querem - se enquadrar nos padrões estéticos instituídos.

A violência da normatividade incide de forma brutal, a partir de todos os moldes que têm nos enquadrado. Estamos falando de normas que, para Butler (2015), criam pessoas “reconhecíveis” e outras mais difíceis de serem reconhecidas como membros de uma sociedade que teoricamente partilha ou deveria partilhar das mesmas noções estéticas relativas às corporeidades. Somos, muitas vezes, condicionadas/os a desejarmos o reconhecimento. O problema, no entanto, não deve se limitar simplesmente à inclusão de pessoas nas normas pré-existentes, para que sejam afinal reconhecidas. Precisamos ir além desta questão e repensar as próprias normas, reavaliar os critérios que distribuem o “reconhecimento” de modo visivelmente desequilibrado. Desta discussão decorrem as potentes problematizações de Butler (2015, p. 20):

Que novas normas são possíveis e como são forjadas? O que poderia ser feito para produzir um conjunto de condições mais igualitário da condição de ser reconhecido? Em outras palavras, o que poderia ser feito para mudar os próprios termos da condição de ser reconhecido a fim de produzir resultados mais radicalmente democráticos?

Ao passo em que os “irreconhecíveis” continuam rechaçados e marginalizados, as normas ganham força e crescem assustadoramente. Nasce, pois, como efeito de tudo isto, a Medicina da Beleza. Não podemos desconsiderar o contexto capitalista em que vivemos, no qual qualquer oportunidade ou vislumbre de lucro é logo identificado e apropriado pela industrialização. De acordo com Neto e Caponi (2007, p. 571), “*os números que comprovam a apropriação da beleza pelo mercado são impressionantes.*”

⁶ <http://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/11-frases-infelizes-que-toda-gorda-ja-ouviu/>

As indústrias de cosméticos e de dietas estão entre as que mais crescem em todo o mundo e com a Medicina da Beleza não é diferente”. Nesta busca incessante e infinda pelo corpo perfeito são acionadas estratégias diversas: atividade física, musculação, intervenções cirúrgicas, correções corporais, tratamentos estéticos, uso de cosméticos dos mais diversos, uso de remédios emagrecedores geralmente sem prescrição médica e dietas extremamente rígidas muitas vezes realizadas sem acompanhamento nutricional.

Fica claro que estamos falando de um problema que é de saúde pública, inevitavelmente. Haja vista que muitas mulheres acabam por colocar em risco a própria saúde em prol da busca sem fim pela perfeição estética. Multiplicam-se ao nosso redor casos de mulheres que fatalmente chegaram ao óbito por conta de cirurgias plásticas mal sucedidas, por exemplo. É mais do que necessário desconstruir este padrão que tem agido sobre as pessoas de maneira violenta, levando-as a fazer de tudo e investir esforços astronômicos e muitas vezes inconsequentes para atingi-lo. Prossigamos, pois, neste exercício de desconstrução, enfatizando agora a questão do trabalho, bem como as relações que são culturalmente estabelecidas quando falamos da execução de certas tarefas laborais.

CAPÍTULO 3 - MULHERES, HOMENS E DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO

O trabalho de um modo geral sempre foi permeado pelas relações de gênero. A divisão do trabalho, nesse sentido, segue critérios que perpassam por questões culturais relacionadas inevitavelmente com os significados que associamos ao feminino e ao masculino. O que a mulher ou o homem deve fazer para se sustentar ou sustentar seu lar, bem como as atividades socialmente concebidas como femininas e masculinas, foram sendo definidas ao longo da história. A atual conjuntura - dentro da qual notamos diferenças acentuadas na divisão social do trabalho - faz parte de um amplo processo de construção e definição de posturas no tocante ao gênero. Estas diferenças não são, pois, naturais ou advindas de um acaso histórico, ou de uma transcendência qualquer.

Bruschini (2007) se debruçou sobre as relações entre gênero e trabalho no Brasil nos últimos dez anos anteriores à pesquisa. Com as valiosíssimas contribuições dos movimentos sociais e feministas, mudanças intensas nos valores associados à feminilidade podem ser percebidas, e isto atinge as relações de trabalho. Ela destaca primeiramente o notável crescimento da atividade profissional feminina para além dos espaços domésticos, o que é muito bom, é claro, mas não é suficiente. Sim, as mulheres têm conseguido alcançar profissionalmente espaços diversos, mas faz-se necessário olharmos para esta questão de maneira mais atenta, pois muitas vezes a segregação continua existindo, porém em meandros não tão visíveis, como nas condições de execução do trabalho, na defasagem salarial, nas violências ocorridas no âmbito profissional e na dupla jornada de trabalho enfrentada por muitas. É ótimo que a mulher tenha espaço no mercado de trabalho, mas a justiça social e a equidade de direitos vai muito além disso. Nas palavras de Bruschini (2007, p. 542):

Entretanto, apesar de todas essas mudanças, muita coisa continua igual: as mulheres permanecem como as principais responsáveis pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas.

Não é fácil encarar esta jornada dupla, e como se não bastasse, lidar com a “obrigação” de estar sempre bonita e apreciável que já discutimos. Além de tudo elas ainda têm que ser vaidosas, haja tempo! Existe um desequilíbrio veemente nestas questões que precisa ser combatido por todas e todos nós. No âmbito do trabalho remunerado onde elas têm se inserido com intensidade crescente nem tudo tem sido um

mar de rosas, principalmente nos espaços antes dominados unicamente por pessoas do sexo masculino. Os homens não têm lidado muito bem com esta “invasão”. Criam-se estratégias diversas de segregação feminina nos espaços de trabalho remunerado, conforme aponta Daniel (2011, p. 338):

Quando as mulheres entram em profissões onde elas são minoria, os homens elaboram formas de conviver com a presença feminina que antes não faziam parte do seu cotidiano de trabalho. A sexualização do local e da relação de trabalho; exigir das mulheres a execução de tarefas mais complexas; penalizar as mulheres por pequenos erros que, se fossem cometidos por homens seriam dificilmente repreendidos; esperar das mulheres um comportamento dócil, sociável e afetivo são formas como os homens se posicionam diante de mulheres em suas profissões.

Nesta seção vamos explorar textos humorísticos que nos trazem alguns elementos que irão permitir reflexões acerca das assimetrias de gênero no mundo do trabalho. Vamos considerar tanto o trabalho doméstico - não remunerado - que ainda é tido como uma obrigação das mulheres, quanto o trabalho remunerado realizado por elas fora de seus lares, na esfera profissional, onde diariamente têm sido acionadas estratégias de segregação, sexualização e intimidação contra elas. Ao cartografar as representações humorísticas que permeiam a divisão social do trabalho utilizando o gênero como categoria de análise, pretendo utilizar o material exposto para levantar questões abrangendo as assimetrias de gênero presentes nos espaços domésticos e profissionais, bem como as segregações e violências que acontecem nestes contextos atingindo majoritariamente as mulheres. Utilizar a cartografia para esta empreitada é uma estratégia pertinente, haja vista o potencial investigativo que ela nos proporciona. Como pondera Aguiar (2010, p. 13), *“a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto [...] se encontra conectado, dando conta de suas processualidades”*.

A mulher e o trabalho doméstico

Ainda hoje em dia muitas mulheres tem que lidar com enunciações do tipo: “Lugar de mulher é na cozinha”, “a única coisa que mulher sabe pilotar bem é fogão”, “não tem problema você trabalhar fora, desde que isto não atrapalhe suas tarefas domésticas”, “uma mulher só fica completa quando casa e tem filhos para cuidar”. A identidade feminina tem sido constantemente associada ao cuidado, seja da casa, dos

filhos ou do próprio marido. É como se esta capacidade para se doar fosse uma primazia ou uma vocação nascida com elas, como um norte ou como uma rota ditada pela natureza, a ser seguida por toda a vida. Historicamente têm sido consideradas como funções exclusivas das mulheres uma gama de atividades que poderiam muito bem ser compartilhadas: lavar, passar, cozinhar, limpar, varrer, enfim, todas estas atividades voltadas para a manutenção do lar são consideradas por muitas e muitos como uma obrigação delas. E a partir desta noção surgem as piadinhas:



Fonte: http://www.oocities.org/vinicord_2000/humor.htm

Este cartum nos incita a pensar que ao passo em que segue o homem seu ciclo evolutivo ininterrupto, permanece a mulher executando sua vocação do cuidado, se esforçando para oferecer ao homem as condições básicas para que ele trabalhe e evolua, isto é, cuidando dele no âmbito do lar, trabalhando para que o reduto do lar seja sempre o mais agradável possível. Coisas do tipo “a mulher é o sustentáculo do homem” ou “por traz de um grande homem sempre existe uma grande mulher” podem ser compreendidas como dizeres que ocultam uma relação bastante assimétrica: mantem-se intocada a ideia de que os homens precisam das mulheres. Mas, precisam delas para que? Com qual finalidade? Pois bem, os homens não teriam tempo e nem aptidão para a execução de certas tarefas domésticas consideradas pouco edificantes. Eles supostamente seriam grandes, viris e racionais demais para se prestarem a certas coisas que não promovem e nem requerem tanta inteligência e nem perspicácia. Os homens estariam embalados por um progresso constante, necessitando, pois, de alguém para

auxiliar nos serviços gerais, haja vista que eles têm coisas mais sérias e superiores para se preocuparem. Seria função delas, esposas, donas de casa e mulheres “do lar”, garantir que seus companheiros tenham conforto depois de um dia exaustivo de evolução e trabalho, mantendo a casa limpa e organizada.

Vamos conseguindo visualizar progressivamente o que existe por trás de representações deste tipo: uma pedagogia cultural e um currículo cultural atuando na manutenção e sustentação de determinados valores que se traduzem na divisão social do trabalho. O que Sabat (2001, p. 12) fez em suas ricas análises de anúncios publicitários se aproxima, de certo modo, ao que faço neste trabalho, ela diz que *“é fácil imaginar que o que quer que seja mostrado num anúncio publicitário [...] tem significativa importância [...] e que, como tal, ele parece estar nos dizendo: este momento está aqui porque ele é importante e faz parte de nossa vida cotidiana”*. Nas charges, cartuns e tirinhas que estamos discutindo as ideias representadas também assumem um patamar de importância, haja vista que estão midiaticamente expostas a todas e todos, incitando nas pessoas processos múltiplos de subjetivação. Fischer (1997, p. 60) fala sobre a “pedagogização” na mídia, atribuindo a ela, deste modo, um status pedagógico, haja vista que *“começa a caracterizar-se o que poderíamos denominar dispositivo pedagógico da mídia [...], supondo-se aqui que os meios de informação e comunicação constroem significados e atuam decisivamente na formação dos sujeitos sociais”*.

Para muitos homens, chegar em casa e não encontrar um espaço aconchegante e asseado para repousar e descansar é uma verdadeira afronta. É necessário recuperar as energias - em um ambiente preparado - para o novo dia de trabalho e evolução que se aproxima. Para além disto, deve também o jantar estar pronto, quentinho, saboroso e muito bem feito. Cabe à mulher cuidar para que tudo aconteça deste modo, e são assim as rotinas de muitas mulheres mundo afora, (re)alimentadas por pedagogias humorísticas que reforçam esta ligação do feminino com o âmbito do cuidado.

Curiosamente são estas mesmas tarefas domésticas do cuidado que assumem um pequeníssimo prestígio social e econômico, até mesmo quando são remuneradas. Não é por acaso que são tarefas tidas como femininas: se as mulheres por si só já são vítimas de uma inferiorização socialmente instituída, as atividades atribuídas culturalmente a elas também tendem a ser igualmente menosprezadas. Isto representa um processo histórico de segregação absolutamente injusto e arbitrário, pois não existe nenhuma fundamentação sólida e convincente que justifique a forma como a divisão do trabalho

por gênero tem sido construída. Há quem diga que faz parte de uma suposta natureza feminina - anterior à cultura, inclusive - esta primazia do cuidado, o que justificaria o modo como as coisas têm funcionado.

A partir de um olhar inspirado pelos estudos de gênero é possível dizer, na contra mão desta naturalização, que mulheres e homens são chamadas e chamados a ocuparem determinados espaços, não nascem nestes espaços ou naturalmente se voltam a eles. As identidades de gênero são, em suas múltiplas nuances, socialmente produzidas através dos valores com os quais nos deparamos ao longo de toda a vida. Nesse sentido, as mulheres não nascem mais propensas a cuidar melhor de crianças do que os homens, nem a cozinhar, nem a limpar a casa. Elas são preenchidas por valores que as enquadram no gênero feminino, gênero este que cuida melhor de crianças, cozinha melhor e cuida melhor da casa. Nada há de natural neste processo. Tudo é uma questão de ajustamento, acomodação e encaixe. Louro (2008, p. 15) nos diz:

A declaração: “É uma menina!” ou “É um menino!” também começa uma espécie de “viagem”, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção. A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre um corpo. Judith Butler argumenta que essa asserção desencadeia todo um processo de “fazer” desse corpo feminino ou masculino. [...] Afirma-se e reitera-se uma sequência de muitos modos já consagrada, a sequência sexo-gênero-sexualidade. O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário.

É possível considerar que nascemos com rotas traçadas, conforme pondera esta autora. Uma matriz delimita os padrões a serem seguidos. É claro que muitas vezes escapamos da rota, imersas e imersos em um saboroso processo de ressignificação de nós mesmas/os e de nossas relações com as pessoas ao nosso redor. Mas mesmo assim somos preenchidas e preenchidos pelas expectativas que a sociedade forçosamente nos atribui: “pra casar tem que saber cozinhar”. As posturas e formas de existência a serem interiorizadas por mulheres e homens - que constituem o gênero - são pré-determinadas e muitas vezes anteriores ao próprio nascimento. É comum vermos mães e pais no aguardo de uma filha fantasiando amorosamente a bebezinha já um pouquinho mais crescida brincando de preocupar-se com a casa, rodeada de fogõezinhos, de panelinhas, de vassourinhas e de bonecas para “cuidar”, assim como também é comum vermos mães e pais que, no aguardo de um garoto, imaginam e projetam o menino brincando

com seus engenhosos carrinhos e foguetes espaciais, jogando bola com o pai no quintal, correndo e exercitando seu vigor, sua esperteza e sua genialidade. Vamos observar:



Fonte:

<http://felippeneri.blogspot.com.br/2011/03/charges-do-dia-internacional-da-mulher.html>

Talvez neste momento o notório pensamento de Simone de Beauvoir faça ainda mais sentido: ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Reafirma-se nesta representação a naturalidade do fato de serem as mulheres as únicas responsáveis pelo cuidado do lar. Está o marido tranquilo tomando sua latinha e a mulher - com semblante bem cansado, diga-se de passagem - debruçada sobre o preparo da comida. A injustiça paira no ar no contexto de uma arbitrariedade total. Não podemos nos esquecer em nenhum momento que pessoas são subjetivadas nestas representações, isto é, modos de ser mulher e de ser homem são produzidos através destes artefatos culturais, no caso, textos humorísticos. Isto significa que se institui e se revalida constantemente um perfil feminino e uma identidade feminina, resignada ao espaço doméstico, reduto do cuidado.

E quando a mulher não se mostra alinhada a este perfil, seja por não dar conta do serviço da casa ou por simplesmente se negar a fazer certas coisas? Mc Carol, compositora e cantora de rap e funk carioca, nos responde esta questão⁷: “*Presencie*

⁷ <http://esquerdaonline.com.br/2016/10/09/o-tiro-100-feminista-de-mc-carol-e-karol-conka/>

tudo isso dentro da minha família, mulher com olho roxo, espancada todo dia, eu tinha uns cinco anos mas já entendia que mulher apanha se não fizer comida". Violência incide sobre aquelas que se negam a agirem como mulheres, prestativas e dóceis. Não apenas violência física, mas também psicológica. Silva, Coelho e Caponi (2007) estudaram o fenômeno da violência doméstica e nos chamam a atenção para o movimento existente entre estes dois tipos de violência, da psicológica culminando muitas vezes na física. Estas autoras definem a violência psicológica como sendo toda ação com fim na desvalorização ou na intimidação de alguém, como humilhações, chantagens ou ameaças. De acordo com Silva (*et. al*, 2007, p. 100):

Este movimento da violência é sutil e, muitas vezes, imperceptível para ambos – agressor e vítima – e, com frequência, a vítima tende a justificar o padrão de comportamento de seu agressor, o que a torna, de certa forma, conivente com ele. São comuns falas como estas: “Ele estava nervoso, não fez porque quis”; “Ele tinha bebido um pouco; se estivesse sóbrio não o faria”; “Ele tinha razão de ficar chateado, pois o meu vestido não estava bom”; “Eu deveria estar pronta. Pelo meu atraso, ele ficou irritado e fez o que fez...”. Tais falas são formas de legitimar as atitudes do agressor, contribuindo para que a violência se instale e avance ainda mais.

Infelizmente é muito difícil para algumas mulheres, considerando os contextos em que vivem e que muitas vezes não permitem respiros de problematização e reflexão, perceberem que estão vivendo em um contexto de repressão ou de violência. Mesmo quando a violência torna-se física muitas delas insistem em pensar que é natural, que fizeram mesmo algo errado e que o agressor teve de certo modo razão. Situações deste tipo são lamentáveis e nos mostram o quanto ainda temos que caminhar rumo ao fim das violências de gênero que se abatem sobre tantas pessoas. Tem muita estrada pela frente, e é preciso audácia para seguir e enfrentar o conservadorismo político e institucional que tem se intensificado. É preciso também coragem acadêmica para convencer as pessoas de que o que estamos fazendo em nossos trabalhos é pesquisa e construção de conhecimento científico. Precisamos rever nossos conceitos, evidenciando em nossas condutas e práticas que as mulheres não são obrigadas a sujeitarem-se a certas situações e violências, sejam elas psicológicas ou físicas. Que o grito de revolta de Mc Carol ecoe cada vez mais alto: “*Minha fragilidade não diminui minha força, eu que mando nessa porra, eu não vou lavar a louça, sou mulher independente não aceito opressão, abaixa a sua voz, abaixa a sua mão*”.

Mulheres e homens no âmbito da atuação profissional remunerada

Quando as mulheres, já rompendo as tantas barreiras que as resignam ao trabalho no lar, conseguem adentrar no mundo do trabalho remunerado, outros tantos obstáculos continuam existindo. O primeiro a ser mencionado é o próprio espaço de atuação profissional que muitas vezes se limita à cozinha e limpeza. Mesmo quando realizadas de maneira remunerada em firmas, empresas, residências ou instituições, estas tarefas continuam intrinsecamente associadas às mulheres, não é por acaso que visivelmente elas são maioria no desempenho de tais atividades. Tudo bem que a mulher esteja no mercado de trabalho, desde que nele exerça funções não muito diferentes das que estaria fazendo em casa, afinal, são o que elas fazem de melhor.

Existe uma primazia pela contratação de pessoas do sexo feminino para a execução de tarefas relacionadas ao cuidado: cozinheiras, faxineiras, empregadas domésticas, arrumadeiras, lavadeiras, passadeiras, camareiras e babás são profissões culturalmente definidas e lidas como femininas, via de regra. A associação gênero-trabalho realizada deste modo é arbitrária e passível de desconstrução. No entanto ela é tão fortemente enraizada em todas e todos nós que muitas vezes nem imaginamos que podem existir babás homens, por exemplo. Mães e pais podem ter uma dificuldade imensa em conceber a ideia de terem um homem como cuidador de suas filhas ou de seus filhos, tanto que são raríssimas as vezes em que eles conseguem espaço - ou mesmo buscam espaço - neste ramo profissional. Empregadoras e empregadores realizam esta distinção baseadas e baseados em critérios que culturalmente construímos e mantemos. Até mesmo a docência - mais notadamente na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental - é perpassada por este processo histórico de dicotomização do trabalho remunerado, haja vista que, de certa forma, tem a ver com a questão do cuidado. É melhor que as pessoas responsáveis pelas crianças em uma sala de aula sejam mulheres, pois elas tem condições de cuidar melhor de suas alunas e de seus alunos, não só na questão da aprendizagem, mas do afeto, atenção e dedicação. Vianna (2002, p. 93) contribui significativamente para esta discussão:

Essa dicotomia cristaliza concepções do que devem constituir atribuições masculinas e femininas e dificulta a percepção de outras maneiras de estabelecer as relações sociais. O cuidado, por exemplo, é visto como uma característica essencialmente feminina – para alguns uma responsabilidade natural, para outros, fruto da socialização das mulheres. Muitas atividades profissionais associadas ao cuidado são consideradas femininas, como a enfermagem, o tomar conta de crianças pequenas, a educação infantil, etc. O

ato de cuidar, fundamental na relação com a criança, deve ser entendido como uma atividade que envolve compromisso moral.

O que quer dizer este envolvimento com um compromisso moral? Quer dizer que na execução de suas tarefas remuneradas relacionadas ao cuidado estariam as mulheres sendo coerentes com sua natureza cuidadosa, afável e delicada. Vejamos:



www.arionaurocartuns.com.br

Fonte: <http://www.arionaurocartuns.com.br/2016/04/charge-discriminacao-da-mulher-trabalho.html>

Teriam elas o compromisso moral de cuidar, e aquelas que profissionalmente seguem este percurso estariam, pois, firmes no mencionado compromisso, atribuído a elas pela natureza ou por alguma outra instância superior. É possível pensar a partir deste cartum que a mulher no mercado de trabalho, independente da função, acaba por carregar consigo a sombra da dona de casa cuja função é preocupar-se com o lar. Por não estarem no lugar em que deveriam naturalmente estar, isto é, cuidando da casa, as mulheres muitas vezes não são bem vistas na execução de algumas tarefas, principalmente aquelas que historicamente são tidas como masculinas. Pensa-se que elas não seriam tão bem preparadas quanto os homens para estarem à frente de determinados processos do mundo do trabalho. Culminam neste descrédito inúmeros discursos, não apenas o de que elas deveriam estar cuidando dos afazeres domésticos: a mulher que não tem um raciocínio tão apurado, a mulher que não sabe dirigir, a mulher

que é menos funcional, a mulher que não é dotada de habilidades técnicas, a mulher como objeto de prazer, a mulher que só pensa em dietas e em estar sempre bonita, dentre outros. Estes estigmas marcam intensamente a representação que coletivamente construímos acerca da identidade feminina. Assim as mulheres - mesmo aquelas que não se identificam com determinados modos de ser - vão sendo rechaçadas em inúmeros espaços, e infelizmente, diante da cultura misógina que nos constitui, não poderia ser diferente no espaço do trabalho.

Estamos, pois, falando de uma pluridiscursividade, de uma infinidade de enunciações e representações que culturalmente perpassam o modo pelo qual nos subjetivamos enquanto mulheres e/ou homens, e também os critérios a partir dos quais seremos lidas e lidos pelas pessoas com as quais convivemos. O que existe é uma verdadeira heterogeneidade de discursos - não necessariamente coerentes - que oferecem as pautas a serem seguidas, tentando ditar as regras do jogo. Neste cenário os discursos não se constituem como um todo uniforme ou harmonioso: eles tencionam-se, pressionam-se, disputam entre si legitimidade ou aceitação e muitas vezes até mesmo contradizem-se. Existe ao nosso redor, imbuído no infundo rol de noções culturais que compartilhamos, um discurso que afirma serem as mulheres dotadas da capacidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo. Eu me questiono, pois, se não seria esta característica uma vantagem no mundo do trabalho, haja vista que poderiam elas executar tarefas simultâneas, o que possivelmente agilizaria uma série de coisas. Este discurso tenciona-se, no entanto, com a ideia de que são elas menos funcionais e mais lentas. E aí, quem sai “ganhando”? A mulher que consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo ou a mulher marcada pela lentidão? Fischer (2001, p. 197), a partir das contribuições do pensamento foucaultiano, sugere que “*está em jogo, nessa pluridiscursividade do social, uma luta pela imposição de sentido, a luta entre vários discursos, na conquista de novos sujeitos*”. Na luta pela imposição de sentidos sobre a mulher tem vencido aqueles que objetivam subjugar-la, emanados por instâncias que tem poder para isto, como a religião e a moral.

No mundo do trabalho remunerado, portanto, não incide sobre as mulheres somente a sombra dos afazeres domésticos que ficaram para trás no momento em que elas saíram de casa para trabalhar. Coexistem com este discurso outras noções sobre como elas são ou deveriam ser, inclusive a objetificação:



Fonte: <http://mane-ninguem.blogspot.com.br/2014/05/entrevista-de-emprego-para-mulheres.html>

Aqui a moça de óculos, absolutamente qualificada porém fora dos padrões de beleza considerados desejáveis, se vê dispensada. A vaga vai para aquela que, mesmo com o currículo minúsculo que apresentou, se alinha ao que é considerado bonito e atraente. Quais seriam as “qualificações” que tanto chamaram a atenção do empregador? Possivelmente as curvas e a sensualidade da candidata selecionada. A desolação da mulher dispensada é visível, e, ao pensar em se preparar ainda mais para pleitear as próximas vagas, ela parece não perceber muito bem que é por conta de sua aparência que ela tem ficado para trás. A partir disto é possível pensarmos em que medida o assédio sobre as mulheres tem marcado presença no mundo do trabalho. Podemos não enxergar esta questão com facilidade, mas ela existe mesmo assim. Ao falarmos de assédio quero me alinhar ao modo como Lousada (2014, p. 44) o define:

Ao falarmos-nos de assédio (por vezes coexistem diferentes tipos de assédio) reportamo-nos a atos, atitudes e comportamentos exercidos na vertical (em regra pelo patrão/superior hierárquico) ou na horizontal (perpetrados por

partes, tantas vezes pelos próprios colegas), traduzindo-se num contínuo, permanecendo no tempo e não episodicamente, fugindo às práticas definidas no contrato de trabalho e às regras sociais, podendo manifestar-se através de diferentes graus de intensidade.

Esta autora nos convida a pensar que nem sempre o assédio no ambiente de trabalho se materializa no uso da força ou na violência sexual, mas nos indica, em qualquer situação, abuso de poder ou de autoridade para gerar constrangimento a alguém. Um grande problema nesta questão é o fato de estas ações abusivas acontecerem na maioria das vezes em um âmbito quase invisível ou invisibilizado, isto é, pouco perceptível, principalmente para aquelas e aqueles que estão de fora do espaço de trabalho: perseguições, divulgação de boatos caluniosos, humilhações, difamação, depreciação, menosprezo, e por aí vai. Mas porque isto é um problema de gênero? Bem, como pondera Monteiro (2014, p. 52) a partir dos seus estudos, “*de fato pode-se considerar que o assédio moral e sexual no trabalho é um problema de gênero, na medida em que afeta mais as mulheres do que os homens*”. Notadamente as mulheres têm sido vítimas de inúmeras estratégias intimidatórias - que podem ser consideradas mobbing⁸ - no mundo do trabalho. Devido às “limitações” inerentes ao fato de serem mulheres, são muitas vezes consideradas incapazes ou menos preparadas para o desempenho de determinadas funções, objetificadas e assediadas moralmente e até mesmo sexualmente.

Araújo (2014, p. 61 - 62) nos apresenta com riqueza de detalhes o relato de uma mulher vítima de assédio moral no âmbito profissional. Seu relato nos possibilita entender melhor como ele acontece e como afeta a vítima:

Lembro-me do isolamento a que fui votada e da indiferença dos colegas. Lembro-me de muito sofrimento e, em especial, de cada um dos métodos que foram usados comigo. [...] Durante esse período, que durou mais de um ano, o diretor de exploração várias vezes me pediu trabalho com urgência perto da minha hora de saída e me vi obrigada a ficar a executá-lo, noite dentro, trabalhando 15 ou mais horas num único dia. Na manhã seguinte quando o entregava o trabalho era severamente criticado. [...] Retiraram-me o acesso a circulares internas [...] para influir negativamente na minha prestação de trabalho, [...] foi me retirado o acesso à internet, ao e-mail e ao telefone. Enquanto me tirava funções, este diretor de exploração tinha muitas conversas a meu respeito com as minhas colegas de gabinete e até com as operadoras de lavanderia. Tudo serviu para denegrir a minha imagem, o meu divórcio, a minha família, a minha incompetência, a minha forma de vestir. A mim, o mesmo diretor aconselhava-me, muitas vezes em tom paternal, a

⁸ <https://www.economias.pt/mobbing-como-sobreviver-e-denunciar/>

meter baixa porque estava doente. [...] Isto todos os dias, várias vezes ao dia, e sempre na frente das minhas colegas. Com o passar do tempo, comecei a sentir que não podia manter-me neste local de trabalho, eu andava deprimida, angustiada, chorava quando tinha de ir para o trabalho, [...] tinha enxaquecas frequentes e tensão alta.

Um verdadeiro processo diário de tortura extremamente doloroso recaiu sobre a depoente. É possível pensarmos no porquê de ser ela, especificamente, o foco difamatório do mencionado diretor, dentre tantas outras profissionais que trabalhavam naquele local. Seria o fato de ser recém-divorciada? Pensaria ele que as divorciadas não merecem respeito? Teria ele ficado interessado nela e diante de uma possível não abertura de margem para investidas ele resolveu prejudicá-la? De qualquer modo, independente da origem da “birra” do supervisor - se é que existe uma origem - são práticas violentas que devem ser combatidas e denunciadas. O assédio moral no espaço do trabalho é mais comum do que podemos imaginar, principalmente nos espaços em que eram os homens que constituíam a maioria até pouco tempo. Ele só é invisibilizado, muitas vezes pela própria firma ou instituição, para não gerar escândalos envolvendo o nome da empresa. Com a entrada das mulheres nestes espaços antes masculinos, muitos deles se sentem no direito de assediá-las. Araújo (2014) encerra seu texto com dicas extremamente pertinentes de como lidar e denunciar situações de assédio no trabalho.

Continuemos, pois, tecendo nossa cartografia identitária de mulheres e homens, considerando agora certas representações humorísticas que inserem nas mulheres, de modo geral, um rótulo de “ser problemático”, ao passo que aos homens reservam o direito de serem coerentes, precisos e de fácil interpretação. Estas rotulações são partes de processos de significação complexos que se desdobram em inúmeros (pré)conceitos.

CAPÍTULO 4 - A MULHER PROBLEMA

Muitas vezes a imagem da mulher é associada com problemas em geral: histeria, materialismo excessivo, fofoca, TPM, estresse, ambiguidade, dentre outros. A partir desta noção quem convive com uma mulher sempre teria, portanto, um problema constante, uma bomba-relógio na eminência de explodir a qualquer momento, causando problemas a todas/os ao redor. Textos humorísticos, como veremos, constituem-se como campos férteis para a disseminação e naturalização de noções neste sentido.

Pretendo nesta seção cartografar estas representações que criam de certa forma uma identidade feminina problemática e constantemente subjugada em nossa cultura do humor. Muitos textos humorísticos dão vazão a este modo estereotipado de pensar. Ao me empreender em cartografar estas representações humorísticas no tocante à questão da associação mulher-problema, estou interessado em delinear um “mapa” das linhas de forças que inevitavelmente exercem influência sobre nós, mulheres e homens que consomem e propagam estes artefatos durante nossos momentos de distração. De acordo com Filho e Teti (2013, p. 51):

Um objeto politicamente relevante para análises cartográficas seriam, portanto, práticas de normalização em domínios diversos tais como: loucura, sexualidade, criminalidade, saúde, educação, entre outros. Nesse caso, como em outros tantos, a cartografia serve como método e instrumento ligados à problematização de uma história do presente, na medida em que possibilita uma crítica do nosso tempo, permitindo também enfrentar enunciações, modos de sujeição e resistir a jogos de objetivação x subjetivação que fazem de nós aquilo que somos.

Nós não nos tornamos aquilo que somos por mero acaso. Existem muitos empenhos políticos e culturais agindo sobre nós no intuito de nos enquadrar dentro de certas expectativas sociais. O gênero faz parte deste amplo rol de imposições e, para se impor, para fazer com que mulheres ajam como mulheres e que homens ajam como homens, vai se inserindo em nosso cotidiano de maneira muito sutil através de muitos artefatos. O humor é um ambiente frutífero para esta sutileza, haja vista que é um espaço que quase ninguém leva a sério. Cartografar textos humorísticos requer que levemos a sério algo que a maioria das pessoas pensa ser somente brincadeira. Ao cartografar levando a sério textos humorísticos que têm como elemento central a mulher problemática em muitos aspectos, estamos, de certa forma, resistindo a modos de sujeição que incidem sobre nós e especialmente sobre elas. Estes modos de sujeição e

subjetivação giram em torno de algumas características que permeiam a mulher enquanto ser problemático: o materialismo que faz delas pessoas extremamente interesseiras e fúteis, a falsidade e o desejo constante em criticar, fofocar e falar mal da vida dos outros, a histeria, a TPM e a ambiguidade que as tornam incompreensíveis muitas vezes. Em todos os casos, no entanto, estas nuances do “ser mulher” acabam por gerar problemas. Mulher é sempre um problema:

1. Para encontrar uma mulher você precisa de tempo e dinheiro, então:

$$\text{MULHER} = \text{TEMPO} \times \text{DINHEIRO}$$

2. "Tempo é dinheiro", então:

$$\text{TEMPO} = \text{DINHEIRO}$$

3. Portanto:

$$\text{MULHER} = (\text{DINHEIRO})^2$$

4. "Dinheiro é a raiz de todos os problemas!", então:

$$\text{DINHEIRO} = \sqrt{\text{PROBLEMAS}}$$

5. Então, temos que:

$$\text{MULHER} = (\sqrt{\text{PROBLEMAS}})^2$$

$$\text{MULHER} = \text{PROBLEMAS}$$

Parabéns

Fonte: <https://cenfopmatematicasignificativa.wordpress.com/2010/02/09/charges-matematicas/>

Este texto humorístico “prova” matematicamente que mulher é igual a problemas. Mas porque utilizar a matemática para obter esta conclusão? Que estratégia é esta? O que ela pretende? Lembremo-nos do status da matemática como ciência exata e edificadora de veracidades. Esta ciência sempre constrói, observados os

procedimentos lógicos, conclusões indubitáveis. A prova no contexto da matemática, diga-se de passagem, adquire caráter irrefutável. Seguindo criteriosamente os caminhos da razão encontramos uma certeza que se pretende inegável: mulher é sinônimo de problema. Estamos, deste modo, falando de uma verdade que é construída a partir de inúmeras vias, e neste caso pela via da matemática. Usa-se da matemática neste texto humorístico para atribuir legitimidade e confiabilidade à conclusão. Afinal, a matemática não erra nunca, se bem utilizada. É interessante, pois, principalmente no contexto da análise cartográfica, que coloquemos nossas verdades em suspenso exercendo uma atitude que, para Fischer (2003, p. 375) representa uma postura a ser exercitada cotidianamente por aquelas/es que pesquisam:

O que uma atitude como essa sugere ao pesquisador? Sugere, antes de qualquer coisa, que é preciso aprender o exercício da dúvida permanente em relação a nossas crenças, às nomeações que vimos fazendo por vezes há longo tempo, de tal forma que já as transformamos em afirmações e objetos plenamente naturalizados.

A mulher materialista e interesseira

“Para encontrar uma mulher você precisa de tempo e dinheiro” é a ideia inicial enunciada pelo texto humorístico exposto anteriormente. É a partir desta premissa que a prova matemática se desenvolve. Esta premissa também pode ser lida como uma “verdade”, haja vista que na matemática partimos de verdades primárias - chamadas de axiomas ou postulados - que são manipuladas racionalmente em busca da obtenção de novas verdades. A conclusão não pode ser verdadeira se a premissa não for verdadeira. Portanto, estamos lidando com mais uma “verdade”: mulher custa tempo e dinheiro.

Comumente as representações que construímos acerca do “ser mulher” associam-se com uma ideia de materialismo. As mulheres, é possível dizer, teriam a “necessidade” de acumular ao seu redor bens de consumo responsáveis por manterem sua autoestima elevada e seu humor estável. Elas precisariam de muitas coisas para manter-se bem consigo mesmas, coisas estas que não são baratas. Não que os homens sejam desapegados ou desligados de questões materiais, mas esta característica seria, de acordo com esta noção, bem mais proeminente nas mulheres. Seria uma marca intrínseca à personalidade de todas elas. Neste sentido, uma mulher sempre custaria caro para o bolso de um homem, o que pode ser um problema grave para o companheiro. São muitos os caprichos a serem custeados: salão de beleza, roupas, sapatos, acessórios,

tratamentos estéticos, bolsas, joias, produtos de beleza e de cuidados pessoais, jantares em restaurantes chiques, viagens, carro do ano, dentre outros. Para ter uma mulher ao seu lado deve o homem estar economicamente preparado para lidar com este materialismo excessivo, afinal, mulher custa caro. Quem nunca viu, seja em filmes, novelas ou mesmo na vida real, uma mulher com o guarda-roupas abarrotado de peças das mais diversas se desesperando por não ter roupa para sair? Por mais vasto que seja seu acervo pessoal, ele nunca seria suficiente. A acumulação de roupas e a preocupação excessiva das mulheres com a questão das vestimentas podem ser características lidas rastros do problema feminino relacionado ao materialismo. Quanto mais elas têm, mais elas querem. Vamos observar este cartum:



<http://chargesdodenny.blogspot.com.br/2012/11/mulheres.html>

Para elas, sempre seria indispensável uma roupa bacana para usar, de preferência inédita e recém-comprada, que chame a atenção positivamente, mesmo no fim do mundo. O objetivo delas seria não apenas chamar a atenção dos homens com seus modos de se portar, mas especialmente e principalmente das próprias mulheres, no intuito de causar inveja. Cada uma delas pretenderia ser, sempre que possível, a mais bonita e a mais bem vestida, principalmente em festas e eventos sociais. Mas mesmo numa situação extremamente trágica como esta - o fim do mundo - permaneceriam as mulheres completamente voltadas para o material, para o status e para a preocupação com relação ao modo como serão vistas pelas pessoas ao redor. Esta vaidade exorbitante não teria limites. Esta representação vem evidenciar um materialismo que se alia a uma

frivolidade bem marcante. Mulheres seriam seres fúteis e superficiais pela preocupação descomunal com coisas que para muitas/os são dispensáveis.

Estas representações - a partir de um olhar advindo dos estudos mais contemporâneos relacionados à subjetividade - para além de refletir modos de ser pré-existentes no mundo, instituem, fabricam, criam estes modos em torno de regimes de verdade que nos subjetivam o tempo todo. Estamos aqui considerando que os enunciados sobre o “ser mulher” e sobre o “ser homem” em análise se gestam dentro de uma matriz de significados que permite que pensemos ou digamos determinadas coisas em detrimento de outras. Os processos de produção enunciativa - que ativamente tornam reais as coisas que a princípio apenas nomeiam - têm como plano de fundo uma cultura que inevitavelmente condiciona estes processos em determinados sentidos. Deste modo, os textos humorísticos aqui analisados como enunciações no sentido foucaultiano, se erguem dentro de uma cultura que é historicamente misógina e excludente, trazendo, portanto, marcas explícitas desta misoginia que tem orientado não apenas a produção do humor mas de muitos outros discursos. Foucault (2014, p. 08) ricamente contribuiu para esta problematização:

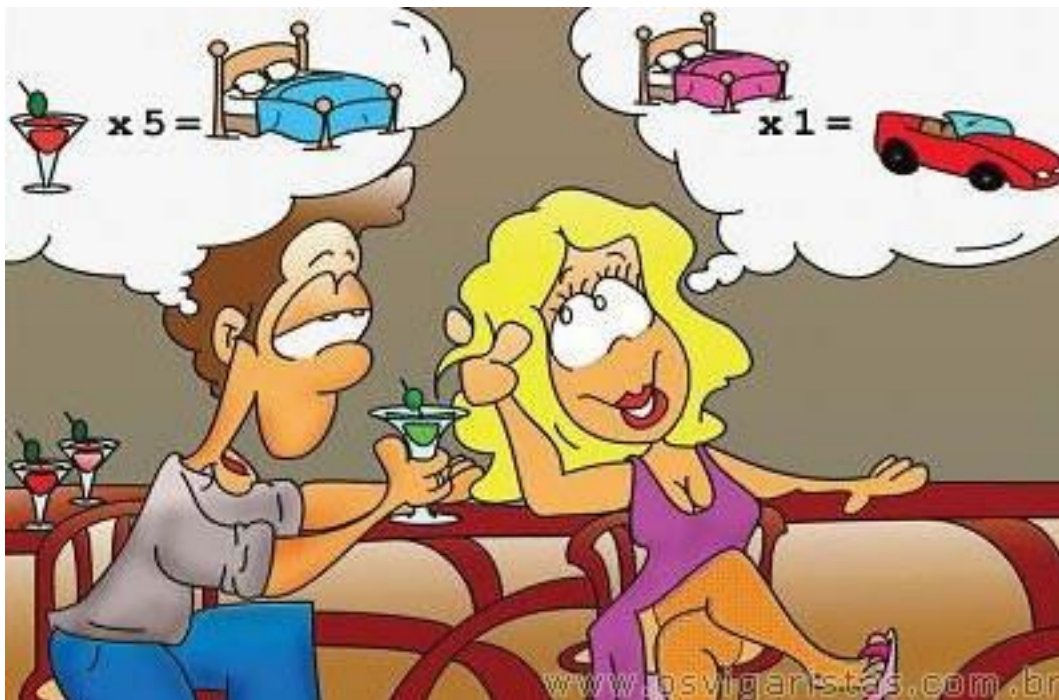
Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Discursos podem fazer muitas coisas com as pessoas, inclusive coisas que não estavam previstas, como por exemplo encorajar transgressões e resitências, o que seria um grande perigo do ponto de vista normalizador. Este “acontecimento aleatório” deve portando se tornar mínimo a partir da vigilância constante com relação àquilo que discursivamente tem sido produzido. É preciso então compreender que as enunciações aqui problematizadas são produzidos desta forma, controlados, selecionados, organizados e redistribuídos através de uma série de estratégias que objetivam torna-los verdadeiros e cristalizados em nossas mentes. A partir do momento em que nos subjetivamos nestes princípios naturalizados e cristalizados, muitas vezes deixamos de perceber que eles são arbitrários, excludentes, genéricos e incapazes de dar conta da complexidade inerente a todas e todos nós.

É possível pensar que não se diz por aí o que bem se quer dizer - de livre e espontânea vontade - sobre mulheres e homens. Dizem-se coisas sobre mulheres e

homens sendo que este dizer é controlado e vigiado constantemente através de apuradíssimas ferramentas de delimitação do discurso. Foucault (2014) destaca uma série destas ferramentas, como a interdição, que nos impede de dizer ou até mesmo de pensar em determinadas coisas que são indizíveis ou impensáveis, isto é, coisas que nossa cultura não nos permite dizer ou pensar, como os tabus. O prazer feminino por longos períodos foi foco desta interdição. Este prazer por muito tempo foi um grande tabu, haja vista que não se podia falar sobre ele ou mesmo pensar sobre ele, e tampouco era permitido às mulheres senti-lo.

Estamos, pois, tratando de representações humorísticas que não vêm do acaso e que não são naturais: são controladas e produzidas dentro um nicho cultural específico com significados específicos, no caso a nossa cultura ocidental de base patriarcal. As enunciações que produzem jeitos de “ser mulher” e de “ser homem” são, antes disto, gestados no interior de um espaço cultural que cria e alimenta as condições de existência que dão origem e sustentação a eles. Enunciações e enunciados, portanto, produzem e são produzidos. Produzem porque constroem performativamente visões de mundo e subjetividades, e são produzidos porque não se edificam fora de um sistema de significação - formação discursiva - que oferece a pauta do que pode e do que não pode ser dito ou pensado. Parece-me, ao analisar as charges, cartuns e tirinhas aqui presentes, que as coisas que podem ser ditas ou pensadas sobre mulheres e homens têm atendido as demandas sociais da dominação masculina em inúmeros sentidos. Neste contexto de produção onde nenhuma definição é natural, mas fruto de disputas constantes entre significados diversos, surge também a imagem da mulher como interesseira, sempre de olho no que o homem teria para oferecer materialmente:



Fonte: <http://psiucheguei.no.comunidades.net/charges-matematica>

Diante do suposto materialismo exagerado presente nas mulheres, isto é, da necessidade delas de possuírem coisas que conferem determinado status, seriam também bem mais interesseiras do que os homens. Frívolas ao ponto de ficarem com alguém só pelo que este alguém possui materialmente. Nesta representação, ao passo em que o homem almeja depois de cinco doses ir para a cama com a mulher, ela, por sua vez, parece almejar com este envolvimento afetivo algo a mais ao lembrar que ele possui um “carrão”. Representações como esta mantêm e reafirmam naturalmente um modo de ser feminino que é arbitrário e construído, mas que muitas vezes nós mesmas/os reforçamos. Um exemplo do modo como nós taxamos as mulheres de interesseiras de maneira impensada é quando vemos uma moça jovem e bela em um relacionamento com um homem mais velho e fora dos padrões de beleza masculinos. Nesta situação multiplicam-se os jargões e falas no seguinte sentido: “Com certeza é interesse”, “ela só está com ele por causa de dinheiro” ou “deve estar tramando algum tipo de golpe da barriga”. Eu me pergunto: deve necessariamente existir um interesse em uma relação deste tipo? Não seria possível existir uma relação verdadeira e sincera entre uma mulher mais nova e um homem mais velho?

As mulheres, deste modo, estariam sempre de olho no que podem conseguir de acréscimo material no envolvimento com alguém. Seus relacionamentos muitas vezes

são pautados unicamente neste interesse: daí a imagem que criamos da “Maria Chuteira”, que persegue jogadores de futebol ricos e famosos em busca de status e de vantagens materiais advindas de um possível relacionamento interpessoal, ou da “Maria Gasolina” que só se envolve com homens que possuem carros caríssimos e potentes. Estas identidades são caixinhas criadas por nós para enquadrar aquelas que sonham com coisas que possivelmente nunca conseguirão ter por conta própria, mulheres geralmente de baixa renda que almejam subir na vida.

Estas representações são problematizáveis por uma razão muito simples: acabam por manter uma condição de dependência das mulheres para com os homens que pode estar resignando a elas, em algumas situações, espaços de reduzida autonomia e liberdade pessoal. Viver de mesada de marido rico pode ser muito bom e confortável, mas pode também manter uma dependência explícita que oculta violências. O que aquele que paga sem reclamar os incontáveis caprichos pode fazer com a mulher? Sexo na hora que quiser, mesmo sem vontade da parte dela? Pode humilhar? Pode desmoralizar? Pode fazer o que quiser com ela por estar na condição de mantenedor financeiro? Não é incomum vermos ao nosso redor situações desta natureza, onde o marido rico mantém os caprichos da mulher, mas em troca exige uma postura submissa e inferiorizada, diante de si mesmo e da sociedade. E isto é um problema grave.

A mulher falsa e fofoqueira

É possível encontrarmos ao nosso redor representações que atribuem às mulheres um lado venenoso e hostil, o que pode representar um empecilho para quem convive com elas. “É preciso tomar cuidado com as mulheres”, ouvimos por aí. Mulheres seriam naturalmente mais pérfidas do que os homens, sempre armadas para falar mal da vida alheia e macular a imagem de quem quer que seja. Mulheres seriam cobras sempre prontas para dar o bote, notadamente maléficas quando incomodadas. A imagem da “falsiane” que construímos recentemente nos diz muito sobre esta questão. As “falsianes” seriam capazes de ser extremamente gentis e amáveis com determinada pessoa em um encontro casual, e assim que ela vira as costas colocar em prática uma deslealdade evidente para com esta mesma pessoa. A falsidade, deste modo, seria uma característica bem mais proeminente nas mulheres do que nos homens:



Fonte: <http://paulgettynascimento.blogspot.com.br/2013/11/diferencas-homem-x-mulher-humor-charges.html>

Entre si os homens seriam capazes de construir relações muito mais leais e sinceras do que as mulheres, falsas e egocêntricas por natureza. No caso exposto pela tirinha, todos os amigos parecem se alegrar verdadeiramente com a promoção do personagem que convida todo mundo para uma comemoração em um bar. Todos aparentemente ficam bastante alegres com a conquista do colega. A camaradagem e o companheirismo surgem como atributos associados ao masculino. Já no grupo de mulheres as características que se evidenciam não são nada parecidas com camaradagem e companheirismo. Elas mostram-se felizes com a conquista da Bete - que já lançou a notícia de maneira um pouco arrogante, objetivando causar inveja - só até o momento em que ela sai de cena. Pelas costas de Bete elas dão o bote ao não concordarem com a promoção e ao considera-la indigna de tal vitória. Elas, ao contrário dos homens, não parecem se alegrar sinceramente com a promoção da colega.

Seria então a falsidade e o hábito de falar mal pelas costas características de fato inerentes às mulheres? Bem, ao mesmo tempo em que a tirinha parece reforçar esta ideia, é possível a partir dela própria encontrar alguns elementos que, de certa forma, nos possibilitam desconstruir esta noção estereotipada. Em primeiro lugar, ao contrário do que acontece com o grupo de mulheres, não aparece na cena masculina o que

acontece quando o promovido não está presente. Esta parte é ocultada. O tempo todo ele está na frente dos companheiros. Espera-se que pensemos - diante das noções de companheirismo e camaradagem que associamos ao masculino - que na sua ausência a exaltação dos colegas continuará a mesma, mas não existe nenhuma garantia concreta de que este sentimento irá permanecer. É mostrado o que acontece com a ausência de Bete, mas não é mostrado o que acontece com a ausência do personagem masculino. O que eles falarão entre si quando o promovido não estiver presente? Continuarão felizes por ele, será? Só as mulheres são falsas diante da felicidade alheia, ou isto seria uma característica de todas e todos nós enquanto seres humanos, mulheres e homens?

Não pretendo e nem espero aqui construir um estigma invertido que associe aos homens as características de falsos e fofoqueiros. Estou apenas pensando se seriam estas características traços presentes com mais afinco apenas nas identidades femininas. Penso que o mundo capitalista e os modos de vida que costumamos empreender nos conduzem inevitavelmente a um certo individualismo onde, muitas vezes, centramo-nos tanto em nossos interesses que nos incomodamos quando vemos outras pessoas conquistando-os. E não existe nenhum argumento estável para dizer que nas mulheres este processo egocêntrico seria mais intenso. Voltando para a tirinha, em que medida estariam os colegas sendo inteiramente verdadeiros com o amigo que conquista a promoção, se não temos condições de analisar a atitude deles longe do personagem promovido? Em que medida esta alegria seria de fato verdadeira? Diante da enunciação “breja por minha conta”, poderia esta alegria contagiante estar associada ao fato de que irão beber de graça e se divertir sem gastar um tostão? Por que não? Por outro lado, olhando para o grupo de mulheres, Bete não parece ser muito amigável. Ela joga a notícia da promoção objetivando explicitamente incomodar e causar inveja. Não temos acesso ao histórico de atitudes dela, mas, e se Bete realmente for uma pessoa importuna? Teriam as colegas a obrigação de se alegrarem com uma notícia dessas, vinda de uma pessoa que arrogantemente parece gostar de causar inveja? Claro que não. O que estou tentando mostrar é que somos mais do que um rol de características genéricas associadas a um determinado gênero. Somos complexos demais para isto. Vamos observar esta charge:



Fonte: <http://www.viomundo.com.br/blog-da-mulher/e-os-chargistas-nao-tem-nada-mais-a-fazer-do-que-piadas-sexistas.html>

Aqui podemos perceber uma alusão clara ao governo da presidenta Dilma que contava com uma equipe ministerial composta por muitas mulheres. Antes de qualquer coisa podemos nos questionar com relação ao porquê de estar a expressão “reunião ministerial” colocada entre aspas. Quando colocamos algo entre aspas o que estamos querendo dizer? Estamos querendo dizer que não seria bem com aquelas palavras o modo correto de pronunciar a questão, que não seria bem aquilo. O que elas fazem, portanto, não é bem uma reunião ministerial, haja vista que as intermediadoras são mulheres que aparentemente não dão conta do recado de governar uma nação. O que aconteceria então numa reunião ministerial cheia de mulheres? Fofocas e mais fofocas. Para além da associação natural que cotidianamente temos estabelecido entre mulheres e atitudes falsas e difamatórias, esta representação nos incita a pensar também na invisibilidade delas dentro dos cenários políticos e administrativos. Muitas vezes não enxergamos nelas administradoras em potencial porque só conseguimos visualizar, subjetivadas/os em representações como estas, as sombras da mulher irracional, da mulher objeto, da mulher falsa e fofoqueira, da mulher que só serve para pilotar fogão, e muitas outras imagens negativas a elas associadas.

Estamos, pois, lidando com imagens humorísticas que podem ser lidas e compreendidas, a partir do imenso do subsídio dos Estudos Culturais, como artefatos culturais envolvidos em uma luta constante em torno da significação. Significados sobre

o “ser mulher” e sobre o “ser homem” estão em jogo tentando vencer e conquistar as mentes das pessoas. Como tem sido possível observar nas charges, cartuns e tirinhas que estamos explorando, não por acaso os significados que têm vencido comumente tem sido aqueles que subjagam as mulheres em incontáveis espaços sociais: no lar, no trabalho, na política, na matemática, e por aí vai. Enunciados, enunciações, discursos e significados disputam constantemente espaço para se tornarem verdadeiros e cristalizados. De acordo com Silva (2007, p. 133), “*os estudos culturais concebem a cultura como campo de luta em torno da significação social. A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados*”.

A mulher ambígua e incompreendida

Nesta luta constante em torno da significação e da generalização de verdades sobre nós é possível identificarmos algumas noções que associam as mulheres e suas ações com a ambiguidade e com a incompreensão. As mulheres seriam, neste sentido, seres pouco coesos, menos capazes de estruturar sequências de ações ou de pensamentos coerentes e que façam sentido na totalidade. “É difícil entender as mulheres”, ouvimos comumente. Seriam elas capazes de contradizerem-se e tropeçarem em seus próprios atos com muito mais frequência do que os homens:



Fonte: <https://blogstamojunto.wordpress.com/colunistas/viver-bem/charge-essas-mulheres/>

Neste caso, a mulher a princípio acaba por cair em uma situação de contradição: se não era necessário sentir pressa para uma série de ações anteriores, porque seria necessária a pressa para se casar? Ela não estava precisamente evitando a pressa, se mostrando pacífica e tranquila? Ela não estava justamente irritada com seu companheiro

por conta da pressa demonstrada por ele? Porque ela estaria se permitindo sentir pressa se esta é uma característica que a instantes atrás ela não gostava? Nos dois primeiros quadros ela se mostra calma e sem pressa nenhuma, ao passo que no terceiro ela revela uma pressa notável pelo casamento. Estamos, pois, diante de uma aparente ambiguidade da parte dela. Ela afasta uma característica somente até o ponto em que lhe convém, no caso, até o ponto em que a ideia do casamento entra em cena.

O quadrinho anterior pode nos incitar a pensar também na própria questão do casamento - enquanto união monogâmica, institucionalizada e sagrada entre mulher e homem - como uma imposição que historicamente tem pesado mais fortemente sobre as mulheres. A imagem da mulher solteirona, sem filhos e sem marido, ainda pode ser considerada como um marcador social negativamente estigmatizado. Nenhuma mulher deveria almejar este triste destino, sozinha sem ninguém para cuidar dela - como se ela precisasse disto. Ainda cultivamos a noção de que a mulher precisa ser cuidada.

Questiono-me se seria esta predileção à contradição de fato uma característica mais evidente no “sexo frágil”, ou se esta noção teria sido construída através da luta pela imposição de sentidos culturais. Somos incoerentes e conflitantes enquanto seres humanos, mulheres e homens em geral. Seria possível, nesse sentido, considerar o personagem masculino do quadrinho anterior também como desconexo, haja vista que ele instantes antes estava com pressa e deixa de tê-la abruptamente. Mas não estamos acostumada/os com este tipo de leitura da realidade, estamos condicionadas/os muitas vezes a reservar às mulheres este status da ambiguidade.

Acionamos o tempo todo, todos nós, mulheres e homens, de acordo com o ambiente que nos cerca, características e nuances de nós mesmas/os que podem ser distintas entre si. Nossas identidades e as lentes utilizadas por nós para analisar os fenômenos sociais que nos rodeiam são múltiplas. Estamos bem longe de sermos coerentes, o sonho iluminista do sujeito uno, centralizado, indivisível e dono de si há muito tempo já não faz mais sentido. O pensamento de Hall (2001, p. 13) vem justamente na contramão desta tendência - que coletivamente construímos - em fixar identidades e modos de conduta. Fala-se de uma “crise da identidade” onde mudanças constantes nos quadros de referência onde as pessoas coerentemente costumavam se apoiar tem abalado fortemente uma ancoragem estável em um modo específico de ser:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significações e

representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente.

De modo geral, dentro dos estudos de gênero mais contemporâneos esta abordagem que assume a transitoriedade e seus riscos tem sido significativamente contemplada. No entanto, não estamos muito acostumadas e acostumados com este desprendimento e muitas vezes continuamos insistentemente fixando as identidades:



Fonte: <http://italodorneles.blogspot.com.br/2010/11/charge-difcil-entender-o-universo-das.html>

É necessário que compreendamos que alguns modos específicos de ser mulher - e conseqüentemente modos de ser homem - têm sido gestados em representações deste tipo que, pela chancela do humor, podem sim estar violentando, constrangendo e limitando inúmeras possibilidades de transcendência por parte das pessoas que diariamente consomem este tipo de produção cultural. Estes modos não são, portanto, naturais, e sim construídos. Nesta tirinha a mulher se mostra extremamente ambígua ao exigir flores e ficar estressada ao recebê-las, questionando a conduta do companheiro que gentilmente oferece o presente. Ela se mostra incompreensível e difícil de agradar. Comumente encontramos em nosso entorno social muitas outras marcas deste processo que nos tenciona a considerar as mulheres como seres difíceis de decifrar. Criam-se tutoriais⁹ direcionados ao público masculino no intuito de ensinar este público técnicas de como compreender as mulheres, partindo do princípio que são elas sempre enigmáticas e de difícil compreensão.

Seria a mulher um espaço fecundo para a intensificação extrema dos instintos humanos. A bipolaridade comportamental, neste sentido, tem sido constantemente -

⁹ <http://pt.wikihow.com/Entender-as-Mulheres>

através de representações que naturalizam determinadas diferenças - associada às mulheres. Mesmo quando estão alegres continuam sujeitas à instabilidade da natureza feminina e a alegria pode se verter em tristeza em um piscar de olhos, ao mesmo tempo em que estão bem podem também estar mal rapidamente: mudam de humor constantemente a partir de uma inconstância problemática e muitas vezes patologizada. Quando a TPM chega, então, melhor até sair de perto, é o momento mais crucial onde elas se tornam absolutamente oscilatórias, imprevisíveis e até mesmo perigosas: “nunca discuta com uma mulher de TPM”, comumente ouvimos. Como se os homens fossem um poço de constância temperamental e coerência de sentimentos.

Como lidar harmoniosamente com alguém que não dá para entender? Com alguém incompreensível? É assim muitas vezes que enxergamos as mulheres, permeadas e permeados por representações que nos subjetivam e que muitas vezes reafirmam estas concepções. A mulher nesse sentido é vista como um problema, necessitando, pois, de estratégias especiais no convívio com elas. Seria preciso cuidado para lidar com elas, haja vista que trariam consigo nuances de personalidade que a racionalidade não seria capaz de acompanhar. É possível pensar também em que racionalidade - ela própria arbitrária e contestável - seria esta, e se ela realmente dá conta de tudo, isto é, de explicar tudo. Questiono-me, afinal: quem de nós, mulheres ou homens, não traz coisas que a racionalidade cartesiana não dá conta de entender?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei ao longo do presente trabalho complexificar sujeitos, relações sociais e estruturas discursivas de subjetivação, problematizando os modos a partir dos quais temos nos constituído enquanto mulheres e homens que se subjetivam o tempo todo a partir das experiências que vivenciam e constroem entre si. Neste sentido, procurei tecer um panorama dos processos de representação e demarcação identitária de mulheres e homens em alguns textos culturais - charges, cartuns e tirinhas - amplamente difundidos nos espaços midiáticos. No bojo destes processos dinâmicos e complexos - de atribuição de características “próprias” aos corpos sexuais - somos lidas e lidos a partir de determinados significados e sentidos sobre o “ser mulher” e sobre o “ser homem” culturalmente difundidos e muitas vezes naturalizados em textos humorísticos diversos. Estes significados inevitavelmente influenciam nossas condutas e nossas identidades de gênero, o que têm gerado também expectativas sociais sobre todas e todos nós. Se uma pessoa se apresenta como mulher, sobre ela já criamos quase que automaticamente uma série de determinações: espera-se que ela seja uma má motorista, que saiba cuidar com maestria de tarefas domésticas, que seja pouco racional, que seja vaidosa, dócil e maternal. Em contrapartida, sobre uma pessoa que se apresenta como homem também criamos expectativas, sendo estas, no entanto, bem diferentes das anteriores: espera-se que seja engenhoso, funcional, evoluído, desapegado de futilidades, mantenedor econômico do lar, etc.

Procurei sinalizar a partir das problematizações das charges, cartuns e tirinhas que podemos, entretanto, sermos não tão evidentes assim, que muitas vezes escapamos destas expectativas impostas e das rotas comportamentais que traçam por nós. Não cabemos - enquanto mulheres e homens - em representações generificadas, somos múltiplas/os demais para isto. Como nos diz Louro (2003, p. 15), *“os corpos não são, pois, tão evidentes como usualmente pensamos. Nem as identidades são uma decorrência direta das evidências dos corpos”*.

Se as identidades, aqui particularmente considerando as de gênero - incluindo habilidades, condutas, comportamentos e modos de se posicionar no mundo - não são decorrências diretas dos corpos, de onde elas vêm? Há, como foi possível perceber ao longo desta pesquisa, toda uma produção simbólica e discursiva que direciona e produz um corpo - feminino ou masculino - e seus significados a partir do sexo, que também é

socialmente produzido. Nós somos seres de cultura, somos o que somos por causa das experiências que vivenciamos, e não por causa das características anatômicas e sexuais que nasceram conosco.

Neste processo de produção engenhoso e minucioso, responsável por inserir nos corpos sexuados as características culturalmente mais apropriadas, procurei mostrar que textos humorísticos diversos têm assumido uma função importantíssima voltada para a naturalização de diferenças que são em última análise arbitrárias, construídas e mantidas por nós. Pelo viés do humor, como vimos, têm sido possível potencializar discursivamente uma variedade de noções que, de certa forma, atuam continuamente fixando posturas a serem exercitadas por mulheres e homens. O humor particularmente se constitui como um terreno bastante fértil para a efetivação destes processos de construção de “verdades” sobre as pessoas, haja vista que pela chancela da brincadeira - no humor pode tudo, aparentemente - e da piada livre que só objetivaria descompromissadamente causar riso nas horas vagas, muitas vezes deixamos de pensar seriamente e cuidadosamente no que pode estar sendo causado - inclusive em termos de violência - por estas representações humorísticas. Procurei então “levar a sério” elementos discursivos que por serem criadas no campo humorístico são lidas por nós muitas vezes como toleráveis: “É só uma piada, poxa”. As produções humorísticas, no entanto, nunca são neutras. Nenhuma enunciação, aliás, pode ser neutra. Não é por ser só uma piada que os sentidos trazidos por ela serão necessariamente indiferentes ou despreziosos. Busquei então problematizar estes sentidos, estando sempre atento aos processos de violência simbólica que podem estar sendo acionados por eles e investigando como as identidades de gênero têm sido representadas e fixadas pelos artefatos culturais analisados, compreendendo estes artefatos no vasto campo da pluridiscursividade e das relações entre saber, poder e verdade.

Com relação especificamente às mulheres, foram inúmeros os aspectos problematizáveis que fomos encontrando nas charges, cartuns e tirinhas: a mulher menos racional, a mulher pouco ágil ao volante, a mulher lenta e pouco funcional, a mulher que tem dificuldade com exatas, a imagem da loira burra, a mulher objeto, a mulher dotada de vaidade excessiva, a mulher como responsável pelo trabalho doméstico, a mulher assediada moralmente no âmbito profissional, a mulher problemática, a mulher materialista, a mulher interesseira, a mulher fútil, a mulher falsa, a mulher fofoqueira e a mulher ambígua. Percorremos ao longo das secções todas estas

representações - que abarcam consigo um potencial forte de subjetivação - encarando-as como instâncias discursivas que não necessariamente refletem fatos pré-existentes na vida cultural e coletiva, mas que criam estes fatos em torno de regimes de verdade específicos e temporais concernentes aos modos de conduta historicamente e socialmente definidos como femininos ou masculinos. A arbitrariedade reina em todas as representações que observamos e problematizamos.

Pude encontrar na análise cartográfica e a na análise do discurso com inspiração foucaultiana respaldos metodológicos riquíssimos que me (des)orientaram no decorrer de toda a pesquisa. A cartografia foi útil no sentido de me auxiliar a considerar e perceber o maior número possível de linhas de força que marcam presença em determinada representação e nos processos de subjetivação, conduzindo o trabalho para áreas que no início de tudo eu sequer imaginava que atingiria, como quando encontrei margem em determinado momento, por exemplo, para discutir a questão da pedofilia e da erotização precoce da infância. Percebo agora que tomar a decisão de pesquisar com inspiração cartográfica - estratégia metodológica capaz de dar vazão para nossa criatividade acadêmica justamente por não dicotomizar paixão e ciência - é uma atitude que pode nos reservar gratas surpresas.

A partir da análise do discurso com inspiração foucaultiana tive condições, também no sentido de considerar as tais linhas de força que transversalizam nossas subjetividades e os enunciados que construímos, de considerar as relações assimétricas que permeiam determinadas formações discursivas, tentar mostrar suas condições de existência, os saberes e poderes que acionam, as práticas sociais que chancelam como aceitáveis ou não, as exclusões e os processos de marginalização que geram.

Nesta empreitada estive o tempo todo preocupado em colocar em prática um estranhamento constante com relação a algumas coisas que estão postas para nós como naturais, incontestáveis ou óbvias: em que medida seriam tão naturais assim? Persegui a desnaturalização, a dúvida, o questionamento, a ruptura de estereótipos, de visões globais e generalizantes que acabam sendo reducionistas por não darem conta da complexidade que nos atravessa e de processos de estigmatização que nos marcam e nos fixam a partir de um binarismo que muitas vezes nos impede de olhar para além das caixinhas em que somos posicionadas e posicionados enquanto mulheres ou homens.

Compreendendo os textos humorísticos analisados como imersos no vasto campo da produção cultural contextualizada e sabendo também que tudo que acontece

neste âmbito traz marcas da luta pela significação, procurei mostrar que todas as representações problematizadas atendem a um projeto social de exclusão amplo e com raízes bem profundas: elas - as representações - objetivam significar algo para as pessoas e “querem” que as pessoas se alinhem a elas em uma tentativa incessante de alargar os limites de um significado ou de um conjunto de significados para o todo social, isto é, para a coletividade. Isto porque, inevitavelmente, a partir do momento em que determinada compreensão sobre algo toma forma, se amplia e se cristaliza generalizadamente nas mentes das pessoas que compartilham saberes e existências - e que vivem dentro de um mesmo espaço sociocultural - esta compreensão se eleva e ganha o estatuto de verdade, uma verdade construída.

As charges, cartuns e tirinhas, neste sentido, foram compreendidas no presente trabalho como textos culturais que participam ativamente da luta em torno da significação, tencionando maximizar cada vez mais significados específicos sobre o “ser mulher” e sobre o “ser homem”. Todas estas representações nos educam e nos formam, significam algo para nós. E aqui chamo a atenção para a necessidade de ampliarmos gradativamente o que temos compreendido por educação em nossas pesquisas, aproveitando para responder de antemão àquelas e àqueles que ainda neste momento da leitura podem estar se questionando o que este trabalho tem a ver com a educação ou qual o sentido de se inserir todas estas discussões de gênero no contexto de um mestrado em educação. Pois bem, a educação é um fenômeno histórico, social e cultural que está longe de se limitar à escolarização. É claro que as coisas que acontecem dentro das escolas são importantíssimas, assim como as pesquisas que se debruçam sobre elas. Mas não somente a escola educa: todo texto cultural tem uma pedagogia implícita.

Sabat (2001, p. 09), ao tomar o espaço midiático como campo fértil de pesquisa e investigação educacional, pondera que:

A maioria dos estudos realizados no campo educacional esteve por muito tempo voltado para a instituição escolar como espaço privilegiado de operacionalização da pedagogia e do currículo. Hoje, entretanto, torna-se imprescindível voltar a atenção para outros espaços que estão funcionando como produtores de conhecimentos e saberes, e a mídia é apenas um desses exemplos.

Todas as ideias e representações ao nosso redor - mesmo que não concordemos ou que não nos alinhemos a elas - nos educam, nos instruem, produzem em nós sentidos, nos subjetivam, nos ensinam e nos formam. Estamos falando, pois, de

instâncias formativas diferentes entre si, formais e informais. Em todas estas instâncias residem pedagogias culturais que, conforme aponta Silva (2000b, p. 88), podem significar “*qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido - em conexão com relações de poder - no processo de transmissão de atitudes e valores, tais como o cinema, a televisão, as revistas, os museus, etc*”.

É possível, por fim, percebermos que todos os textos culturais problematizados contam com uma pedagogia cultural atuando continuamente na transmissão de atitudes e valores que muitas vezes segregam, excluem e violentam, e que não se gestam fora das relações de poder e das lutas simbólicas em torno construção de verdades coletivas. Todas estas ideias e conceitos - educação, poder, cartografia, análise do discurso, estereótipos, estigmas, verdade, pedagogia cultural, gênero, valores, segregação, simbolismos, discurso, enunciado, enunciação, formação discursiva, violências, performatividade, identidades, subjetividades, diferenças, cultura, linguagens, construção discursiva, texto cultural, formação subjetiva, significação, representação, desconstrução, inquietação e desnaturalização - compuseram de uma forma ou de outra a nuvem de possibilidades que me permitiram produzir este trabalho.

Por fim, gostaria de acionar um modo de pensar que nos inspire, de certo modo, a lançar sobre tudo que analisamos um olhar um pouco mais otimista: todas as pedagogias culturais que se alinham a uma perspectiva normativa e instrumentalizadora, particularmente no tocante à polarização e universalização de características femininas e masculinas, não devem ser encaradas apenas como mecanismos de fixação identitária, haja vista que podem nos possibilitar também mudanças substanciais e possibilidades incontáveis de subversão das próprias normas. Se uma norma existe, ela é passível de questionamento. A norma é vulnerável. Algumas representações podem parecer rígidas demais para instigar uma possibilidade de mudança, mas devemos nos lembrar que os olhares sobre elas são muitos e que alguns deles podem se inquietar, e muito possivelmente se inquietarão, de fato.

Infelizmente - e não por acaso - a maioria das representações humorísticas que encontramos ao buscarmos na internet “charges sobre mulheres e homens”, de uma forma ou de outra acabam por secundarizar as mulheres e tudo aquilo que elas representam na história da humanidade, ou pelo menos refletir uma situação de opressão. O “não dito” ou o “pouco dito”, no entanto, muito tem a nos dizer. Existem outras formas de “ser mulher” e de “ser homem” que são silenciadas e invisibilizadas.

Outras representações - poucas, se comparadas com o montante de artefatos que subjagam o feminino - trazem uma certa descontinuidade de modo mais explícito, marcando o lugar da mulher como alguém que aos poucos vai se recusando a uma sujeição patriarcal, e é com esta ideia que eu gostaria de “encerrar” este trabalho:

:



Fonte: <http://www.wilsonvieira.net.br/2013/08/charges-de-domingo-feministas.html>

Que fique claro: este “pé na bunda” não se constitui como um “pé na bunda” dos homens, o que seria uma opressão invertida, mas sim como um “pé na bunda” do machismo e dos homens machistas. Esta é minha leitura do quadrinho acima. Depois de um passado tradicionalmente patriarcal de abuso que tem historicamente relegado às mulheres um espaço subsidiário na sociedade, podemos pensar que respiramos hoje ares de igualdade, onde muitas mulheres têm assumido uma postura ativa, encorajada e admirável diante de todas as restrições a elas impostas, não aceitando, portanto, a ocupação de lugares secundários, não aceitando violências e não aceitando opressão. Respiramos ares de igualdade, como disse, mas ainda não a atingimos. Mas há de se considerar as vitórias já alcançadas, graças àquelas que nos antecederam e que corajosamente lutaram em momentos históricos muito mais sufocantes. À memória dessas mulheres, minha profunda admiração e respeito. O caminho é longo e repleto de barreiras, o machismo é forte e profundamente arraigado, mas precisamos pensar que não é invencível. Sempre existiram - e sempre existirão - aquelas e aqueles que inspiradas/os por uma coragem e por um desejo de mudança, resistem. Esta resistência tem acontecido em diferentes espaços, e todos eles são importantes. Seja no meio

acadêmico, no ativismo, na vida diária, no cinema, na música ou na produção artística de um modo geral, as inquietações borbulham e devemos agir - cada um a partir de seu local de fala - para que as borbulhas não cessem.

Diante das incontáveis possibilidades de ser e estar no mundo que crescem exponencialmente ao nosso redor, espero que este trabalho possa contribuir para produzir novas inquietações que incidam cada vez mais contra os binarismos de gênero, tendo em vista que estes binarismos, por se pautarem em critérios de diferenciação completamente questionáveis e arbitrários, contradizem o que somos, isto é, seres que transitam e que se constroem indefinidamente em múltiplos processos, (re)significando muitas vezes a própria existência. As pessoas comumente escapam pelos dedos dos discursos, fluem, negociam, jogam, deslizam, resistem e transitam. É imprescindível que consideremos e que pensemos nesta transitoriedade que possui uma beleza ímpar.

Este trabalho não acaba aqui. Como devir-dissertação, ele se lança no oceano da produção acadêmica aberto a novos olhares, novas questões, novas problematizações. Existem portas abertas e muitas questões ainda para serem exploradas - mas que não foram previstas para este trabalho em particular - como as interseccionalidades de gênero, as transgeneridades e as possibilidades infinitas entre o “ser mulher” e o “ser homem” que não foram aqui contempladas, mas que também me incitam de certo modo. Não estou finalizando nada, e nem pretendo aqui responder nenhuma pergunta exata ou concisa, como é de costume em muitos trabalhos com inspiração cartesiana. Minha postura teórico-acadêmica é outra, como procurei deixar claro desde o início. Acredito no potencial contributivo desta pesquisa não para fornecer respostas pontuais a perguntas específicas, mas para fazer soar problematizações, ampliar os modos a partir dos quais temos enquadrado pessoas, levantar poeira e principalmente produzir ainda mais questões acerca de como temos nos subjetivado em inúmeros processos enquanto seres de linguagem, como lidamos com as normatizações e cristalizações de verdades e como muitas vezes difundimos e levamos adiante certos discursos estereotipados e problemáticos permissionadas/os pela chancela do humor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, L. M. **As potencialidades do pensamento cartográfico: a cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual**. Anais do 13º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Caxias do Sul, 2010. Disponível em: http://geografias.net.br/papers/12_LisianeAguiar.pdf, acessado em 22/03/17.

ALMEIDA, M. F; MOURA, A. R. L. **Desconstrução: As relações de gênero e a Educação Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Anais do XI Encontro Nacional de Educação Matemática - ISSN 2178-034X, 2013.

ARAÚJO, A. As realidades e os contextos do assédio moral no local de trabalho. In: LIMA, J.; PEREIRA, M. J.; SILVA, M. M. A. **A multiplicidade das violências: um real bem feminino**. Aveiro: Tipografia Lousanense, 2014.

BRUSCHINI, M. C. A. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 12, p. 537 - 572, 2007.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BUTLER, J. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARVALHO, M. E. P. **Pierre Bourdieu sobre Gênero e Educação**. Revista Ártemis, vol. 01/dez. João Pessoa, 2004.

CHASSOT, A. **A Ciência é masculina? É, sim senhora!** Contexto e Educação - Editora Unijuí, ano 19, nº 71/72, p. 9 - 28, 2004.

CORRÊA, V. S. A; SIPRAKI, R; SOARES, M. T. C. S. **Uma análise de gênero: Resultados matemáticos no PISA (Brasil e Argentina)**. Boletim da Sociedade Brasileira de Educação Comparada. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.sbec.org.br/evt2012/trab54.pdf>, acesso em 30/09/14.

DANIEL, C. **O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho**. O social em questão, ano XIV - nº 25/26, p. 323 - 344, 2011.

DAVIS, N. Z. **"Women's History" in Transition: The European Case**. Feminist Studies, vol. 3, n. 3/4. p. 83-103, 1976.

DELEUZE, G. **Conversações**. 5ª reimp. São Paulo: Editora 34, 2006.

DIELO, M. L. **Michel Foucault e a problematização da subjetivação - para o cultivo e a transformação de si** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria - Centro de Ciências Sociais e Humanas, 2009.

DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FILHO, K. P.; TETI, M. M. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.38, p.45-59, jan./jun. 2013.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FRANCHI, G. M. **As piadas de loira e suas condições de produção**. Língua, Literatura e Ensino - IEL UNICAMP, v. 2, maio/2007.

FISCHER, R. M. B. **O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise**. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 59-80, 1997.

FISCHER, R. M. B. **Foucault e a análise do discurso em Educação**. Cadernos de Pesquisa, n. 114, p. 197 - 223, novembro/2001.

FISCHER, R. M. B. **Foucault revoluciona a pesquisa em Educação?** Perspectiva, Florianópolis, v. 21, n. 02, p. 371 - 389, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HOOKS, B. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: LOURO, G. L. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

JUNIOR, A. S. **A hermenêutica do sujeito em Michel Foucault**. Revista AdVerbum, vol. 4 (2), p. 95 - 103, 2009.

LOURO, G. L. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

LOUSADA, I. Mulheres entre muros: do moral ao social. In: LIMA, J.; PEREIRA, M. J.; SILVA, M. M. A. **A multiplicidade das violências: um real bem feminino**. Aveiro: Tipografia Lousanense, 2014.

MONTEIRO, L. V. Breve reflexão sobre assédio moral e sexual no local de trabalho. In: LIMA, J.; PEREIRA, M. J.; SILVA, M. M. A. **A multiplicidade das violências: um real bem feminino**. Aveiro: Tipografia Lousanense, 2014.

- NETO, P. P.; CAPONI, S. N. C. **A medicalização da beleza**. Interface - Comunicação, Saúde e Educação, v. 11, n. 23, p. 569 - 584, 2007.
- NOVAES, J. V.; VILHENA, J. **De Cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiura**. Interações, v. 8, nº 15, p. 9 - 36, 2003.
- OLIVEIRA, M. O.; MOSSI, C. P. **Cartografia como estratégia metodológica: inflexões para pesquisas em educação**. Conjectura: Filos. Educ., v. 19, n. 3, p. 185 - 198, 2014.
- PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.
- ROMAGNOLI, R. C. **A cartografia e a relação pesquisa e vida**. Psicologia & Sociedade; 21 (2): 166 - 173, 2009.
- SABAT, R. **Pedagogia cultural, gênero e sexualidade**. Revista Estudos Feministas, p. 09 - 21, v. 09, n. 01, 2001.
- SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 7ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1995.
- SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, 1995.
- SEVERIANO, P. **Pesquisar com Michel Foucault**. Textura, v. 18, n. 36, p. 265 - 285, jan./abr. - 2016.
- SEVILLA, G. G. **Pedagogias de gênero e sexualidade em artefatos culturais: reflexões sobre uma experimentação**. 37ª Reunião Nacional da ANPEd. UFSC, Florianópolis, 2015.
- SILVA, L. L.; COELHO, E. B.; CAPONI, S. N. **Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica**. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v. 11, n. 21, p. 93 - 103, 2007.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, T. T. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000a.
- SILVA, T. T. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000b.
- SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2ª ed. 10ª reimp. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.

SOUZA, M. C. R. F; FONSECA, M. C. F. R. **Conceito de Gênero e Educação Matemática**. Bolema, ano 22, nº 32. Rio Claro, 2009.

SOUZA, M. A. **Discutindo a relação gênero/trânsito na escola**. Rev. Triang.: Ensino, Pesquisa e Extensão. Uberaba, v. 3, n. 1, p. 3 - 13, jan./jun. 2010.

TEBALDI, E.; FERREIRA, V. R. T. **Comportamentos no trânsito e causas da agressividade**. Revista de Psicologia da UnC, vol. 2, n. 1, p. 15 - 22, 2004.

TRINDADE, R. **Ética dos devires**. Blog Razão Inadequada [conteúdo online], 2016. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/filosofos-essenciais/deleuze/etica-dos-devires>, acessado em 20/07/17.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a Educação**. 3ª ed. 2ª reimp. Coleção Pensadores & Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

VIANA, C. P. **O sexo e o gênero da docência**. Cadernos Pagu [online], n. 17 - 18, p. 81 - 103, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a03.pdf>, acessado em 13/03/17.

WALKERDINE, V. **A cultura popular e a erotização das garotinhas**. Educação & Realidade, 24(2), p. 75 - 88, jul/dez, 1999.